

# ex

ANO I · Nº 4 · FEVEREIRO · 74

JORNAL DE  
TEXTO,  
HISTÓRIA EM  
QUADRINHO,  
FOTOS E DISCOS  
VOADORES



Cr\$4,00



## DISCO VOADOR LEVOU NÓS DOIS A BORDO

Os dois estavam pescando. Ouviram um Zzzzzzz atrás deles . . . Página 14

## INFERNO 821



Um dos 11 sobreviventes da tragédia de Orly, Claunor Bello, conta toda a fantástica aventura do vôo 821 — o maior desastre da história de nossa aviação comercial. Página 3



### Telegrama da Morte para ROBERTO CARLOS

Página 13



## THE PELE STORY

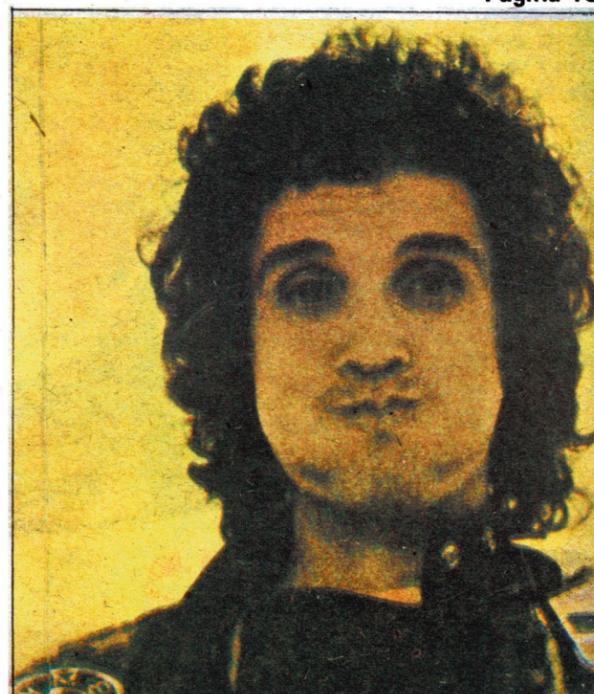
Página 27

### ABAIXO REICH !

Entrevista com David Cooper, o pai da antipsiquiatria, que ataca Wilhelm Reich e fala de seu novo livro, "A Gramática de Viver".

Página 22

DON MARTIN





o jogo do "pega, mata e come"

CARCARÁ é um dos mais fascinantes e antigos jogos do mundo. Há mais de 3.500 anos, todos os que jogam CARCARÁ tornam-se escravos de seus emocionantes segredos.

Carcará é o jogo do come-cor. Você pega as suas pedras e come o inimigo senão o inimigo te come. É a lei da selva: Matou, tem que comer. Quem tiver peido, que coma a 1ª pedra. Carcará. Da Estrela.



**A Estrela apresenta Carcará, o jogo do pega-mata-e come.**

ex-4

## EXCLUSIVO

ocê depende de  
até p  
um c

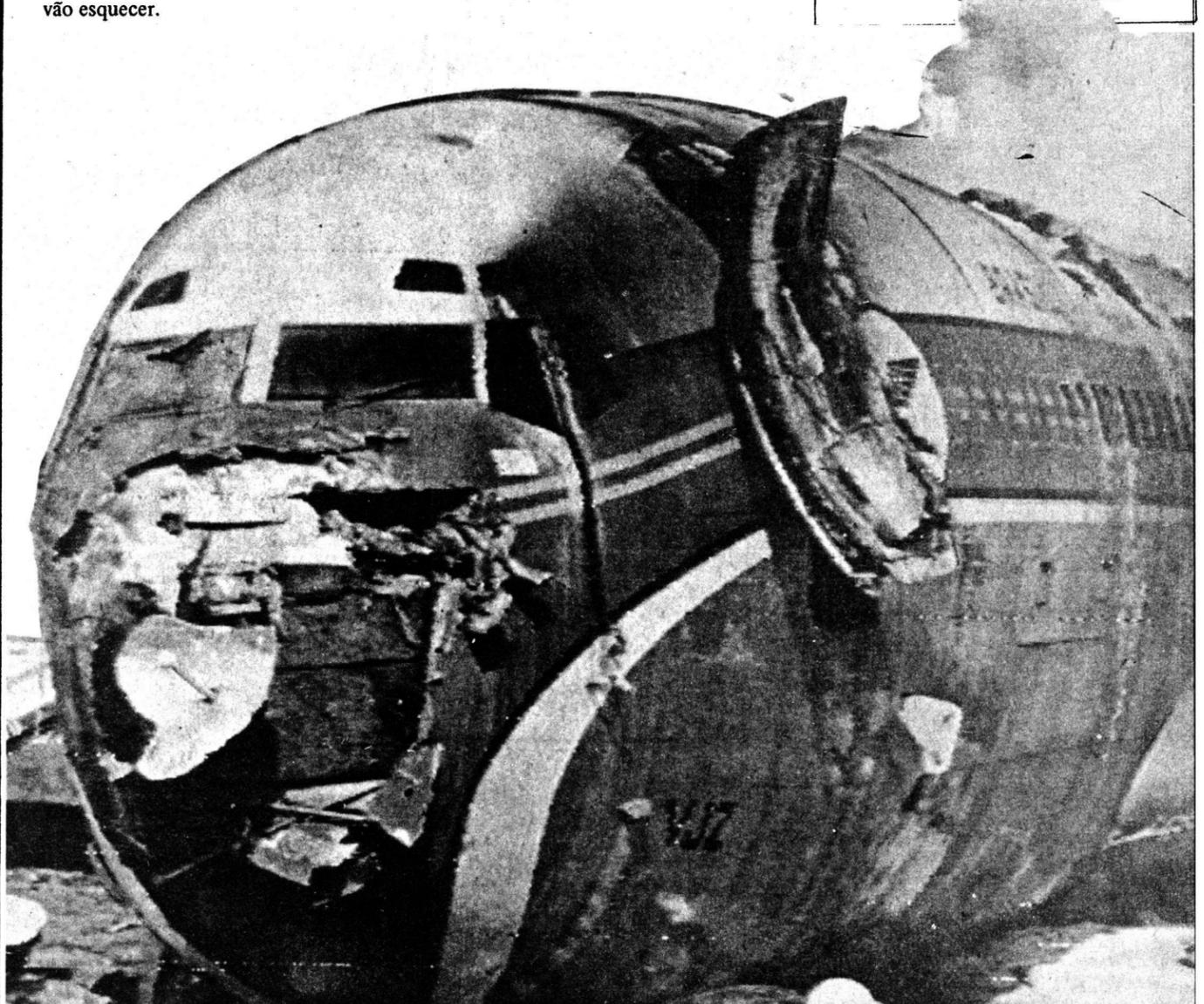


“É como um vídeo-tape rapidíssimo de toda a vida da gente ...” essa é a lembrança que Claunor Bello guarda daqueles momentos em que o Boeing, cheio de fumaça mortal, se precipitava a 700 km/h sobre uma plantação de cebolas perto de Orly, França.

Claunor Bello era um dos dois engenheiros de vôo (o outro teve a cabeça arrebatada no primeiro impacto do avião contra o solo) do PP-VJZ e seria um dos 11 sobreviventes desse que foi o mais trágico desastre registrado por nossa aviação comercial.

Calmo, como é de seu feitio, Claunor contou em detalhes a pior aventura de sua vida, desde a véspera, quando teve uma espécie de pressentimento e quando recebeu vários convites de companheiros de trabalho para não seguir no PP-VJZ (“troca esse vôo comigo, preciso quebrar um galho em Paris.”), até a sua chegada ao Brasil, dias depois.

Nada se sabe, nem ele ouviu falar ainda, sobre as causas da fumaça que em segundos transformou o Boeing numa câmara de gás. Muitas das coisas que Claunor diz aqui, foram contadas por ele resumidamente à imprensa, em Congonhas, assim que desembarcou vindo de Paris. Não há nenhuma *revelação sensacional* nas duas horas e meia da entrevista concedida por Claunor Bello ao Ex-, mas há o relato humano de todo o drama de um vôo Rio-Paris que pelo menos 11 homens jamais vão esquecer.



CAMPANHA

BANDEIRA

6

Um cara que todo mundo xinga a mãe.  
Que trabalha 12 horas por dia.  
Que é assaltado e assassinado a 3 por 2.  
Que envenena o pulmão e a cuca diariamente, esse cara merece uma estátua.

VAMOS CONTRUIR UMA ESTÁTUA PARA O MOTORISTA DE TAXI DE SÃO PAULO.

Adesões:  
Rua Santo Antonio, 1043

## A tragédia de ORLY

Personagens desta história: (*sobreviventes*) Gilberto, comandante; Fuzimoto, 1º oficial; Alvio, 2º oficial; Claunor, engenheiro de vôo; Zilmar, navegador; Galletti, chefe da equipe de comissários; Carmelino, Coelho, Alain e Andréa, comissários; Helmo, 1º oficial; Helmo, 2º oficial; Diefenthaler, engenheiro de vôo; Heleno,

**Apostamos que dentro  
de alguns meses o  
seu herói predileto  
será um dos  
super-professores das  
Faculdades Objetivo.**

Já estão abertas as inscrições para o vestibular dos cursos de Psicologia Clínica e Experimental, Comunicação, Letras e Pedagogia.

Para os cursos de Comunicação, Letras e Pedagogia, as provas serão de Português, Inglês ou Francês, História e Geografia.

Para os cursos de Psicologia as provas serão de Português, Inglês ou Francês,

História, Geografia e Conhecimentos Gerais de Ciências e Matemática.

Guias de estudo com programa e roteiro das matérias estão à disposição dos candidatos.

Venha conhecer seus novos super-heróis e suas incríveis máquinas de ensinar.

Há 200 vagas para cada curso, nos períodos da tarde e da noite.

# **FACULDADES OBJETIVO**

Aprovadas pelo C.F.E (parecer n.º 63/72)  
e autorizadas pelo decreto n.º 70.324.

Informações e inscrições  
das 9 às 21 horas, na  
av. Paulista, 900, 3.º andar.

# INFERNO 821

ENTREVISTA COM CLAUOR BELLO, TRIPULANTE DO BOEING BRASILEIRO EM QUE MORRERAM 123 PESSOAS 8 MESES ATRÁS.

— Vamos começar pela véspera. Parece que você sentia já na véspera do vôo alguma coisa de "diferente" com você. Como foi?

— É. Quando cheguei em casa na hora do almoço, a Flora, minha mulher, me trouxe o papel da Varig. Como eu estaria de plantão na terça-feira, dia seguinte, eles estavam me solicitando para um vôo, o vôo 821. Paris. Mas não era o meu vôo; eu tinha um vôo oficial na sexta-feira para Madri. E esse era um vôo assim... ruim, porque demorava muito tempo fora. Mas me solicitaram na terça. Aí, como eu tenho um folheto que diz todos os vôos, fui ver o 821, Paris, quando ele voltava. Voltava na sexta-feira.

— Da mesma semana?

— Da mesma semana. Quer dizer que eu fiquei contente. A Flora também, que nós podíamos passar o fim de semana em algum lugar, passear com as crianças. "Puxa que bom que veio esse vôo", tal. Aí eu devia telefonar para a *escala*, confirmando que tinha recebido o aviso. Telefonei para a *escala*, do Rio, falei "Olha, recebi o aviso, positivo, pode confirmar meu vôo para Paris". E o rapaz da *escala* me disse "Olha, se você não quiser fazer, tem uns dois aqui peruando o seu vôo, se você não quiser"... Eu falei "Não, eu vou porque vai e volta", e eles até deram risada: "É, eu já sabia que você ia confirmar, porque é um vôo bom, vai e volta". Então insistiram: "Você vai mesmo?". Eu falei "Vou, pode falar pros outros aí que eu confirmo o vôo."

— Quantas vezes você foi a Paris antes?

— Ah, eu ia sempre antes, uma ou duas vezes por mês. Às vezes ficava uma temporada sem ir, não tem dia certo, o que tem de certo é fazer, alternadamente, um vôo para a América, um para a Europa. América, podia ser Los Angeles, Miami, Nova York, e Europa é Paris, Roma, Lisboa, Madri.

— Um por semana?

— Sempre, mais ou menos, dá um vôo por semana.

— Então, naquela segunda feira...

— Aí então, eu confirmei o vôo e na terça-feira, eu não sei se era algum presságio, alguma coisa, porque normalmente o dia de vôo para mim é uma correria tremenda, tem que fazer um monte de coisas, negócios de minha firma (importadora) tal, tenho que deixar tudo certinho, venho correndo, almoço, ainda saio de novo, volto, e depois é que eu vou embora, vou sempre na ponte aérea das quatro, pro Rio. Mas nesse dia falei para a Flora: "Ah, eu não vou fazer mais nada hoje, vou deitar um pouco". Fiquei com ela descansando até as três horas, levantei, arrumei a mala, devagar, como dizendo, "eu tô com uma moleza..."

— O avião saía a que horas?

— Bom, o avião saía às onze da noite do Rio, mas a gente tem que ir sempre bem antes porque a companhia exige que a gente vá pro hotel e descanse antes do vôo. Sei que acabei indo na ponte das cinco horas. Então, cheguei seis e pouco no Rio, fui pro hotel, o pessoal já tinha se comunicado com o *reserva*, porque todo

o dia tem um reserva no aeroporto; como eles estavam vendo que eu não chegava, deixaram já de sobreaviso o reserva.

— Quem era?

— Inclusive, o cara quando cheguei, ele... puxa, estava certo que ia fazer o vôo. Era João Alfredo, aqui de São Paulo também. Além disso, no hotel, já tinha outro me esperando, querendo trocar o vôo, um cara muito amigo meu, também de São Paulo, o Martelli. Ele disse: "Pô, tava te esperando, pensei que você não fosse chegar mais, porque eu queria ver se trocava o vôo com você..."

Eu falei: "Qual é o seu vôo?" Ele falou: "Madri". Eu falei: "Troco. Não tem problema nenhum, mas depende de quando volta". Ele falou:

"Ah, volta no sábado". Eu falei: "Ah, então não vou trocar, porque vou voltar na sexta. E eu na sexta quero estar aqui porque está chegando um despacho de discos meus, a importação lá da firma, por isso eu não vou trocar". Ele falou: "Pô, troca, eu tenho uns negócios pra fazer lá, ver uns amigos..." Conversa de je, né?

— Casado também?

— Também.

— Tem filhos?

— Tem uma filhinha. Ele mora até perto de casa. Aliás, antes disso, antes de sair, nós fomos jantar juntos lá perto do hotel...

— Que hotel?

— O Plaza, em Copacabana.

— Você e o Martelli?

— Eu, o Martelli e o outro que estava no vôo comigo. Porque são dois engenheiros de vôo. Esse tinha vindo de Porto Alegre, veio cedo, né? Dormiu a tarde toda, levantou descansadinho e foi jantar conosco. E o Martelli ainda tentando querer me demover desse vôo, pra trocar, e ao mesmo tempo fazendo com que o outro ouvisse, pra ver se o outro dava alguma deixa, mas o outro também não estava a fim de trocar.

— Como é que se chamava o outro?

— Diefenthaler.

— O que voou?

— O que voou junto comigo e que morreu. Aí, o Martelli falou: "E você, Diefenthaler? Você não quer trocar?" Ele falou: "Quê! Eu já tenho o fim de semana programado lá em Porto Alegre com a família", e começamos a bater papo e passou um amigo meu e disse: "É, e aquele negócio? e não sei quê," eu levantei para ir conversar com ele, aí voltei. Logo depois veio outro cara e me chamou também, e sempre negócio, aí o Diefenthaler chegou para mim e falou: "Puxa, você tá sempre enrolado, correndo..."

— Ele ia pra onde?

— Pra Madri. Ele falou: "Cumé, vamos trocar ou não vamos?" Riu, depois perguntou: "E então, conseguiu conversar o cara pra ir dormindo?" Eu falei: "É, daí a pouco já tô dormindo". Nós fomos decolar acho que às onze, não lembro bem, aí tivemos um aviso que ia atrasar, tanto é que a imprensa bateu muito nisso: que o avião estava em pane.

— Ele vinha voando já?

— Não, ele estava lá. O que atrasou a saída foi o vôo de conexão, que vinha trazendo passageiros de Buenos Aires, Mon-

tevideu e Santiago do Chile — chegou uma hora e meia atrasado, entendeu? Então atrasou, saímos à uma hora da manhã, mais ou menos.

— Os passageiros não falaram nada?

— Não. Inclusive eu ví quando entrou aquele iatista, o Bruder, não queriam deixar ele levar o equipamento em cima da cabine; e outra, porque ele tinha uns *flares*. Sabe o que é *flare*? São uns foguetes de sinalização. Por exemplo, ele tá em alto mar e surge uma emergência qualquer... é como se fosse um SOS, pra iluminar o céu. Isso aí é perigoso no vôo, se dá uma diferença de pressão, pode acontecer qualquer coisa. Já houve um incêndio a bordo por causa disso, então é proibido. Ele foi falar com o comandante, depois falou comigo e eu: "Mas isso é pra própria segurança sua, e de todos os passageiros, não pode levar a bordo isso de jeito nenhum". Então ele teve que deixar esse equipamento em terra. Aí, depois disso, nós fomos pra cabeceira da pista, fizemos o cheque antes da decolagem, tudo normal, decolamos e fomos...

— Você em conversa, outro dia, me disse que tinha acontecido alguma coisa com um comissário de bordo na perua que leva os tripulantes do saguão do aeroporto até o avião...

— Ah, foi a conversa entre o Mascarenhas e o Galetti. O Mascarenhas é comissário e o Galetti o chefe da equipe de comissários. Aí, depois que se cumprimentaram, o Mascarenhas dizendo: "O Galetti, como vai? há quanto tempo a gente não voa juntos, e tal..." e aquele papo normal de tripulante, sabe? Aí o Galetti perguntou: "Você tá meio chateado?" Aí o Mascarenhas falou: "Pô, eu não tô com vontade de fazer esse vôo, tô com um peso, sei lá. Fala que eu te xinguei, assim você me põe fora desse vôo, porque eu não tô afim de fazer esse vôo." E o Galetti: "Que nada, se morrer, vamos morrer abraçados, dando risada." E esse Mascarenhas morreu.

— O Galetti não?

— Não, o Galetti se salvou.

— Bom, então vocês saíram para o vôo...

— Decolagem normal, a gente espera a decolagem, aí vem o jantar, mas eu já tinha jantado antes, então fui dormir...

— Dorme-se em beliche?

— Em beliche, mas só os tripulantes técnicos. São quatro beliches, que é pro comandante, o primeiro-oficial, o engenheiro de vôo e o navegador.

— E o resto?

— São os comissários, mas eles dormem nas cadeiras lá atrás. Aí eu dormi, quando chegou na metade do vôo o Diefenthaler veio me acordar e...

— A metade do vôo é onde, mais ou menos?

— Bom, eu só sei em horas. Esse vôo era de onze horas, ele me chamou depois de cinco horas e meia de vôo. Porque Paris leva quase onze horas.

— Direto?

— Direto. O vôo seria direto, mas aí é que tem o pormenor: o Diefenthaler me acordou, eu me lavei, sentei no painel, ele levantou e tal, e quando um passa o servi-

afastado dos vôos por uns sete meses, porque tinha sofrido um acidente numa motocicleta, onde quase morreu! Depois voltou a voar, e essa era a primeira vez depois do acidente que encontrei com ele e voamos juntos. Ele tinha sido inclusive meu instrutor quando entrei no Boeing. Tinha ficado baseado dois anos em Los Angeles fez curso de piloto lá, um cara inteligente paca! Porque a profissão de engenheiro de vôo está meio a perigo, parece que agora vão exigir que o cara tenha carteira de piloto, para os equipamentos superiores, entende? como vinha DC-10, ia começar a vir Jumbo e não sei o quê, todos os caras estão se virando. Então, nós estávamos nesse papo, e eu falei: "Pelo amor de Deus, se eu morrer amanhã, que *confusa* que eu deixo!" Bom, aí, jantamos, nós trocamos, pusemos o uniforme e fomos.

— Quantos tripulantes são?

— Cada vôo? Catorze, quinze, ... então, às vezes saem três vôos, seguidos e uns ônibus bem grandes pegam a gente no hotel e deixam a gente no aeroporto. Então, como ele era mais antigo, tinha prioridade de escolher qual o período que ia fazer. Porque durante o vôo, um trabalha da decolagem até a metade; e o outro vai dormir, descansando. Depois o outro acorda, pega na metade, e faz até o pouso.

— Isso, o Diefenthaler?

— É. E eu, que estava querendo fazer o segundo trecho porque não descansi no hotel, perguntei a ele: "Como é, como é que vamos fazer a separação? Ele falou: "Eu vou dormir no primeiro trecho..." mas percebeu que eu fiquei meio assim, e falou: "Por que? você..." Eu falei: "Não, porque eu cheguei de São Paulo agora pouco e não deu tempo de descansar, se não tivesse importância gostaria de dormir no primeiro trecho." Ele falou: "Ah, OK, eu dormi à tarde, tô descansado, você vai dormindo." Isso já foi o primeiro indício de que, se eu estivesse no lugar dele durante o vôo pode ser que tivesse acontecido o contrário. Aí, fui para o avião, cada um vai checar os equipamentos, eu ou ele, o que vai dormir checa lá fora, e o outro checa a cabine interna onde vai trabalhar, sair trabalhando...

— O engenheiro de vôo é que checa o avião por fora?

— Por fora e por dentro. Vem uma ficha da *manutenção*, a gente vê os *reportes* anteriores, o que eles fizeram. Então estava tudo em ordem, não tinha problema nenhum, aí o Martelli veio, porque o Martelli estava também lá fora, o avião dele perto do meu.

— Ele ia pra onde?

— Pra Madri. Ele falou: "Cumé, vamos trocar ou não vamos?" Riu, depois perguntou: "E então, conseguiu conversar o cara pra ir dormindo?" Eu falei: "É, daí a pouco já tô dormindo". Nós fomos decolar acho que às onze, não lembro bem, aí tivemos um aviso que ia atrasar, tanto é que a imprensa bateu muito nisso: que o avião estava em pane.

— Ele vinha voando já?

— Não, ele estava lá. O que atrasou a saída foi o vôo de conexão, que vinha trazendo passageiros de Buenos Aires, Mon-

tevideu e Santiago do Chile — chegou uma hora e meia atrasado, entendeu? Então atrasou, saímos à uma hora da manhã, mais ou menos.

— Os passageiros não falaram nada?

— Não. Inclusive eu ví quando entrou aquele iatista, o Bruder, não queriam deixar ele levar o equipamento em cima da cabine; e outra, porque ele tinha uns *flares*. Sabe o que é *flare*? São uns foguetes de sinalização. Por exemplo, ele tá em alto mar e surge uma emergência qualquer... é como se fosse um SOS, pra iluminar o céu. Isso aí é perigoso no vôo, se dá uma diferença de pressão, pode acontecer qualquer coisa. Já houve um incêndio a bordo por causa disso, então é proibido. Ele foi falar com o comandante, depois falou comigo e eu: "Mas isso é pra própria segurança sua, e de todos os passageiros, não pode levar a bordo isso de jeito nenhum". Então ele teve que deixar esse equipamento em terra. Aí, depois disso, nós fomos pra cabeceira da pista, fizemos o cheque antes da decolagem, tudo normal, decolamos e fomos...

— Você em conversa, outro dia, me disse que tinha acontecido alguma coisa com um comissário de bordo na perua que leva os tripulantes do saguão do aeroporto até o avião...

— Ah, foi a conversa entre o Mascarenhas e o Galetti. O Mascarenhas é comissário e o Galetti o chefe da equipe de comissários. Aí, depois que se cumprimentaram, o Mascarenhas dizendo: "O Galetti, como vai? há quanto tempo a gente não voa juntos, e tal..." e aquele papo normal de tripulante, sabe? Aí o Galetti perguntou: "Você tá meio chateado?" Aí o Mascarenhas falou: "Pô, eu não tô com vontade de fazer esse vôo, tô com um peso, sei lá. Fala que eu te xinguei, assim você me põe fora desse vôo, porque eu não tô afim de fazer esse vôo." E o Galetti: "Que nada, se morrer, vamos morrer abraçados, dando risada." E esse Mascarenhas morreu.

— O Galetti não?

— Não, o Galetti se salvou.

— Bom, então vocês saíram para o vôo...

— Decolagem normal, a gente espera a decolagem, aí vem o jantar, mas eu já tinha jantado antes, então fui dormir...

— Dorme-se em beliche?

— Em beliche, mas só os tripulantes técnicos. São quatro beliches, que é pro comandante, o primeiro-oficial, o engenheiro de vôo e o navegador.

— E o resto?

— São os comissários, mas eles dormem nas cadeiras lá atrás. Aí eu dormi, quando chegou na metade do vôo o Diefenthaler veio me acordar e...

— A metade do vôo é onde, mais ou menos?

— Bom, eu só sei em horas. Esse vôo era de onze horas, ele me chamou depois de cinco horas e meia de vôo. Porque Paris leva quase onze horas.

— Direto?

— Direto. O vôo seria direto, mas aí é que tem o pormenor: o Diefenthaler me acordou, eu me lavei, sentei no painel, ele levantou e tal, e quando um passa o servi-

# O 1º aviso do que ia acontecer

ço pro outro, passa as condições, como é que está, se tem alguma coisa; a máquina em si não tinha problema nenhum, o que estava havendo de problema é que nós tínhamos que pousar em Lisboa, porque o combustível não ia dar prá chegar até Paris. Porque o vento estava muito de frente, então a velocidade cai, e gasta-se mais combustível prá chegar no destino. Então, quando o vento é muito forte, sobe o consumo de combustível e às vezes não dá pra chegar, então tem que ser feito um pouso intermediário. E foi essa outra das razões que levou a imprensa também a atacar muito a Companhia. Dizendo que o avião estava em pane, que estavam prá resolver se era pra pousar ou não. Conversa mole! Até àquela altura, o avião não tinha nada, nada, nada. Aí, o Diefenthaler me explicou: "Olha, já avisei o comandante Gilberto que nós vamos pousar em Lisboa". Porque quem faz o cálculo do combustível somos nós, praticamente de dez em dez mil libras, nós fazemos um cálculo, prá ver como é que vai indo o consumo, e avisamos o comandante. Então temos um mapa, onde a gente vai botando as posições com o devido consumo, pra ver quanto está gastando e quanto deveria gastar. Por aí a gente sabe se vai chegar no destino ou não.

— **Pode acabar num lugar onde não haja campo?**

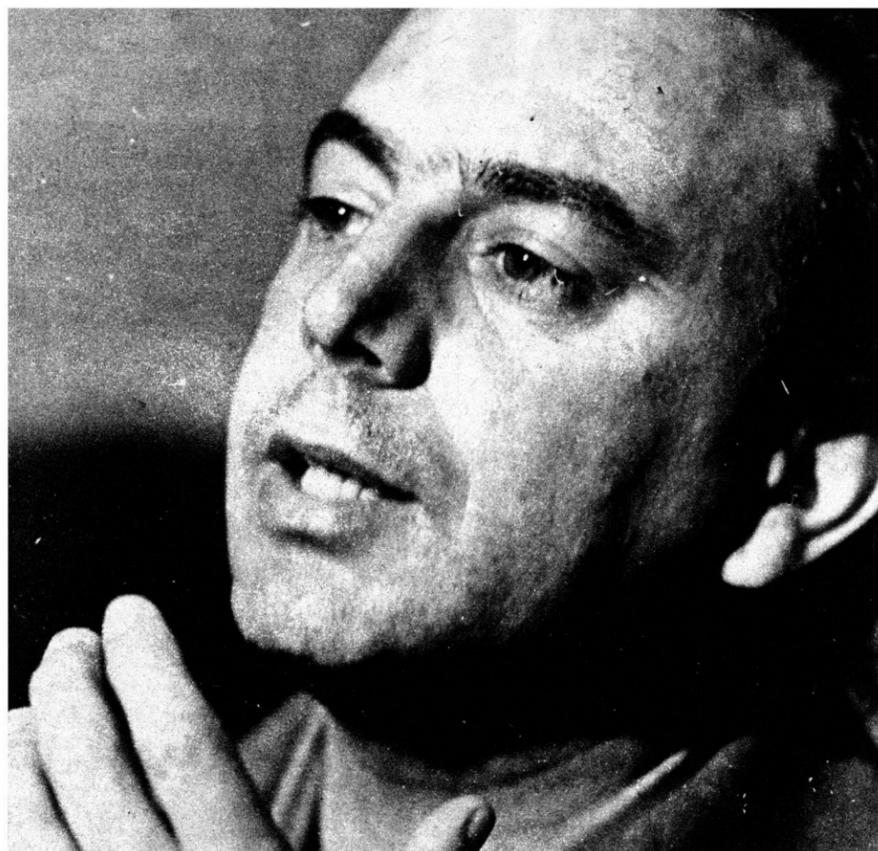
— Não, isso não existe. Dentro da nossa rota, sempre tem as alternativas e isso é previsto bem antes. Mas eu, depois, fiquei com aquilo na cabeça. Pensei: "Será que o vento é tão forte assim?" Perguntei pro navegador e o navegador disse: — "Olha, o vento não está tão forte". Perguntei: "Quanto é que nós estamos perdendo de tempo?" Ele respondeu: "Olha, tempo mesmo nós não estamos perdendo, nós até estamos ganhando uns dois ou três minutos de voo". Minha conclusão era simples: "Então se estamos ganhando em tempo, não estamos perdendo em combustível." Ele disse: "Bom, eu também fiquei meio assim, quando o Diefenthaler me falou..." Eu falei: "Bom, vou fazer os cálculos outra vez". Primeiro, somei o que tínhamos nos tanques todos, em libras. Somei e não conferia com os cálculos do Diefenthaler: havia bem mais combustível do que ele tinha calculado.

— **São quantos tanques?**

— Cinco tanques. Aliás, são sete, tem dois auxiliares e cinco principais. Bom, aí eu refiz todos os cálculos, e estava errado mesmo, acho que... quando fica assim já no final do período, começa a dar um pouco de sono, e ele deve ter errado na soma. Então, ia ser uma outra decisão — não íamos mais pousar. O comandante já tinha falado com Lisboa que nós íamos pousar... Então eu fiz os cálculos todos outra vez, ví que estavam mesmo errados e falei: "Ó comandante, acho que nós não vamos precisar pousar em Lisboa mais." Ele disse: "Ué, mas por quê?" Eu falei: "O que houve é o seguinte: o Diefenthaler acho que se enganou no cálculo..." Ele perguntou: "Você já fez os cálculos todos?" Eu falei: "Já fiz três vezes os cálculos".

— **Conversando pelo fone?**

— Não, aí junto do comandante. Ele disse: "Bom, então posso falar pra Lisboa que nós vamos direto?" Eu falei: "Ah, pode!" E ele: "Olha lá, hem?" Eu falei: "Tch! Que que é isso? Tá confirmado!" Ele levantou, deu uma olhada nos meus cálculos, viu os tanques, e concluiu: "Po-



sitivo". Avisou Lisboa de novo, e fomos indo, tudo normal. Aí, quando chegou perto da área de Paris, o Diefenthaler acordou, veio na cabine, bom dia prá todo mundo, tomou cafezinho. E perguntou: "Estamos chegando em Lisboa?" E eu: "Não, é Paris." E ele: "O que houve?" Eu falei: "Acho que você se enganou, eu já falei com o comandante que deve ter havido algum engano na sua soma." Ele foi falar com o comandante e o comandante comentou que aquilo não era nada, "qualquer um pode errar; ainda bem que você falou, porque tem alguns que quando erram ficam com medo, e isso é até perigoso, o cara ficar com medo de dizer que errou." Aí, nós ficamos lá, na área de controle de Paris, e o comandante pediu as instruções para indicar a descida e viemos descendo, até 12 mil pés (mais ou menos 3.600 metros).

— **De quanto pra 12?**

— De 36 mil para 12 mil pés. E eu estava no meu trabalho de depressurizar o avião, coisa normal que a gente faz antes do pouso. Nessa altura, tivemos o primeiro aviso do que viria a acontecer.

— **Com os passageiros, durante o voo, não houve nada de anormal?**

— Não, durante o voo sempre vinham visitas à cabine, né? Veio o Agostinho dos Santos, aquele papo e tal, muitos já se conheciam. Eu também já conhecia do tempo do Cuba, quando ele começou a cantar.

— **Cuba era um cabaré?**

— É. Lembra? Na Conselheiro Nébias.

— **Quem mais então veio à cabine?**

— Veio um casal que estava em lua-de-mel, mocinhos, ele 23 anos, ela 22 anos. Eles iam passar a lua-de-mel lá em Paris e iam estudar, porque os dois tinham conseguido bolsas de estudo.

— **Brasileiros?**

— Brasileiros. Então, o comandante pediu ao comissário para trazer uma garrafa de champanhe para brindar, mas só os nobres, aquele negocio todo!

— **Na cabine?**

— Dentro da cabine. Depois veio um casal que vivia no Brasil, uns franceses, com cinco ou seis filhos, que depois de não sei

quantos anos estavam voltando a Paris, iam rever parentes e tal, e a garotada toda veio na cabine, conhecer... Veio a Regina Lecléry. Isso bem antes de começar a descer, claro. Então, estávamos a doze mil pés, quando tivemos o primeiro aviso. O chefe da equipe de comissários que era o Galetti, entrou na cabine, junto com o Carmelino, que era o primeiro comissário e se dirigiu a mim e ao comandante dizendo que havia fumaça no lavatório traseiro, que era um rolo de fumaça bem grossa, bem preta, uma quantidade enorme já saindo. Então eu fiz menção de me levantar do painel onde eu estava sentado, tomando conta, trabalhando... Mas aí eu pensei melhor e falei: "Eu não vou largar meu posto para ir lá atrás, se tem outro engenheiro de voo que está aqui e não está fazendo nada," que era o Diefenthaler. Aí, falei: "Diefenthaler, vai lá trás e dá uma olhadinha lá." E ele: "Positivo!" Pegou a máscara de oxigênio — que nós temos para esses casos, — o extintor, e foi. Mas não demorou quase nada, voltou dizendo que não dava nem pra ir lá atrás, que a fumaça já estava no meio da cabine, muito forte," não se enxerga mais nada, deve ter incendio a bordo!"

— **A cabine dos passageiros?**

— É, a cabine dos passageiros, e a fumaça já estava chegando, inclusive, na primeira classe. Você vê como é que foi rápido o troço?

— **O tempo dele sair e voltar...**

— Sair e voltar. Entrou na nossa cabine de repente, antes de entrar tirou a máscara e deixou lá atrás — foi com essa máscara, portátil, que um dos comissários se salvou — e logo depois entraram mais dois comissários, a comissária dizendo que não se aguentava mais lá atrás. E quando o Galetti, na primeira vez, veio avisar e voltou pra trás, com um extintor que eles tinham pegado na parte traseira, ele e o outro comissário, o Mascarenhas, eles tentaram apagar, mas não conseguiram. Então quando já voltaram a segunda vez, apavorados, eu tentei, tentei não, eu fiz o que deveria ser feito no meu painel, que era depressurizar o avião para podermos abrir uma janela traseira, com isso a gente

dá evacuação da fumaça pra trás, prá não vir mais fumaça pra frente. Então, depressurizei o avião... abri as válvulas traseiras...

— **Mas o Galetti chegou a ver fogo?**

— Não, nenhum deles chegou a ver fogo.

— **Mas descarregou o extintor?**

— Aí onde havia o foco de fumaça, — descarregou o extintor e não adiantou nada, porque aí não tinha fogo, só fumaça saía de lá. Então, não adiantou nada. E o Mascarenhas não voltou mais... foi um dos que morreram, deve ter sido intoxicado lá na hora, e ficou. Mas o Galetti veio pra cabine, junto com o Carmelino, e depois o Carmelino, outro comissário, nos contou o que ele fez lá atrás. Ele já tinha experiência de outro acidente, não nas mesmas condições, mas foi um incêndio depois do avião ter batido, naquele acidente na Monróvia, e aquela fumaça que desprendia do incêndio, ele soube que na hora alguns se salvaram com pano molhado, porque filtrava a fumaça e dava pra respirar. Foi o que ele fez. Ele distribuiu um pano molhado pros outros comissários, e ele próprio ficou com um; foi como ele conseguiu se salvar. E o outro também, o francês, o Alain.

— **Isso dentro da sua cabine?**

— O Carmelino entrou dentro da cabine e os outros dois, dois ou três, ficaram lá fora.

— **E ele deu toalha pra todo mundo?**

— Pros comissários. E-diz ele: "Vê se vocês pegam uma toalhinha molhada, porque a fumaça já está horrores." e toda vez que eles abriam um pouco a porta, entravam aquelas golfadas de fumaça preta dentro da cabine. Aí, ficamos lá, cinco dentro da cabine, o comandante Gilberto, que estava na direita, o comandante Fuzimoto, que estava pilotando o avião, na esquerda; tinha o segundo oficial, o Alvio, no posto; tinha eu, o engenheiro de voo; tinha o outro engenheiro de voo, que era o Diefenthaler, que estava de pé, atrás da minha cadeira; tinha o navegador, o Zilmar, que estava no posto dele.

— **Seis...**

— Seis. Aí, entraram mais três: dois comissários, que eram o Galetti, chefe de equipe, e o Carmelino, primeiro-comissário; e a comissária Andréa... Foram os últimos momentos, que eles entraram, que não aguentavam mais. O Carmelino ficou meio desmaiado, ficou sentado no chão, já que não aguentava mais, e aí a cabine começou a ser invadida pela fumaça, e nós com máscaras os comandantes com óculos também. Porque a máscara, ela pega aqui, a parte só do nariz, e aquela fumaça, ela ataca também os olhos.

— **Alguém, antes, chegou dizendo que já estava morrendo gente?**

— O Galetti, na segunda vez. Tanto que ele entrou desesperado, gritando: "Comandante, joga o avião em qualquer lugar, porque lá atrás já todo mundo morrendo! Ninguém mais aguenta! A fumaça já tá chegando aqui na frente! Vai morrer todo mundo! Tá morrendo todo mundo! Quer dizer, ele não via ninguém morrer, mas via desmaiar na passagem, porque na primeira aspiração daquela fumaça, os caras já desmaiavam, era muito tóxica aquela fumaça. E ele ficou na cabine.

— **Todos os passageiros com cinto, já?**

— Ah, já, isso há muito tempo, já tinha sido feito o "speech", aquele negócio: "... daqui a momentos vamos chegar no aeroporto de Paris, a temperatura é tal, o tempo se apresenta bom, por favor aper-

# Um quente nas costas - sangue

tem os cintos, apaguem os cigarros", entende? Tanto é que os passageiros já estavam enxergando a cidade, os arrabaldes... Bom, e a cabine a essa altura começou a ser invadida pela fumaça, já com os novos tripulantes que tinham entrado ali, estava se tornando insuportável, aí então, de uma hora pra outra ficou completamente preto, ninguém enxergava mais nada dentro da cabine, nem o que estava no meu lado eu enxergava. Havia cinco máscaras de oxigênio, e os que não tinham estavam quase morrendo. Nessa altura, quando ficou preta a situação, me arrancaram a máscara, puxaram assim por trás, e me tiraram a máscara.

— Gritos, pânico?

— Não, não houve gritos, na cabine, mas se ouviam gemidos, — acho que eram da comissária, entende? Naquela hora eu... não dava pra ver quem era, quem não era. Tanto é que quando me tiraram a máscara, eu aspirei aquela fumaça, tonteei um pouco, e logo em seguida os dois comandantes tiveram acho que, sei lá, o mesmo pensamento: abriram as duas janelas laterais deles, pra poder divisar alguma coisa lá fora. Porque já não se estava enxergando mais nada, e o avião vinha numa picada, numa descida de emergência.

— Que velocidade, mais ou menos?

— Ah, vinha a uns 400 nós. Isso equivale a uns 700km por hora. Então, como vínhamos nessa descida, nessa velocidade, sem enxergar nada, pô, ia chegar uma altura que ia bater no solo, sei lá. Então eles abriram as janelas laterais pra ver onde é que estávamos, puseram a cabeça meio pra fora, assim, e nessa altura viram que estávamos chegando em cima de uma cidadezinha.

— E ninguém falava nada?

— Não, não se falava nada, só o comandante já tinha falado com a torre e tal, mas perdera a comunicação, que não dava pra ele falar mais nada.

— Mas dentro da cabine não se disse nada, nem um palavrão?

— Nada, nada, nada.

— Você imaginou quem teria tirado a sua máscara?

— Não tive essa preocupação, eu compreendi a situação dos caras, entende? Se estava me sufocando, imagine eles, que estavam há muito mais tempo do que eu, sem máscara. Eu nem me preocupei em saber como foi.

— Só de você tiraram a máscara?

— Do navegador também.

— Ele morreu?

— Não, esse não.

— E as máscaras não apareceram na cara de ninguém?

— Não.

— Elas são embutidas no painel, ou portáteis?

— Embutidas, descem por um cano de borracha flexível.

— E o oxigênio seria suficiente pra todos?

— Não, porque... máscara teria pra todos, mas não teria oxigênio pra todas as máscaras, porque teríamos que ter um avião carregado só de oxigênio.

— Digo, para os tripulantes.

— Não, porque só cabem cinco trabalhando na cabine. Pros cinco tem, entende? Existem máscaras inclusive para os passageiros. Os passageiros têm um compartimento onde há máscaras embutidas. Mas é pouco oxigênio e não há oxigênio puro, como é o nosso. Esse tipo de máscara, pra ser ligada com a fonte de oxigênio, ela



Gilberto



Galetti



Heleno



Hanelore



Andréa



Zilmar



Mascarenhas

tem que ser puxada. E ela usa, não só o oxigênio, mas também o ar da cabine misturado. Então, nesse caso não iria ajudar em nada, porque a fumaça ia junto com oxigênio. Isso a imprensa explorou também: "Como, não tem máscara de oxigênio para os passageiros? Por que não foi acionada?" Mas não adiantava usar, nós que estamos por dentro, e sabemos o que é a máscara, sabemos que não ia adiantar nada. Eles iam aspirar a mesma coisa, a fumaça. E teria o perigo de eles usarem, e desprender oxigênio, e se tivesse uma chama ali, explodiria o avião, entende? Então, nunca se usa esse tipo de máscara pra esse tipo de emergência. E pros tripulantes existem cinco máscaras, pra quem está trabalhando, é claro, e oxigênio puro.

— No fundo do avião, não? E para os comissários?

— Não, o que tem, são algumas máscaras portáteis, com o tamborzinho de oxigênio.

— Sentiu que alguém arrancava a sua máscara?

— Ah, claro, eu senti o puxão! Aí, eu tonteei e nem pensei em pegar a máscara outra vez.

— Silêncio total?

— Total. Na expectativa. Já estava no finalzinho, eu já sabia que estava quase chegando no solo, entende? O comandante Fuzimoto deve ter divisado essa cidadezinha, tanto é que eu notei que ele puxava um pouco o avião, desviava da cidade, levantava, porque ele não podia continuar, que ia bater. Fizeram uma curva pra esquerda, passaram a cidadezinha assim, quando eles estavam passando a cidade, passaram do lado de uma colina, um morro.

— Você não via nada?

— Eu não estava vendo, isso me foi contado depois. Só sentia a curva, porque eu estava sem máscara e comecei a ficar tonto, quase desmaiando, já não aguentava mais, tossia feito um desesperado, já estava sufocando. Então, desatei o cinto, levantei um pouco, assim, segurei na cadeira do comandante Gilberto, na direita, e pus a cara assim na janela, que vinha aberta, pra tomar um pouco de ar. Era difícil,

por causa da velocidade, então eu pus a mão na frente do nariz pra aparar o vento, e o vento entrava pelos dedos, e eu respirava normalmente. Aí, foi que eu vi o avião fazendo a curva pra esquerda, eles desviaram da cidadezinha, da colina, quando terminaram de fazer a curva assim, o comandante deve ter divisado aquele campo, uma plantação de cebola, e deve ter pensado: bom, a chance é aqui mesmo. E, questão de segundos, ele já estava a uma altura bem próxima do solo e pousou, fez um pouso forçado. Com o trem embaixo e tudo. Porque na descida de emergência que não é pista, a gente tem que estar com o trem em cima.

— Recolhido?

— Recolhido. Mas nesse caso, o trem estava embaixo, e ficou. Mas aí, eu estava agarrando na cadeira com um braço, assim... não sabia o que estava acontecendo, mas senti o primeiro impacto, não percebia o que tinha acontecido, que ele estava pousando. Pensei que estivesse batendo em casas, sei lá onde. No primeiro impacto, ele bateu numa árvore, pegou pelo lado do Fuzimoto, e o tronco de árvore entrou dentro da cabine e esmoqueou todo o braço dele, mas ele ainda ficou firme no volante, segurando, e o avião foi se arrastando. Depois é que nós viemos a saber que se arrastou durante 800 metros, se arrastando e batendo em elevações. Era praticamente plano, mas sempre tem as elevações, umas arvorezinhas, e foi arrancando tudo. Nesse primeiro impacto, o engenheiro de vôo que estava atrás de mim, o Diefenthaler, caiu nas minhas costas. Senti aquele quente nas minhas costas, sabia que era ele, porque ele estava ali desde que começou tudo, e eu vi assim, de óculos, sabia que era ele. Eu pensei que ele tivesse desmaiado, entende? Por causa da fumaça, que ele estava sem máscara... Mas não foi. Foi que no primeiro impacto, uma lâmina do teto se desprende, e é cortante aquilo, e ele foi pra cima com o impacto e bateu na lâmina com a cabeça, e abriu toda a testa. E ele caiu, e jorrava sangue da cabeça dele, mas eu não sabia que era sangue, só sentia quente. Eu achava que ele tinha

desmaiado por causa da fumaça. O avião continua correndo, e eu segurando ali, batendo, batendo, até que parou. Quando o avião parou... eu não acreditava que não tivesse acontecido nada, que não tinha explodido, porque a minha preocupação era a explosão. O mais rápido que a gente se livrasse, que se saísse da cabine... Nisso eu vejo o comandante Gilberto sair pela direita, pela janela dele, e aí tentei jogar o Diefenthaler que estava nas minhas costas, pra janela, mas ele era muito gordo, forte, e eu não conseguia. Fui me virar pra pegar ele mais firme, pra ver se conseguia jogá-lo, e quando me virei é que vi a cabeça naquele estado. Então presumi que ele estivesse morto. Presumi e então deixei-o e saí pela janela também: era uma altura mais ou menos de quatro metros, quatro metros e meio. Me joguei de cabeça, caí lá e saí correndo. Sempre com a preocupação: vai explodir! Quando eu estava correndo, ouço uma explosão. Eu estava certo no meu pensamento: isso aí vai explodir de qualquer jeito, se tem fogo e ainda com essas batidas todas, tem que explodir isso. Olhei pra trás e a asa direita explodiu. Do lado de onde eu tinha saído. Mas eu já estava longe. Eu vi assim pegar fogo na asa direita, e lá atrás as labaredas já estavam altas. E aí, os outros saíram pela esquerda, todos os tripulantes.

— Antes da explosão?

— Antes da explosão.

— O comandante foi o primeiro a sair, e você o segundo?

— Do lado direito foi. E depois, do lado direito saíram mais dois, me parece que o Galetti e o Carmelino. Do lado esquerdo saíram mais cinco, que foram o segundo oficial Alvio, o Zilmar, a Andréa e o comandante Fuzimoto.

— Quatro?

— Quatro.

— Um morreu lá dentro?

— É, o Diefenthaler, ele ficou lá dentro. Aí, eu continuei correndo, caí numa vala que dividia o terreno, acho que era de irrigação, pulei e continuei correndo, aí eu fui encontrando os outros tripulantes, que vinham correndo. Aí, o comandante Gilberto: "Vamos lá abrir as portas!" E não sei o quê... querendo ver se ajudava, porque estavam todos os passageiros lá dentro, né? Já tinham aberto a porta: um comissário saiu pelo lado direito, na cozinha dianteira, aí tem uma porta de emergência. Tinham aberto ali, mas ninguém mais saiu. Quer dizer, eles já estavam praticamente, todos... mortos, e se não estavam mortos estavam desmaiados e não tinham como sair de lá de dentro. Depois nós viemos a saber que o passageiro, esse rapaz que se salvou, o Trajano, ele se salvou porque quase conseguiu se jogar dessa porta. O comissário Coelho quando se jogou, abriu a porta... e viu um vulto querendo vir atrás, era o rapaz, mas acho que o rapaz desmaiou ali na porta e ficou, mas com a cara pra fora, e conseguiu tomar um pouco de ar, e assim se salvou. Mas as queimaduras dele foram da explosão da asa direita, que jogou todo aquele querosene; além da intoxicação, né? Ele teve todas as mucosas queimadas. Nessa correria, começaram a chegar alguns curiosos, ali das redondezas, trabalhadores, os agricultores, os franceses. E eu e o comandante Gilberto voltamos para perto do avião: "Vamos ver se abre... dá uma escada..." Mas ninguém entendia o que a gente queria fazer, porque a gente via

# Na mente, na queda, um adeus

que os caras estavam todos lá dentro. Aí, veio um francês, e o comandante Gilberto eu e esse francês fomos até a asa esquerda, do outro lado. Então, eu fiz escadinha pro francês, com as mãos, ele subiu, — porque em cima da asa tem uma saída de emergência — e batia pra ver se abria. Eu disse “Assim não abre”, fiz gestos mostrando que há ali uma alavanca que tem que ser puxada e virada, pra ser aberta. Ele entendeu, torceu e abriu. Abriu e saiu aquela fumaça e ele quase desmaiou. Estava todo cheio de fumaça o avião, aí o francês desceu e saiu correndo também, deixando a porta aberta, mas não saiu ninguém.

— Não se ouvia nenhum barulho?  
 — Nada, nada, nada. Aí já estava todo mundo morto. Então, se viu que não tinha mais nada que fazer, podia abrir a porta que não ia sair ninguém. Tanto é que a do lado direito também estava aberta, não saiu ... ninguém. Aí, se reuniram lá os tripulantes, que estavam machucados, e foram sendo levados pro hospital, por particulares, depois foi chegando ambulância. Foram levando ... Fiquei eu e o Alvio, o segundo-oficial; e o Zilmar, navegador, e ficamos lá. Que eram os três que estavam praticamente mais inteiros, sem ter nada acontecido, aparentemente não tínhamos nada. Aí, foram chegando os bombeiros, chegou a polícia toda, um monte de ambulância, médico. E eu estava com uma preocupação. Uma preocupação, inclusive um problema de consciência, porque eu não tinha certeza que o Diefenthaler tinha morrido. Eu presumi que ele tivesse morrido. Eu não sei se por minha conveniência, “morreu mesmo, eu vou me pirar”, entende? Então, depois, quando comecei a esfriar, pensei: “Será que eu deixei o cara e o cara não estava morto?” Então eu estava querendo subir lá, mas o primeiro cara que tiraram foi ele. Os bombeiros chegaram, o avião ainda pegando fogo, eles subiram lá na frente, e o primeiro que tiraram foi ele, depois o navegador, este estava fora da cabine. Também trouxeram, numa maca, mais um comissário e vieram pra uma ambulância onde nós estávamos tomando um pouco de oxigênio. Então puseram o navegador coberto com uma manta, como se estivesse morto, mas nós levantamos a manta pra ver quem era, e vemos que ele mexeu os olhos. Era o Heleno. Então, chamamos o médico: “Olha, acho que ele ainda está vivo!” Chamamos e apareceu um médico, e uma enfermeira, uma portuguesa. Ela falou pra gente fazer uma massagem no coração e a respiração artificial nele. Então, o Zilmar, o outro navegador, começou a fazer a massagem, e o Heleno começou a querer voltar, aí o Zilmar cansou, e o Alvio passou a fazer a massagem, até que o Alvio também cansou e me disse: “Faz agora você.” Quando fui fazer a massagem, não consegui: foi aí a primeira vez que eu vi que estava machucado. No braço esquerdo; quando eu segurava no espaldar da cadeira, na descida, e o avião começou a bater, foi aí que me machuquei. Mas então vieram os médicos, aplicaram oxigênio puro no navegador. Nisso chegou um helicóptero, e levaram o Heleno correndo pro hospital. Enquanto isso, trouxeram a maca do Diefenthaler, então eu abri e vi que estava morto mesmo. Devia ter morrido com a pancada. Não tinha deixado ele lá com vida, aí eu me tranquilizei mais. Tranquilizei é modo de dizer ...



— Foi quase uma guilhotinada?  
 — Essa parte toda da testa pra cima, abriu assim, ficou tudo exposto. Por isso eu quis contar primeiro a primeira etapa, que era pra eu trabalhar e não trabalhei: talvez eu estivesse na situação do Diefenthaler, entende? Mas eu era mais baixo, talvez a lâmina não me pegasse, são circunstâncias, né? que a gente não sabe ...  
 — O outro comissário que morreu ... Balbino? Como foi?  
 — É, o Balbino. O Carmelino deu uma toalhinha molhada pra ele, e ele e o Alain ficaram sentados na entrada principal do avião, aquela da primeira classe, que tem as duas portas, uma lá atrás e outra lá na frente. Mas o Balbino começou a se desesperar, acho, pensando que ia morrer, e começou a chorar, e para chorar, teve que tirar o pano. Chorando, soluçando, não ficou com o pano, e nessa tirada de pano ele aspirou a fumaça e desmaiou ali, e morreu ali.  
 — O Carmelino contou isso?  
 — O Alain contou, porque estava sentado do lado do Balbino. O Alain ficou firme lá com o pano, no meio da fumaça, ficou com a mão na alavanca da porta esperando alguma coisa, ele não sabia também o que estava acontecendo, mas ficou firme.  
 — Fora da cabine de comando?  
 — É, logo após a cabine de comando. Bateu, parou o avião, ele abriu a porta e vum! se jogou.  
 — Balbino morreu por questão de segundos?  
 — Questão de pouca coisa ... de desespero também, né?  
 — E o Alain estava de costas para os passageiros?  
 — De frente.  
 — Então ele assistiu?  
 — Não, porque estava tudo escuro. Mas ele foi lá atrás. Ele foi o primeiro a ir com o Mascarenhas tentar apagar com o extintor. Mas viu que não dava mais e foi para a frente.  
 — E o outro ficou ...  
 — O outro deu uma de ... entende? Achava que ainda tinha chance ... o que, eu gostaria de registrar é o pensa-

mento que vem na hora, durante aquele período que está na iminência de acontecer o acidente; eu achava que não tinha chance de sobreviver. Então pensei rapidamente, é incrível, parece um video-tape da vida toda que passa assim rápido: os principais acontecimentos com a família, então vêm os pensamentos ... pensamentos que a esposa, a família, como se a gente estivesse se despedindo, entende? E pensei: p ... que o p ..., como é que eu fui me meter nessa? Os termos do meu pensamento foram esses mesmos. A gente sempre acha que pode acontecer, mas nunca com a gente, então pensei outra vez na família: “Pô, não vou mais ver, e tal ...” Foi assim rapidamente o pensamento, entende?  
 — Foi até o começo da carreira?  
 — Não, não chegou ... passavam assim algumas coisas, mas tudo ligado à família e principalmente à minha situação ... em que a situação eu ia deixá-los, entende? Situação difícil! Dívidas! Uma p ... confusa! Isso me veio à mente. Eu já achava que ia bater e morrer. Porque pretejeu a cabine toda, não havia mais visão de nada, o avião vinha numa velocidade ... então, se ninguém estava enxergando mais nada, não havia chance de fazer nada! Eu achava que ia bater em algum lugar e explodir o troço todo.  
 — Ninguém se abraçou?  
 — Nada.  
 — Você lembrou de alguma coisa que você gostaria de ter corrigido na vida?  
 — Profissionalmente?  
 — Não, pessoalmente.  
 — Essa situação da família, que eu não queria deixar assim, entende?  
 — Pensou em Deus?  
 — Não, não pensei.  
 — Não fez nenhum apelo, nada?  
 — Não, porque eu tenho épocas de acreditar e épocas de não acreditar. E eu estava numa época de não acreditar em nada. Então ... nem pensei. Tanto é que quando eu voltei, a Flora quis me levar num padre. Lá no Jabaquara, ele tem um orfanato pra garotos, um cara que parece que não é muito católico, entende? Então, toda a minha família tem a preocupação,

e logo que eu cheguei ... “Você viu? você que não acredita em Deus? olha aí, isso é mais uma prova, que te salvou pra te provar que existe!” Eu falei: “Isso é questão minha, não é por isso que eu vou acreditar em Deus. Que existe ou não existe. Eu não vou acreditar no Deus que vocês querem. O Deus que vocês acham que eu tenho que acreditar é de medo, então eu vou acreditar de medo! Ele me deu uma chance, agora eu tenho que acreditar, senão na próxima eu não vou me salvar?” E falei: “Não vou acreditar nunca. Posso acreditar, sei lá, numa outra força qualquer, que vocês chamam de Deus, talvez ... Mas não acho que foi ele que me salvou.”  
 — E o hospital?  
 — Fomos de ambulância, eu já estava sentindo dores horríveis no braço. Eles fizeram uma tipóia com uma gravata, e fui eu, o Zilmar e o Alvio. Chegamos lá, eles começaram a tirar radiografia de tudo quanto foi jeito. Ficamos todos num quarto. Éramos os dez. Aí, veio oxigênio, glicose, e os que estavam mais machucados, alguns foram sendo operados, que era o caso do comandante Fuzimoto, que tinha sofrido diversas fraturas, no pé, no braço, fraturas expostas. O comandante Gilberto também tinha sofrido, perto do ouvido, porque quando ele pôs a cabeça pra fora, e o avião bateu, ele bateu com a cabeça na janela. Ele estava sentindo dores horríveis. O Galetti também estava com a testa toda aberta ... tinha alguns que estavam bem machucados, mas grave mesmo só tinha o Fuzimoto e o comandante Gilberto.  
 — E o navegador em quem vocês fizeram massagem, sobreviveu?  
 — Não, morreu depois de uma semana; ficou em estado de coma desde quando foi levado pro hospital. Vi também quando tiraram o rapaz, o Trajano, e levaram de helicóptero.  
 — E a turma que escapou? O comandante Gilberto, por exemplo, o que ele comentou depois com você?  
 — Sabe o que acontece? Tem algumas coisas que precisam ser esclarecidas, principalmente do comandante Gilberto. Não que ele tenha feito coisa errada, nada de errado. Mas ele, na vontade de querer salvar, na vontade de querer fazer, ele achou que fez. E não fez. Por exemplo: ele acha que foi ele que desviou da cidadezinha, acha que ele que pousou ...  
 — Até agora?  
 — Até agora ... Mas não foi, pô! Foi o Fuzimoto. Na entrevista que eu dei logo que cheguei ao Brasil, os jornalistas me perguntaram: “quer dizer que o comandante Gilberto fez o pouso?” Eu falei: “Não, foi o comandante Fuzimoto, que estava na esquerda.” “Então ele não estava no lugar dele?” Eu disse: “Não, isso é normal, os dois comandantes estão aptos a pilotar o avião.” Então o normal é o seguinte: um é mais antigo, é o comandante. E o outro é o primeiro-oficial. Então, um na ida piloto, e o outro na volta piloto.  
 — Parece que como você, o Gilberto foi solicitado, isto é, não era um vôo programado em sua escala normal ...  
 — É. O comandante Gilberto foi solicitado, como também a Hanelore, que era instrutora e foi solicitada pela companhia para acompanhar um menor que ia viajar sozinho.  
 — Voltando à questão do pouso: por que o Gilberto se mancou?

# Cheiro de enxofre, de inferno

— Não é bem isso. Imagino que se ele estivesse na esquerda, que é a poltrona de comando, ele faria o mesmo que fez o Fuzimoto. Mas o Gilberto não tinha condições de fazer o pouso — estava sem óculos e sem a máscara de oxigênio, que tinha quebrado, e então não podia estar vendo nada.

— O Fuzimoto estava de óculos?

— De máscara e de óculos. E o Gilberto estava sem máscara e sem óculos. Quando eles abriram as janelas, clareou lá dentro, e eu via o Fuzimoto firmão lá, fazendo manobra, com a cabeça pra fora, máscara e firmão lá. Cara que fez tudo certinho. Sabe, o comandante Gilberto bom cara, bom sujeito, eu vôo com ele desde o Constellation, profissional cem por cento, cara bom — mas não foi ele que fez, na minha opinião ele não fez nada disso do que ele acha que fez. Porque ele estava com tamanha vontade de querer fazer, que pôs na cabeça que fez.

— E o Fuzimoto, como é ele?.

— Eu me dava muito bem, com ele, ele também era do tempo da Real, comandante. Sempre que voávamos juntos, eu saía com ele, porque era um cara que gostava de jogar. Em Lisboa a gente ia ao Cassino juntos.

— O Alvio?

— O Alvio eu não conhecia muito bem. Não é que não me dava muito bem; é que ele morava em Porto Alegre e eu voava só de vez em quando com ele. Já era muito antigo, já estava quase pra ser aposentado, bem mais idade do que eu, não casávamos muito . . .

— E o Ultermohel?

— Ultermohel eu também não conhecia muito, acho que era a segunda vez que voava com ele. Não era vôo dele também, ele trocou pra ir junto com a noiva. Estava noivo da comissária Elvira. Aliás, a Elvira era alemã, trabalhava em Zurique na Varig, era recepcionista, então arrumou pra fazer o curso de comissária. Iam casar em agosto. Então arrumaram pra voar juntos normalmente.

— Morreram juntos os dois?

— Não, não se sabe. Ele foi encontrado inteiro, não foi queimado, no meio da cabine, parece.

— A cabine dos passageiros?

— É, na de passageiros. Acho que ele tentou voltar à de comando e não conseguiu. Mas ela foi queimada, foi difícil inclusive a identificação dela.

— E o Diefenthaler?

— Ele era de Porto Alegre e foi chegador. Eu fiz alguns cheques com ele; ele era bem antigo, da primeira turma do Boeing, tinha uns 42 anos já, foi aquele que eu conversei, que se ele morresse amanhã, etc, família tranquila. Do Zilmar, tenho pouco conhecimento. Voiei poucas vezes com ele, um cara quietão, não é muito de falar, parece ser um bom cara . . . O Galetti, chefe de equipe, de comissários me dou muito bem desde o tempo do Constellation. Cara que falava diversas linguas, e sempre tive negócios com ele . . . O Carmelino tinha ficado afastado dos vôos uns tempos, tinha ficado com medo de voar. Isso aí, de vez em quando dá em alguns, entende? Depois passa.

— Tem psiquiatra quando vocês chegam a esse estado?

— Tem. Acho que descobriram alguma causa, alguma coisa.

— E o Balbino?

— Quase não conhecia, foi o primeiro vôo que fiz com ele. Bicha convicto, mas cara



de uma cultura! Bor n cara, conversava bem.

— Mascarenhas . . .

— Dos comissários, o de maior vivacidade. Super culto, falava pacas, vivo demais. até me espantei dele não ter se safado. Eu fui confidente dele diversas vezes, quando a gente se encontrava em Roma. Ele chegou a me contar alguns problemas, a mulher tinha ciúmes horríveis dele . . . Ele gostava de mulher, motocicleta, automóvel de corrida, vibrava com corrida, entende? O Alain, praticamente era um desconhecido pra mim. Já conhecia mas nunca tinha voado com ele . . .

— Agora a fumaça, o cheiro, esse cheiro lembrava alguma coisa, era cheiro de que?

— Meio de enxofre, cheiro horrível. Era preto e impregnava, inclusive no corpo, os cabelos ficaram todos pretos . . . e eles não lavaram ninguém. Todo mundo foi assim pra cama, fomos medicados assim . . . Nessa noite, levaram o comandante Fuzimoto pra a operação. Enquanto ele estava sendo operado é que vieram me chamar, e aí eu consegui falar com meu pessoal, aliás com meu cunhado, que estava de "plantão" no telefone da minha mãe, enquanto todo o resto do pessoal estava na minha casa, em volta da minha mulher. Cheguei a chorar, no telefone.

— E quando foi pra lá a comissão da Varig, o que é que pediram a vocês?

— O chefe de operações falou: "Por enquanto não vamos dizer nada. Só depois do inquérito é que a gente pode falar." Aí, nesse dia, dia seguinte ao desastre, apareceu uma comissão representando a cidadezinha. Trouxe umas corbeilles de flores pro comandante, agradeceu por a gente ter evitado uma catástrofe maior, que não caímos em cima da cidade. E se dirigiu ao comandante Gilberto. O Fuzimoto estava lá, junto com o médico dele, meio grogue, nem estava sabendo . . . A homenagem toda foi pro Gilberto. No dia seguinte, me deram alta. E nos mandaram para um hotel, disseram antes: Ninguém sabe que vocês são os sobreviventes, vocês não podem sair do hotel, não podem dar entrevistas pra ninguém, o inquérito vai

ser lá mesmo, numa sala de reuniões." Aí, ficamos dois em cada quarto desse hotel, eu fiquei com o Galetti; a Andréa ficou sozinha. E depois, no dia seguinte, começou o depoimento.

— Para quem?

— Era uma comissão formada pela polícia civil; uma comissão da Boeing; uma comissão da FAA, que homologa os aviões, dos EUA; e a comissão da FAB. Eram quarenta membros, nessa sala de reuniões. Fizeram uma réplica do avião, igualzinho o nosso Boeing e cada um ia lá explicar sua parte. Tudo normal, só que levou muitos dias.

— Houve alguma alusão a terroristas?

— Ninguém achava nada, entende? Nem se tocava em terrorismo.

— Mas nasceu uma história, não?

— História de terrorismo? Com os jornais, porque descobriram que havia um terrorista a bordo . . .

— Isso foi comentado lá na França, ou aqui, depois?

— Lá já se falava de terrorismo. Mas não identificaram o terrorista, nem nada.

— E a imprensa daqui?

— A presidência da Varig autorizou uma entrevista coletiva, quando eu cheguei, mas pra "não entrar em muitos detalhes, falar o menos possível . . ." Veio televisão, rádio, a imprensa toda ali, numa sala do aeroporto. Eu, o comandante Veiga, meu pai, os caras da Varig, ali. E dei a entrevista. Aí, foram me perguntando e eu fui falando e descobrimos que não era o Gilberto que estava no comando, e eu tive que dar aquelas explicações todas.

— Até aí, ninguém falou na causa?

— Não, mas sempre perguntando a causa, né? "É verdade que tinha terrorista a bordo?" Eu falei: "Desconheço, de causa acho que não se pode saber nada. Só sei que com o avião não houve nada, o avião estava intacto, inteirinho, não teve pane nenhuma."

— E a história, lá, o que se dizia na França?

— Bom, a história de lá . . . começaram a ventilar que "pegar fogo assim . . . será que foi carga que pegou fogo?" Porque nunca viram uma fumaça tão tóxica as-

sim. Eles fizeram diversos testes e nenhum revestimento do avião dava aquele tipo de fumaça, entende?

— E afinal descobriram qual era o tipo? Que fumaça era?

— Eles falaram que era . . . bom, quem falou isso foi um bombeiro lá em Paris: ácido cianídrico . . .

— E depois, durante as investigações?

— Não, não deixaram transparecer nada. Isto foi um bombeiro contando pra nós lá em Paris, e dizendo que o primeiro deles que entrou dentro do avião, sem máscara nenhuma, quase morreu também. Ficou intoxicado, teve que ser levado às pressas pro hospital.

— Não teve uma história de um terrorista argentino? Um casal que quando chegasse lá ia ser preso etc.?

— Depois é que começamos a ouvir essas histórias, entende? Os jornais começaram a contar. Isso saiu aqui, eu tenho os recortes, e um amigo meu que esteve na Argentina, e no Uruguai, disse que leu lá também que esse terrorista estaria a bordo, teria roubado um passaporte na Argentina e viajado no nome do dono desse passaporte. Então, a história dizia que a polícia sabia que ele ia chegar, e que ele levava uma bomba de fumaça, pra dar uma confusão na hora do pouso e ele escapar. Mas

aí os caras do partido lá do terrorista queriam matá-lo. Então em vez de dar uma bomba de fumaça teriam dado uma bomba positiva, incendiária, que era pra acabar com o cara. Sei lá . . . os caras iam fazer isso? Pra apagar um, matar mais cento e cinquenta? Acho que devia haver outros meios, menos burros, pra acabar com o cara. Agora . . . foram feitos testes com o revestimento todo do avião, e nenhum material desprende esse tipo de fumaça. Uns jornais levantaram a possibilidade de a fumaça ter vindo do incêndio da carga dos porões do avião . . .

— Mas, como é que dava para saber, se na parte traseira queimou tudo?

— Mas há os conhecimentos, né?

— E os tais flaes, os foguetinhos do Bruder?

— Não, não foram.

— Fizeram testes com eles, depois? Pra ver se a fumaça podia ser deles?

— Mas os flaes não foram embarcados.

— E ele não poderia ter levado escondido, ou ter sobrado um lá dentro, sem querer?

— Não . . .

— Nem tocaram nisso no inquérito?

— Não.

— Sobre a fumaça, aqui você conversou com alguém entendido?

— Falei com um médico da Varig, ele também disse que tinha ácido cianídrico na composição da fumaça. Inclusive esse médico me disse que o que encontraram no pulmão de um só dos caras que morreram no acidente . . . dava pra matar um batalhão, de tão tóxica que era a fumaça.

— E a comissão encerrou os trabalhos?

— Não.

— Mas não prometeram que dali a um mês? . . .

— De jeito nenhum. Bom, um acidente que houve uma semana antes, eles deram agora as causas e publicaram, internamente, na companhia. Eu recebi. Espero que eles depois publiquem o de Orly também.

— Mas só internamente na Varig, de novo, não é?

— Ah, claro. Eles não dão pra imprensa porque vai prejudicar, vai levantar de novo o caso . . .

AHHH... **MOTOJUMBO**  
 TEM HONDAS DE TODOS  
 OS TAMANHOS..... HUMMM  
 O CREDITO MAIS BARATO  
 DO BRASIL..... MAIS, MAIS,  
 ASSIM.... UMMM.  
 MOTOJUMBO FICA NO JUMBO  
 AEROPORTO E STO. ANDRE.  
 É BOM, É BOM, AHHHHH...

**ROOOOUMM...  
 ROOOOUMM...**  
**MOTOJUMBO!**  
**MOTOJUMBO!**  
 MOTOJUMBO!

**CARCENTER  
 CARCENTER**



# Hermeto em mesa-redonda

MÚSICA. ERAM 5 ENTENDIDOS NA MESA. TODOS TEÓRICOS QUASE BRILHANTES, MENOS 1. SO LUÇÃO: CORTAR O BRILHO E FICAR COM A SÁBIA SIMPLICIDADE DE HERMETO PASCOAL.

Eu não gosto muito de participar de debate porque eu não consigo segurar, eu falo mesmo. Por exemplo, o presidente da Ordem dos Músicos no Brasil não é músico, pode ser uma coisa dessas? O comandante do navio não sabe dirigir o navio ...

Estou curtindo o meu som no meu "jingle" mesmo. Eles me dão completa liberdade de criação e eu faço a música como eu gosto, como eu sei. Tem "jingle" que eu gravei, criado pelo Valter Santos, que é tão bom que eu vou botar no meu próximo disco. Eu faço "jingle" sim, mas eu não faço qualquer coisa, eu trato a música com muito respeito.

Voce sabe esse "jingle" aí do ICM? Toda vez que se previu um oboé na gravação, se espera aquele "pó-pó-pó-pó-pó" de sempre. Eu peguei o tema e o curti do jeito que eu entendo, aí saiu bom.

Muitas vezes o sujeito me traz um tema e diz: "Voce já ouviu aquele maestro americano assim-assado? Viu como ele faz com as cordas? Então faz igual pra nós". Na hora eu digo que está bem, tudo certo, etc. e tal. Ele vai embora e eu escrevo do meu jeito, muita vez eu nem sei de quem ele está falando. No fim ele gosta, mesmo que não entenda muito, mas isso é da condição do papagaio mesmo, e se foi o "americano que faz", ele acha bom, e pronto. No fundo, estou na minha, e assim se trabalha.

Quando eu pego no papel para escrever, eu esqueço de qualquer coisa, esqueço de dinheiro, esqueço de propaganda, esqueço tudo. Agora, o som que eu vou fazer - Deus que tome conta da minha alma! -, é o som que eu estou criando na hora, é o meu som. Ademais, eu só faço "jingle" na Eldorado. No dia que eu sair da Eldorado não faço mais "jingle", a não ser que outro estúdio me dê a mesma liberdade e as mesmas condições de trabalho, não sabe? Aí eu vou tocar em boate novamente. O dono da boate pensa que eu estou tocando pra dançar, mas eu fecho os olhos e estou tocando pra mim, estou tirando o maior sarro. Se ele descobrir isso e não gostar, me manda embora. Aí eu vou pra outra, e toco até o novo dono descobrir, aí eu saio outra vez e vou levando. Tem bastante boate, dá para ir levando ...

Acho que aqui no Brasil eu posso trabalhar normalmente quanto em qualquer outro lugar. Estamos criando um campo de trabalho. Recentemente o Santana, desse conjunto muito badalado, foi na minha casa e disse: "Vam'bora pra Miami, lá eu te dou casa e salário que voce quiser", mas eu não quis. Vou ficando por aqui mesmo ...

Alto lá! A música precisa ser boa, isso de nacionalidade é outro papo!

O cara que se dedica à música considerada clássica, não conhece os músicos que andam por

aí, que tocam "popular", mas se botarem na frente deles música clássica, eles tocam também.

O Milton Nascimento, o Edu, O Egberto Gismondi, o Téo, o Valter Santos, essa turma está produzindo muito menos do que pode, do que dá a sua capacidade. Sabe por que? Eles andam com raiva, por uma s coisas que estão se passando aí. Eu acho a raiva deles certa, só não acho certo eles descontinuar o trabalho. Tá com raiva? Ótimo, então melhora cada vez mais, cria mais, afunda dentro de casa e curte criações novas, novos sons ...

Eu quero que apareça um Marcos Lázaro para dizer que acaba comigo. Se "Os Cariocas" foram derrotados pelo empresário, zero para "Os Cariocas", palmas para o Marcos Lázaro. Eles terem parado é uma fraqueza lá deles. Não podem mais aparecer na televisão? Não gravam mais? Bolas, façam o seu quarteto num quarto de pensão, numa garagem, no meio da rua. Mas parar, nunca! Cantar sempre.

Fora a música que eu ando fazendo aí com meu grupo, é no comercial, realmente, que estou tirando o meu sarro. Olha: eu tenho sido muito convidado para fazer arranjos por aí, mas não aceito. Porque é isso: faço o arranjo, ganho uma nota e vou pra casa. Quando eu vejo o resultado, vou gastar mais do que ganhei em injeções para o coração, para dor de cabeça, pra consciência pesada. Isso eu não faço mais, não adianta, não compensa.

Em nome do "gosto do público", a maioria das rádios, etc, só toca música de segunda, e isso é falso. Eu acho que, além disso envolver uma injustiça, acaba fazendo o povo sofrer porque não o deixa ouvir as coisas boas. Tem muito disco guardado em prateleira que nunca ninguém ouviu nenhuma faixa. Por que? Porque o cara que programa os discos, zero para ele. E isso, além de tudo, é uma burrice comercial, porque voce vê: Eldorado, Excelsior, Cultura. Eu falo da Eldorado porque trabalho lá, estou sabendo. Ela só programa música de primeira qualidade, então qualquer anunciante que quiser uma vaguinha precisa 15 dias ou mais pra anunciar. Eu acho que toda música merece ser ouvida. De outro lado, qualquer música se tocar todo dia, se voce insistir, essa música acaba na parada. E o culpado não é o público não, não venham culpá-lo não.

Agora eu pergunto: quem toca isso? É o músico. Ele é que acaba cedendo e fazendo tudo o que os outros querem. Há algum tempo uns músicos chegaram pra mim e disseram: "Entra na onda, Hermeto, que tá dando uma nota. Eu tenho carro, tenho tudo, e voce não tem nada". É verdade, hoje esses caras têm tudo, têm carro e tudo, e eu não tenho nada. Mas hoje, eles são músicos de segunda, de terceira categoria.

É o tal negócio. O cara ou progride para ganhar dinheiro ou progride pela arte que ele faz. Ganhar dinheiro é fácil. Se eu quizesse, eu ficaria rico em um ano.

Tem um outro detalhe. Voce liga a televisão, tem um juri lá pra julgar música. Qualquer um chega, julga e dá a palavra definitiva. O sujeito é cabelereiro, o outro é não sei o que, o que eles entendem? Você já viu juri para julgar Medicina, Psicologia? Não tem, mas de música tá cheio, todo mundo opina, julga, se acha o maior.

O problema da escola de música, aqui, envolve outro problema: É gente pra ensinar! As escolas de música que tem por aí, ao invés de ensinar, estão é complexando - e explorando - muita gente. Algumas pessoas me procuram lá em casa para falar de música, perguntam muita coisa, estou pensando que elas estão interessadas em estudar música e no fim da conversa, eu fico sabendo que são professores de música. "Eu ensino música há mais de 7 anos", diz. O outro, já faz 10. Então é isso, é o mesmo cara, e ele ensina música, ensina comunicação, ensina judô, ensina o diabo. Está muito fácil "ensinar" hoje em dia por aqui. Isso é só uma maneira de dizer, mas não está certo. Música é o meu negócio, e é um negocio sério, seríssimo. Estou de acordo com abrir escolas, mas com pessoas sérias, com gente idônea.

Colegas meus, músicos que eu respeito, chegaram para mim e disseram: "Olha Hermeto, eu ensinava numa escola, mas tive que brigar e sair. O dono queria que eu demorasse 3, 4 dias numa mesma lição, só para aumentar o número de

aulas, porque a escola cobra por aula".

Então é isso: às vezes o menino é inteligente, aprende depressa, e então voce fica empantando, segurando, para a escola ganhar mais grana. Outro dia mandei consertar um instrumento e fui buscar. E me espantei: o moço tinha um diploma de professor na parede e o filho dele veio avisar que tinha 20 alunos do lado de fora esperando. E o moço disse que tinha me visto na televisão mas que não tinha entendido nada do que eu estava tocando ...

Eu aprendi a traição, discutindo ... Eu aprendi assim: desde menino, eu enxergo muito pouco, quase não dá pra ler. Quando eu tô lendo um livro, tem gente que pensa que eu tô lambendo ele. Aprender lendo no método eu não podia. Só se tivesse dois, um comigo e outro com o professor. Então eu fazia assim, arrumava discussão. Eu escrevia uma música e sabia que estava tudo errado, e ficava com o papel ali pronto. Quando eu via um músico, de preferência quando ele estava com a namorada e ia querer aparecer, chegava nele e dizia: "Olha esta música que eu escrevi, olha como é genial". O cara se tocava e examinava o papel, e lá vinha: "Mas tá tudo errado. Voce pulou um compasso, voce ligou todos eles, voce não conhece separação de compasso?" Eu provocava mais o homem e ele acabava dizendo como era. Eu corria então pra casa e fazia como ele tinha dito, e meditava naquilo até compreender. No outro dia eu armava outra discussão, sobre outra coisa, e assim ia aprendendo. Se não fosse a traição como é que havia de ser?

Não é pra já, é mais pra frente. Será uma escola grande onde eu e outros que quiserem, vamos ensinar, a meninada a tocar e curtir bom som. E tudo de graça, ninguém tem de pagar nada, qualquer menino que tiver gosto chega lá e ensinamos flauta, piano, cordas, gaita, caxixi, pandeiro. Um pandeiro é tão importante quanto o piano; é só dosar o momento certo do seu recado, tudo é música.

- E se voce não tiver dinheiro para comer? Bom, aí eu morro de fome. Mas vou morrer tocando.

## Cartas de BÁRBARA

Não posso explicar como chegou esta carta, que não me foi entregue pelo amigo carteiro nem por qualquer portador. Até o papel é estranho; nunca vi outro igual. Passo à transcrição:

"Meu bom cronista e vizinho - Tantas vezes você apelou para mim e foi atendido, que agora não me acanho de apelar para você. A situação inverteu-se. Até ontem, eram os da Terra que apelavam para os do Céu. Daqui por diante, os do Céu terão de valer-se da benevolência dos que estão aí embaixo.

Ou você já se esqueceu de minha assistência em momentos graves de sua vida? Espero que não. Nas horas de pavor, com o raio cortando o espaço e siderando gente, animais e árvores, era a mim que sua boca chamava, era para mim que suas mãos se juntavam. E nem sempre gesto e voz conseguiam traduzir plenamente sua necessidade de socorro, tamanha era a aflição. Mas eu adivinhava, compreendia, dava provimento ao rogo desvaído ... Fui sempre sua camarada, Carlos. Agora é a sua vez de ajudar-me.

Minha situação é extremamente vexatória. Fui despejada, pior, fui cassada. Não tenho para onde ir. Lugar existe, e vários, senão muitos, mas já se expediram ordens para que não me dêem abrigo nas casas que possuo na Terra: belas casas, umas, outras mais modestas, mas todas minhas de muito direito e antiguidade.

Tudo isso não é nada. Sem casa, vive-se. Sem título, vive-se. Mas sem existência admitida, como pode alguém estar ou ter estado vivo? Este ponto é o mais grave, meu caro: minha existência foi posta em dúvida, e finalmente negada por ato oficial, emanado daquele poder soberano que era garantia não só de minha vida, como de meus sofrimentos e minhas glórias. Deixei legalmente de existir, está compreendendo? Isso depois de mais de 700 anos de situação regular, consagrada universalmente, quer pelos indivíduos quer pelas corporações, que vinham trazer-me cânticos e flores, já não falando na exclamação de que eu era objeto diário, convertida em provérbio e talismã.

Esta, sim, me doeu. Que é existir, ó meu cronista, senão ter existência na mente dos demais? Se o mundo pensa em mim, eu existo; se me esquece, deixo de existir. Não importa estar vivo no sentido de andar pelas ruas, tomar café, ganhar muito dinheiro, obedecer ao governo, etc. Estas materialidades são névoas sobre o real, que é a aceitação de uma verdade profunda; verdade que não está nos cartórios. E como agora só se tem por válido o que consta dos cartórios (onde constam inúmeros erros e mentiras cabeludas), eu, que você conhece desde a sua remota infância, quando tinha o meu registro pendurado na parede do seu quarto, eu não sou mais eu, não existo!

Mas, que lhe peço? Imagina, talvez, que eu pretenda gestões terrenas, campanha jornalística em meu favor, pressão sobre a autoridade que me cassou e negou? Negativo. Nem o meu caso é isolado. Comigo, mais de trinta ótimos companheiros estão padecendo este segundo martírio, bem mais atroz que o primeiro, porque não é no corpo, é na essência. Qualquer pedido individual seria egoístico, e em conjunto parecia subversivo. E daí, não creio na eficácia do remédio. O que ouço falar é que outras cassações virão, criando vasto deserto espiritual a ser repovoado. Fala-se em novo calendário, todo ele "pra frente", expressão de que não alcanço o sentido místico. Que adiantaria pedir, se a reforma é total?

O que lhe peço, vizinho e fiel (sim, somos vizinhos, pois você nasceu em lugar que confina com uma de minhas cidades, aquela em Minas que foi berço de seu dileto mestre Afonso Pena Júnior), o que lhe peço, caríssimo, é muito menos e muito mais: que me guarde no coração. É só. A paz esteja com você.

(a). - Bárbara, ex-Santa."

Carlos Drumond de Andrade





**CANTINA DO PASQUALE**

massas frescas - comida caseira

Rua Martinho Prado 187



**EL PONCHO EL PONCHO EL PONCHO**

casa de lanches - cervejaria

RUA AUGUSTA nº 169

esquina da Caio Prado.



**LIVRARIA AUGUSTA LTDA.**

DISCOS  
LIVROS  
REVISTAS  
PAPELARIA

Matriz: Rua Augusta, 1403 - SP  
Filial: Domingos Monães, 371 tel 71.0890



## O Telegrama que a Morte entregou a Roberto Carlos



| Escritor Popular PALITO |



DEPOIS DE JORGE AMADO (NO Nº ANTERIOR, TERESA BATISTA ETC.) APRESENTAMOS: PALITO I.

Para tudo neste mundo tem seu dia e sua hora quem quiser pode fugir pr'a tirar o corpo fora quando chega seu momento vem "Morte" lhe devora

Há anos Roberto Carlos abusou com Satanaz mandando para o inferno pensando em ser capaz satanaz no outro dia enviou seu capataz

Forrobodó veio a terra uma carta lhe entregou mas Roberto quando leu nessa hora se pasmou quando procurou o Diabo no local não encontrou

Na carta dizia assim Roberto tome juízo de dois meses para cá tive grande prejuízo as almas que estão na terra só trago quando preciso

Não precisa mais mandar me preste bem atenção vou construir outro inferno no lado da estação de Diabos aqui já chega! está completa a lotação

Se me desobedecer e quiser continuar a R.P. do inferno vai na terra lhe buscar em um disco voador eu mando lhe sequestrar

Quando terminou de ler Roberto ficou tremendo tirou um fósforo da caixa e foi logo ascendendo queimou a carta e saiu apavorado correndo

Todo estoque deste disco nesta hora ele quebrou e também no seu programa nunca mais ele cantou Satanás se esqueceu desta vez ele ganhou

O tempo foi se passando de tudo ele esqueceu só pensava em gravar ter dinheiro e apogeu sendo muito moço e forte foi assim que ele venceu

Tinha um bom coração isso sempre lhe ajudou eu me lembro que em Recife uma vez ele cantou rendeu 26 milhões e aos flagelados doou

Mas um dia de repente Roberto Carlos mudou foi em seu apartamento na caneta ele pegou e olhando para o céu assim ele começou

**JESUS CRISTO**

Jesus Cristo, Jesus Cristo  
eu estou aqui  
Olho pro céu e vejo, uma nuvem branca que vai passando  
Olho pra terra e vejo uma multidão que vai caminhando  
Como esta nuvem branca  
Essa gente não sabe onde vai  
Quem pode dizer o caminho certo  
É você meu Pai  
Jesus Cristo, Jesus Cristo,  
Jesus Cristo, eu estou aqui  
Toda essa multidão tem no peito amor  
E procura a paz e apesar de tudo a esperança se desfaz  
Como a flor que nasce no chão daqueles que têm amor  
Olho no céu e vejo  
Descer na terra o meu Salvador  
Jesus Cristo  
Jesus Cristo, Jesus Cristo,  
eu estou aqui.  
Em cada esquina eu vejo um olhar perdido  
De um irmão em busca do mesmo bem  
Nessa direção caminhando

... e o resto é aquele sucesso de Roberto Carlos, que todos conhecem.

Esta letra fez sucesso muito dinheiro ganhou em ritmo de yê - yê - yê ele mesmo quem gravou uma crítica contra ele no Brasil se iniciou

Era consagrado o Rei da juventude avançada fazia o que queria não ligava mais pra nada sem saber que a "Morte" vinha com sua foice afiada

Diz um antigo proverbio que "alguém" jamais esqueça para quem zomba demais sempre é bom que aconteça "Quem com muitas pedras bole uma lhe cai na cabeça"

A profecia é quem diz Jesus Cristo nunca erra chamou a "Morte" e lhe disse Vá urgente lá na terra falar com Roberto Carlos na dôr da foice ele berra

A Morte saiu correndo em São Paulo ela parou procurou em todo Estado Roberto não encontrou Erasmo ia passando A Morte lhe seguro

Quero saber nesse instante onde anda seu amigo tenho aqui um Telegrama que pr'a ele é um perigo Erasmo lhe respondeu sente-se aqui que eu lhe digo

Segunda feira passada para a América viajou e no melhor hospital ele hoje se internou porque estava cantando e o seu coração parou

A Morte disse obrigado a Erasmo agradeceu e em menos de um segundo a Roberto apareceu a surpresa foi tão grande que o "Rei" estremeceu

Quando ele viu a Morte com sua foice afiada deu um grito e foi dizendo tenha de mim compaixão a Morte então respondeu vim cumprir minha missão

Trago aqui um Telegrama que Jesus Cristo mandou e levantando seu braço a mensagem lhe entregou quando ele recebeu ali mesmo desmaiou

a Morte foi para o céu Roberto ficou caído quando ele despertou estava muito abatido chamou por uma enfermeira e pediu um comprimido

Depois que ficou sozinho o Telegrama foi lido abriu bem devagarinho isso eu digo "podes crer" pois a sua ansiedade era pr'a logo saber

Quando abriu o telegrama, foi grande o constrangimento porque viu dia e hora e a data de nascimento mais embaixo tinha escrito a do seu sepultamento

Finalizando dizia pense em tudo que já fez pois se assim continuar lá no céu não tem vez sua data foi marcada pr'a o ano 73

Pense bem Roberto Carlos A Morte lhe foi sincera Lamento quando voltar I magine só "que fera" T u a data foi marcada O inferno te espera

"Podes crer"  
- Bicho -

Editor proprietário  
o invisível PALITO



Joe Garnett

## Disco Voador no Mississippi

OS DOIS HOMENS (DA FOTO À ESQUERDA) PESCAVAM. DE REPENTE, OUVIRAM UM ZZZZZZZZ ATRÁS DELES. ERA O DISCO. E, DE DENTRO DO DISCO, SAIRAM SERES ESTRANHOS. DE MAIS OU MENOS UM METRO E MEIO DE ALTURA. E TINHAM GARRAS.

# Os Homens-Caranguejo do Espaço Extraterrestre

Texto de JOE ESZTERHAS

Pascagoula, Mississippi, 160 Km. a leste de New Orleans, 32 km. a leste de Biloxi, 64 km. a oeste de Mobile, Alabama, ocupa quatro milhas quadradas de barro arenoso no Golfo do México. É uma cidade industrial em desenvolvimento (população do município de Jackson, 1963 - 40.000; 1973 - 120.000) cercada por charcos, baias pantanosas e o maior brejo de todo o Estado - Pas Bottoms - onde ratos de arrozal escoam através do lixo e onde o *alligator mississippiensis*, um reptilíssimo animal de focinho largo e redondo, já jantou mais de um dedão dos rapagões locais ou unhas de dedões como hors d'oeuvres.

Até a Segunda Guerra, a notoriedade da cidade vinha de seu "único cemitério iluminado do Mississippi". Durante a Segunda Guerra, vieram as grandes companhias de construção naval com seus fabulosos contratos oficiais... e a rapaziada da roça largou em massa o barro, o charco, a sujeira, para transformar-se em maquinistas, mensageiros, carregadores. "Eles param de plantar amendoim," diz um morador local, "puseram a mula no celeiro e desceram pra cá".

Em 1967, o soberano Estado de Mississippi ganhou quatro novas leis para emitir 130 milhões de dólares de bonus industriais para "o estaleiro do futuro", a Ingalls Shipbuilding Company (das Indústrias Litton) nas margens do rio Pascagoula. Aleluia: trabalho para todo mundo! E os jornais traziam anúncios dizendo "Mil Vagas - Boa Remuneração!" Um repórter local diz: "Foi como em Birmingham quando descobriram jazidas de ferro". A Ingalls dominou Pascagoula a ponto de alguns comentarem que seu nome devia ser mudado para Ingalls City porque a presença da Companhia ofuscou até mesmo as poucas e mixurucas gotas de fama da cidade... como o fato de Henry Wadsworth Longfellow ter escrito alguns de

seus poemas aqui.

Os outros únicos grandes negócios da cidade atualmente são a International Paper Company e - seja louvado! - Deus. A indústria de papel cheira tão mal que as mais bravas moscas sobrevoam de longe suas chaminés e ares adjacentes. Enquanto o negócio de pagamento de reverência ao Senhor se desenvolve em lugares sagrados como a Igreja Batista Ocean Springs, do reverendo Billy Riddick, que vende folhetos da "Espadas para Cristo" e correntinhas bentas, fora as arrecadações durante os cultos, quando o ar fedorento de Pascagoula se enche de cantos fervorosos e a bandeja do Reverendo Billy de notas e moedas.

Há algum tempo atrás, alguns yankees, ainda vinham aqui para passar férias, mas o turismo foi definhando como uma planta que deixasse de receber água. As praias ainda são brancas, a areia ainda composta de sílica em sua maior porção, mas a água é marron - para ser exato, marron-cloaca. Assim, em determinados dias, em certos trechos da praia, se algum tolo yankee em férias leva seu filhinho para nadar - Fun in the Sun, Gulf Riviera, diz o aviso na estrada - ele estará mergulhando o guri na m...

Os camaradas que vivem aqui, o pessoal que orgulhosamente chama a si próprio de "Sons of the Beach", não nada muito e se contenta em pescar, mais para se distrair... Senta ali, joga o anzol e quando fiska um peixe, puxa a linha, tapa o nariz, retira o peixe do anzol e devolve-o à latrina corrente...

Assim é que na noite de lua cheia de 11 de outubro passado, Charlie Hickson, um careca de 45 anos, de cara ossuda e olhos de jogador de dados em becos escuros, pegou Calvin Parker, seu protegido de 19 anos, e lá foram os dois, decididos a tentar tirar alguma coisa daquela água preta. Guiaram o carro até o barracão

abandonado, onde ainda restam ruínas do guindaste do antigamente próspero Estaleiro Schaupter, a apenas três quarteirões do centro da cidade.

Calvin Parker - filho de um amigo de Charlie, rapaz forte, queixada larga, pulsos grossos - vivia no apartamento de Charlie e trabalhava com o velho, desempenhando um tipo de faz-tudo na F.B. Walker and Sons Inc., fabricantes de rebocadores, barcaças e barcos exploradores de petróleo. Tendo deixado o sítio da família há alguns meses, Calvin Parker era dado a longos períodos de lugubre silêncio. Sentia falta da namorada e não se sentia em casa em meio aos apitos e sirenas barulhentos dos estaleiros.

Os dois sentaram na grama, ao ar misericordado-doentio e ficaram ouvindo a... música... vinda das profundezas do rio. Nada extraordinário (a não ser, naturalmente o fato de você fazer um retrospecto de toda a zorra grotesca aqui acontecida e ver algum presságio infernal no fato de os Homens-Caranguejo do Espaço Extraterrestre escolherem as margens do Singing River para o seu pouso terrestre). É isso mesmo, o Singing River - porque, como todo mundo em Pascagoula sabe, há música naquela imundície, razão pela qual ele é oficialmente chamado de Singing River e razão também pela qual os carros de polícia de Pascagoula exibem um emblema com uma Águia Americana de olhar ameaçador e as palavras - City of the Singing River.

Através dos anos, a descrição mais comum da música foi "um zumbido de um enxame de abelhas" e estas as interpretações de cientistas de alto QI: o som provinha de alguma espécie rara de peixe, transplantada da América do Sul; do rilar das areias do fundo; de correntes aquáticas em choque com profundas cavidades; de gás natural expelido da areia do fundo. Mas o povo de Pascagoula - ou,

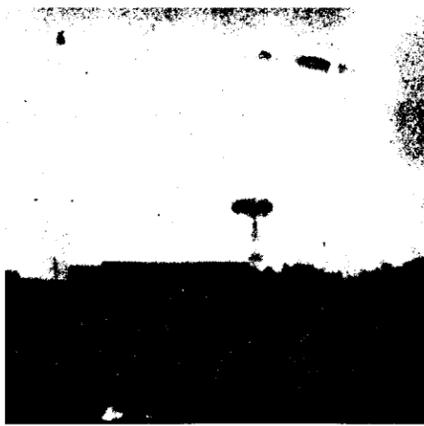
mais familiarmente, Goula - não se deixa levar por idiotas teorias acadêmicas. Ele sempre soube, no seu íntimo, o que provocava a música... *Todos aqueles corpos mortos gorgolejando com voz a mais forte possível do fundo daquelas águas perversas.*

... Há muitos e muitos anos, os índios Pascagoula tinham um templo onde adoravam uma sereia todas as noites. Quando a lua estava visível e no seu zênite, eles se reuniam em torno do templo e louvavam aquela linda criatura. Um dia, por volta de 1539, apareceu entre os índios um homem branco com longas barbas cinzentas, estranhas vestimentas e uma grande cruz nas mãos. Ele exibiu um livro e começou a ensinar a sua religião. Foi rapidamente convertendo os índios ao cristianismo. Até que numa noite, quando a lua estava cheia, houve uma súbita agitação na superfície das águas. Elas ficaram imediatamente convulsionadas e finalmente se transformou numa enorme coluna de ondas espumantes. No topo das ondas apoiava-se a sereia, cantando uma linda melodia com este refrão: "Venham a mim, filhos do mar! *Nenhum livro, sino ou vela os arrebatará de mim!*" Os Índios ouviram aquilo com êxtase crescente e foram entrando, um por um, nas águas furiosas para não mais vir à tona. Quando o último deles desapareceu, as ondas cessaram e uma gargalhada de exultação foi ouvida, vinha da sereia...

Na noite de 11 de outubro, 1973, quando a lua estava cheia e no seu zênite, Charlie Hickson e Calvin Parker, em companhia de duas varas de pescar, sentaram na beira do rio olhando para as suas águas. Nenhuma sereia sensual acenou para eles. Eles não ouviram nenhuma música fúnebre, nenhuma gargalhada exultante.

"É meió nós vortá", disse Charlie a Calvin. "aqui nós num vai pegá nada."

# Os seres Hommmmmmm! Hommmmmmm!



Eles ouviram um Zzzzzzzzzzz atrás deles.

Voltaram-se e viram a coisa. Não se atiraram no rio. Estavam tão assustados que não podiam se mexer.

Eram os Homens-Caranguejo!

Eles tinham vindo do Espaço Extraterrestre para visitar dois terraqueos comuns que se compraziam em sentar ao ar fedorento da beira de um rio envenenado que ecoava vozes de defuntos.

Estava "plainando" numa clareira a uns 40 pés atrás deles. Eram, no máximo esforço que Charlie Hickson conseguia fazer para lembrar direito, por volta de nove horas - "Não uso relógio e quando tô pescando, misqueço do tempo."

Quando Charlie Hickson viu a coisa "meu primeiro pensamento foi pulá pro rio mas num pude mi mexê. Lá tava eu, eu e minha vara de pescá e Calvin. Quando Calvin viu, virô histérico pra mim. Calvin tava berrando, "Que qui é isso? Que qui é isso? Jisus! Olha prisso!" Tô dizendo agora, cês num pode imaginá como era a coisa."

Era uma nave oblonga, em forma de ovo - "Um F . . . da P . . . Objeto Não Identificado," diria um delegado de policia local - suspenso menos de um metro do solo. "Ele num era todo redondo," diria Charlie Hickson, "mais ou meno assim, sacomé, pontudo num lado mais que no outro, mais encurvado, uns treis metro de largura e uns dois e meio de altura. Tinha essas luz azulada brilhante bem na frente. Num sei se era janelas ou o quê que era. Tinha um brilho assim amortecido. Eu ouvi aquele zumbido assim como de ar saindo de um esguicho. Nós ficamo ali olhando prele, nem se mexendo tanto que nós tava amedrontado."

"Parecia que era uma porta que apareceu, não que foi aberta, apareceu. Veio pra fora da nave espaciá, que nem um cofre de borracha que cê aperta e sai assim uma moeda devagarinho. E eu vi aquelas coisa saindo pra fora. Tinha treis deles. Eles tava flutuando em volta de nós, num vinha pro chão, só no ar, ali, flutuando, voando. Calvin, ele continuava dizendo sem pará:

- "Ái, Jisus! Meu Jisus!"

"A única coisa que continuava na minha cabeça, sacomé, era - *Eles vai me levá.*"

"Eles ficaro flutuando em cima de nós e eu larguei a vara de pescá. Eles flutuava co'as perna junta. Eles tinha um metro e meio, por aí, de altura, um pouco mais baixo que eu. Os corpo parecia humano. A cabeça era meio redonda mas eles não tinha pescoço. Dos lado da cabeça deles, no lugar onde devia tê as orelha, eles tinha essas coisa apontando pra fora. Tinha um negócio no meio da cara, sacomé, onde devia tá o nariz, e debaixo daquilo ti-

nha alguma coisa assim como granizo mas eu num vi aquilo se mexê em nenhuma hora. Eles não tinha olhos. Num dá pra dizer se eles era feito de metal ou de pele. Era assim cinza claro, um pouco mais pra metal que pra pele de elefante. Eles era assim cheio de prega. Os pé deles era redondo que nem pé de elefante e num tinha dedo. Eles num tinha mão também. Tinha essas garra de caranguejo."

"Dois deles veio por cima pro meu lado e me pegou por baixo dos braço. Vi o outro pegá Calvin e vi Calvin ir mole. Eu sabia que Calvin tinha se desmaiado. Quando eles me pegaro com suas garra eu num senti nada. Num senti nada."

"Eu num me belisquei nem nada, mas fiquei no meu prumo e não podia acreditá no que tava acontecendo."

"Então eles me pinçaro pelos braço e nós flutuamo na direção da nave. Parecia que eu num pesava nada. Nós flutuamo alguns pé do chão. Eles me flutuaro pra dentro. A sala num tinha canto, nem degrau, nem nada. Tinha luz pra valê lá dentro, mas de nenhuma cor assim diferente. Num tinha nenhuma lâmpada mas tinha abundância de luz."

"Eu inda tava flutuando ali sem sentir nada. Duas das criatura começaram a me rodopiá com suas garra. Um negócio grandão e redondo que parecia um olho veio de algum lugar que eu num sei donde. Num é que parecia mesmo um olho, de verdade, sacomé, era do tamanho mais ou menos de uma bola de rugby, sem tá ligada a nada, solta. Eles me virava em diferentes posição. De barriga pra cima, no meio do ar, sem ficá segurando nem preso a nada, de costa, e depois num ângulo de 45 grau. A luz de dentro chegou a brilhá tanto que quase cegava. O olho se mexia em volta de mim como se fosse um raio-X me examinando ou então que tava tirando retratos ou coisa parecida. Senti como se eles estivesse me fazendo uma inspeção."

"Pensei de novo: *Boy, eles gosta do que eles tá vendo, eles vão me levá embora!*"

"Eu num sabia onde que o Calvin tava mas imaginei que eles tava com ele em outra sala ou coisa parecida trabalhando em cima dele com outro olho. Eu devo ter dito alguma coisa pra eles, qué dizê, eu devo ter dito *alguma coisa* ali, mas num consigo me lembrá o quê que eu falei. Eu ouvi uma das criatura soltá um tipo assim de ruído. Fazia assim, era assim que nem um Hommmmmmmmmmmmmmmmm! Hommmmmmmmmmmmmmmmm!"

"Daí eles me largaro no meio do ar, um minuto ou por aí, e eu fiquei ali mesmo, parado, ali, imobilizado. Tudo o que dava pra eu fazê era piscá os olho e mexê eles assim dando volta."

"Eu tava tão aterrorizado que num sei nem direito como fui pará de volta no chão, na beira do rio. Eu acho que a coisa toda levou uns vinte minuto, por aí. Acho que eles me carregaro pra fora de novo co'as garra deles e eu flutuei pra baixo. Eu tava tão fraco que eu caí no chão. Calvin tava lá no chão, bambo e guinchando. Ele num me lembrô de nada depois que tudo passou. Eu ouvi o Zzzzzzzzzzz! de novo e vi a nave do espaço ir-se embora. Quase que instantâneo ela tinha sumido. Não que nem um avião, mas direto pra cima retos."

"Calvin tava histérico e eu tava tentando trazê ele de volta pros sentido dele. "Eles já fôro!" Eu ficava repetindo pra

ele. "Eles já fôro!" Eu catel as coisa de pescá e nós saimo correndo dali pro nosso carro. "Filho", eu disse pro Calvin, "ninguém vai acreditá nisso, vamo mantê isso só pra nós." Mas depois eu pensei de novo no assunto. Como diabo que eu ia voltá pro trabalho como se num tivesse acontecido nada? Eu imaginei que talvez o governo quisesse sabê sobre aquilo. Nós ficamo sentado no carro por uns 40 minuto imaginando o quê que a gente ia fazê. Tinha uma garrafa de uisque lá e daí eu me servi um drinque."

Uma hora depois que os Homens-Caranguejo subiram reto de volta a sua galáxia, Charlie Hickson e Calvin Parker foram a uma cabine telefônica e chamaram a Base Aérea de Kessler, em Biloxi, num centro eletrônico de treinamento de operadores de radar e controladores de tráfego aéreo.

Eles disseram ao sargento que atendeu o telefone que acabavam de ser raptados e libertados por Homens-Caranguejo do Espaço Extraterrestre e queriam dar aos militares um relatório completo sobre os pé-de-elefante e olhos-de-bola-de-rugby.

"Nós não estamos interessados nessas coisas," disse o sargento a eles, "vão contar isso pra polícia" e desligou.

Eles foram para a redação do Mississipi Press-Register, alguns quarteirões adiante do local de pouso do disco voador, e pediram para falar com um repórter. A única pessoa na redação era o zelador.

Eles começaram a falar a esse pobre preto cansado sobre os Hommmmmmmmmmmmmmmmm! e Zzzzzzzzzzzzz! e garras e ele expulsou-os de lá. "Estamos fechados," ele ficou repetindo a eles, "vão pra casa e durmam ou vão procurar o xerife."

Aí por volta das dez e meia, segurando duas varas de pescar como prova de sua aventura, eles se encaminharam à delegacia do município de Jackson, que fica no andar térreo do forum local.

O xerife Fred Diamond, 44 anos, recém-eleito, após ter servido como juiz-investigador do município, estava na sala do júri, quando um de seus auxiliares veio avisá-lo de que havia dois homens lá fora - um deles cheirando a álcool - dizendo que haviam sido emboscados e raptados por Homens-Caranguejo do Espaço Extraterrestre.

O xerife ouviu um dos homens, altamente excitado, dizer lá fora: "Eu vi! Eu vi!" e "Por que eu? Num posso entendê por que eu?"

Fred Diamond disse ao seu auxiliar que fizesse naqueles dois caipiras o teste do bafômetro . . . eles provavelmente tinham andado bebendo uisque falsificado . . . jamais suspeitando que dali a alguns dias o Press-Register botaria os dois trêmulos suspeitos neste estrábico contexto: "Assim como os índios americanos certa feita se confrontaram com estranhas criaturas do mar na forma de Colombo e seus homens, nós também estariamos nos confrontando com um Colombo de outro planeta?"

Mas mesmo depois de duas longas horas a dupla ainda mantinha uma teimosia de asno sobre sua história, e mesmo depois de a maioria dos auxiliares do xerife terem explicado (cansados e vermelhos) que não gostavam muito de perder tempo com coisas tão lunáticas como aquela. "No começo, eu pensei que eles estivessem mentindo," disse o policial Glen Ryder, "mas podia-se garantir, depois de algum tempo, que o mais moço dos dois,

o rapaz, estava assustado até os ossos. Ele tremia como uma vara verde e choramingava e chamava Jesus o tempo todo."

O xerife Diamond (mais habituado a investigar casos de mordidas de cachorro e ficar vendo seus homens entregando bebês em camionetas de transporte) tentou todos os truques policiais em que conseguiu pensar. Hickson e Parker foram interrogados severamente em salas separadas; foram ameaçados, insultados, bajulados. Nada disso adiantou. Suas histórias batiam. "Tá bom," disse Fred Diamond a seus auxiliares, "vamos tentar um Watergate particular."

Charlie Hickson e Calvin Parker foram trancados numa cela e informados de que ficariam ali até parar de ver fantasmas e assombrações. A cela foi "preparada". O xerife Diamond e seus homens ficaram ouvindo e gravando e esperando que toda aquela tempestade idiota se transformasse num morno e brando ventinho.

Eles ouviram Charlie Hickson dizer: "Meu Deus! Eu nunca vi nada parecido na vida. Tô c'os nervo estorado!"

Eles ouviram-no dizer: "Depois de tudo que me aconteceu aqui nesta terra, agora inda tenho que enfrentá tudo isto!"

Eles ouviram-no dizer: "Filho, eu te disse que eles num ia acreditá que tinha acontecido. C'os diabo, se eles não vai acreditá que aconteceu, eu num vô acreditá que aconteceu!"

Eles ouviram Calvin Parker pedir, como uma garotinha recém-batizada: "Jisus meu, meu Jisus, mi ajuda. Tô Te pidindo Jisus . . ."

Uma hora mais tarde, Hickson e Parker foram liberados e aconselhados a ter uma boa e repousante noite. Sexta-feira de manhã. O auxiliar-chefe do xerife, Barney Mathis, estava dizendo: "Eu tenho uma mente aberta e teria de ver os tais seres com meus olhos. Mas eles estavam sérios e ambos contaram a mesma história. Se esses dois rapazes estão mentindo, eles deveriam ir para Hollywood. Estavam com tanto medo que eu é que tive medo que sofressem um ataque do coração." E o xerife Diamond, que preferia não comentar o caso, disse: "Eu não creio que eu próprio um dia viesse a dizer que eles estão dizendo, mas acredito que estão sendo sinceros".

Na sexta de manhã Hickson e Parker, que não tinham conseguido dormir, foram para a Walker? Sons como se fosse um dia comum de trabalho. Danny Davis, o chefe, viu-os: "Eu me dirigi a Charlie e pedi que me mostrasse uma coisa qualquer. Ele mostrou. Eu agradei e ele mostrou de novo. Eu agradei de novo e ele mostrou de novo. Aí tentou fumar um cigarro e tremia tanto que não conseguia levar o cigarro até os lábios. Depois tentou tomar uma xícara de café e não conseguiu erguer a xícara sem derrubar café por todo lado. Eu olhei para Parker e o rapaz continuava se segurando e esfregando os braços. Finalmente perguntei a Charlie: "Charlie, que diabo que está te acontecendo? Você parece que tá a ponto de saltar pra fora da tua pele! Ele não me disse nada. Insisti e ele disse - "Cê num ia me acreditá se eu te contasse". Então eu disse - "Tenta!" e ele começou a me falar desses Homens-Caranguejo. Eu corri pra dentro e peguei o Jim Flint, supervisor da turma, e Orville Bryant, o gerente, e pedi a Charlie que contasse tudo de novo. Ele começou a falar e então as lágrimas começaram a correr pela cara

# Em cena, o vivo COLINGO OVNI



dele — um homem crescido como Charlie Hickson choramingando por causa dessa espaçonave e desses seres. Nenhum de nós sabia o que dizer, até que uma hora mandamos os dois pro diabo da casa deles e tirar folga aquele dia.”

Sexta-feira de manhã, Murphy Givens, 28 anos, um foca magrelinho, setorista do fórum para o Press-Register, chegou à redação e telefonou para a delegacia de Jackson. Era parte de sua rotina diária.

“Cumequíé?”

“Tudo legal.”

“Alguma coisa?”

“Só os Homens-Caranguejo.”

“Que p... é essa?”

Murphy Givens ouviu a história dos Hommmmmmmmmms e Zzzzzzzzzs e pés de elefante e percebeu que tinha um “pepino” pela frente. Não fazia três semanas que estava no Press-Register e gastara a maior parte desse tempo preocupado com sonegação de impostos de um figurão local denunciado.

Mas uma reportagem sobre Homens-Caranguejo do Espaço Extraterreno? Murphy Givens falou com os auxiliares do xerife, ouviu cinicamente os detalhes, e bateu perna pela cidade fazendo perguntas objetivas. A Zona de Pouso dos Homens-Caranguejo ficava numa vista panorâmica direta de dois operadores de guindastes que trabalham 24 horas por dia. Ele procurou-os, perguntando se haviam visto alguma coisa na noite anterior, alguma coisa... fora do comum. Bem, disseram eles, não tinham visto nenhuma cápsula espacial, se era isso que Murphy estava querendo saber. Murphy sabia também que um posto da Ingalls, a uma milha de distância da — ele lembrou a si mesmo — suposta zona de pouso, utilizava câmaras zoomar de segurança pra ficar de olho no Singing River e suas margens, a fim de proteger as construções de barcos da Marinha (uma porção de destroços foram construídos na Ingalls) de sabotagens em terra. As zoomars da Ingalls, descobriu ele, tinham perscrutado a escuridão a noite inteira da quinta-feira, mas seus operadores não tinham visto sabotador nenhum, terrestre, ou extraterrestre.

“Bem, eu fiquei pensando no assunto um pouco mais,” diria Murphy Givens. “Os homens do xerife estavam convencidos. Estavam crentes. Eu senti que os caras do xerife estavam sendo sinceros, en-

tão escrevi a história honestamente. Eu disse que os dois homens haviam sido forçados a embarcar numa nave estranha, às margens do Singing River. Supus que atingiria alguns leitores, como a coisa de Orson Welles, aquela da invasão de marcianos. Serí que havia uma tremenda possibilidade de ser completamente ridicularizado e ao mesmo tempo a chance de estar sentado no topo de uma das maiores reportagens de todos os tempos. O editor não acreditou na história. Eu tinha que convencê-lo a publicá-la como a reportagem de primeira página. Ele insistiu que ia botá-la em páginas internas. Eu finalmente joguei tudo. Disse a ele que aquilo era um dos mais dramáticos episódios jamais contados, verdadeiro ou não. Se fosse uma farsa, ok, ela logo seria desmascarada. Ele respondeu que os dois eram totalmente malucos, mas acabou concordando em dar manchete de primeira página.”

Sexta-feira de manhã — horas depois que o Press-Register apareceu nas ruas com a manchete: “Enquanto pescavam... Homens de Pascagoula Forçados a Embarcar num OVNI, aqui” — o advogado Joe Colingo estava deixando seu escritório de advocacia para uma audiência de divórcio de um cliente. Sua secretária parou-o e perguntou-lhe se ouvira falar dos dois homens que tinham sido raptados por Homens-Caranguejo. “Cascata!” disse Joe Colingo, “Eu não tenho tempo pra essas coisas. Tenho que ir pro Fórum.”

Quando o assunto abarca problemas universais, Joe Colingo — que brevemente seria conhecido pela cidade como “Colingo OVNI” — é um dos maiores crânios do município de Jackson. 34 anos de idade, ele se graduou na Universidade de Ole Miss, é ex-advogado público de defesa e uma vez fez um supersegredo trabalho pessoal para o czar do jogo Sam Lee Presley, que estava na cadeia. O filho de Sam Lee, Sam Jr, andava transando com Buddy Rich, o baterista, e torrando todo o dinheiro do velho Sam. Este então pediu a Joe Colingo que fosse até a Califórnia buscar Sam Jr. Colingo foi e ficou. Veio a ser um dos advogados de Buddy Rich, participou de um monte de festas de “sex-starlets” em Las Vegas e Beverly Hills, tagarelou com “gente famosa como Vic Damone”. Serviu também como presidente, por uns tempos, de uma cadeia

nacional de carrinhos de hamburger que usava um famoso nome caído em domínio público, mas os hamburgers volantes falharam e Joe Colingo voltou para Pascagoula. Ele sentia que aprendera tudo sobre “showbusiness” e “picardia” e que nunca mais seria “passado pra trás”. Casou com uma das belezas da cidade, a vistosa Johnette Walker, e produziu um trio de lindas meninhas. Ele veio também a se transformar no advogado da firma que o falecido pai de Johnette, Johnny Walker, fundou: a Estaleiros F.B. Walker & Sons.

Quando voltou do Fórum aquela sexta-feira de manhã, Joe Colingo chamou seu cunhado, um executivo da Walker’s, para conversar sobre caçada. O cunhado acabava de regressar de uma excêntrica caçada de alces na Suécia; Joe estava planejando uma bem mais tranquila caçada de gamos em Colorado. O cunhado perguntou se ele ouvira falar dos Homens-Caranguejo. Joe Colingo riu e disse yeah, claro. O cunhado disse que os dois rapazes que haviam visto os Homens-Caranguejo estavam ali fora, no pátio e já que Joe era o advogado da empresa, talvez estivesse interessado em aconselhá-los. “Aconselhá-los?”, riu Joe Colingo, “eles precisam é de um médico de cabeça ou um padre ou coisa parecida, e não de um advogado”. “Pô”, disse o cunhado, “se eles viram o que tão dizendo que viram, isso pode até valer aí pelo milhão de dólares!” Joe Colingo levou aquilo em consideração — “muito rapidamente”, ele admite — e marcou uma audiência com Hickson e Parker para aquela tarde.

Meio da manhã de sexta-feira, no andar térreo do Fórum de Jackson, o auxiliar-chefe do xerife, Thomas Huntley, assumiu pessoalmente o “Caso das Criaturas.” Catorze anos na profissão, imaginação mórbida e do tipo velhaco, Huntley era o mais famoso tira de Goula. Ele era mais conhecido por uma única prisão, a de um homem chamado Jesse James Thompson, que negligenciara no pagamento da pensão de um filho. Ele encontrou Jesse James com uma dama muito pintada num barraco num ponto qualquer no meio do pântano e disse-lhe que andasse logo, vestisse as calças, porque estava preso. Jesse James apontou um revólver para a contorcida cara de Huntley, botou-o de volta ao seu carro de polícia e levou-o até as profundezas de um eucaliptal, onde amarrou-o a uma árvore e foi embora. Encontraram Huntley no dia seguinte, após uma busca que mobilizou toda a cidade.

Nesta sexta-feira, Huntley — que brevemente seria conhecido pela cidade como “Bip-Bip Huntley” — interrogou Hickson e Parker sobre os Homens-Caranguejo. “Você diria que eles ainda estavam em estado de choque, um choque bem forte, e nos meus 14 anos nesse negócio de crimes, e olha que já falei com assassinos e essa coisa toda, nunca vi ninguém nesse estado de nervos. Levei os dois imediatamente pro nosso hospital local aqui, o Singing River Hospital. Eles não tiveram facilidades para fazer um teste de radiação, para ver se tinha alguma radiação neles, então imediatamente deixei o hospital e transportei os dois para a Base Aérea de Kessler. Lá checaram os dois. Eles não tinham nenhuma radiação por dentro deles, mas me deixa te contar uma coisa, eles estavam com um desarranjo psíquico, um de-sar-ran-jo pís-qui-co, pís-qui-co!”

À tarde, Joe Colingo encontrou com

Charlie Hickson, Calvin Parker e o pai de Calvin, em seu escritório de advocacia. Joe Colingo expôs os ossos do ofício: ele cuidaria de tudo, ele os protegeria daqueles pestilentos homens de imprensa que batiam na porta deles, ele os ajudaria a ganhar um bom dinheiro. Hickson e Parker agradeceram — afinal, Joe Colingo era o advogado da empresa — e um contrato foi redigido e assinado na hora, fazendo Joe Colingo advogado da dupla e agente e empresário e sócio, com uma “considerável” fatia de todos os lucros que ele tinha certeza choveriam quando seus dois superstars contassem sua História Exclusiva sobre os Homens-Caranguejo do Espaço Extraterrestre.

O pai de Calvin Parker levantou no fim da reunião e disse que queria agradecer a mr. Colingo por procurar defender os interesses de seu menino. Ele estava agradecido e honrado que um homem importante como mr. Colingo, se dispusesse a representá-los.

Depois o homem olhou para Calvin Parker, apontou o dedo em direção ao filho e disse: “Mr. Colingo, eu não sei que diabo eu vou fazer com o menino. Toda vez digo a ele pra não andar em carros de estranhos e ele sai da fazenda por duas semanas seguidas e onde vai e fazer o quê? Vai direto andar num desgraçado de um foguete espacial!”

“As criaturas mais estranhas que já vi não eram Homens-Caranguejo”, disse o xerife Fred Diamond, “eram os Homens da Comunicação. Eles vieram em nuvens esses chatos desses insetos, carregando gravadores orientais e câmaras de cinema. De New York e Chicago e Memphis e de publicações estrangeiras, como Burda, da Alemanha e Rizolo da Itália e de publicações que ninguém nunca ouviu falar... como Sondando o Desconhecido, e Fusão e não sei o que mais.”

Eles agiam como se fossem donos de todo o Golfo do México e foram até a margem do rio examinar a água e o céu como se estivessem esperando que os bichos-papões viessem até eles para dar-lhes uma entrevista. Emporcalharam toda a Zona de Pouso dos Homens-Caranguejo com centenas de caixas amarelas da Kodak e mais pontas de cigarro do que se recolhe após um jantar árabe no Elks, na avenida Krebs. Invadiram o estaleiro Walker, de onde finalmente Orville Bryant teve que expulsá-los, e se amontoavam em um lugar após outro, perguntando se alguém vira luzes no céu.

Eles agiam como quem não soubesse que a imprensa não estava ganhando nenhum concurso de popularidade por aqui naqueles dias: em Atlanta, Jesse Outlar, o editor de esportes do Constitution, fora alvejado e seriamente ferido por um assaltante desconhecido em setembro; e em Mobile, 65 Km. a leste, Arch McKay, o editor dominical do Mobile Press-Register, fôra encontrado algumas semanas atrás caído em seu carro, com o lado direito do rosto arrancado a bala. E como reais insetos que eram, adequadamente a última vez que haviam invadido o Golfo em enxames iguais foi quando o Furacão Camille transformou a costa num cemitério e o Presidente Nixon, Deus o abençoe, surgiu para oferecer sua compaixão.

E desta vez, mesmo aqueles que não vieram e não causaram problemas — dos que vieram alguns até provocaram um escândalo uma noite no Dutch Inn onde uma garçonete disse que foi beliscada por

# O motor Uuuuuuush! Uuuuush!



um deles no bamboleante traseiro — não paravam de causar uma devastação nas linhas interurbanas de telefone. “Eu pensei que fosse ter uma crise nervosa,” disse o xerife Fred Diamond. “Recebemos chamadas da imprensa dos Estados Unidos inteiro. Isto é, estações de rádio e TV que eu nem sabia que existiam, uma atrás da outra. Nossa central telefonica não parou de funcionar durante quase 48 horas seguidas. A delegacia fervilhava, não podíamos fazer nenhum serviço, e tivemos noites em claro — sim senhor, telefonema em cima de telefonema. Fui entrevistado diversas vezes às duas ou três da madrugada.”

Parte desse ouriçamento se devia ao infeliz fato de o xerife Diamond não lhes ter dito exatamente nada. “O xerife não diria nada nem a mim após algum tempo”, disse Murphy Givens. “Parecia que parte de seu trabalho era evitar que o pessoal de imprensa descobrisse coisas.” O xerife nem mesmo leria para eles o depoimento ou os deixaria ouvir a gravação da interrogação, embora eles logo viessem a saber que até o mais inexpressivo oficial de Justiça do fórum já a ouvira. Então eles partiram para a vendeta contra o xerife e seus homens, enfiando microfones em suas caras o tempo todo e fazendo perguntas tipo: “Ora xerife, vai me dizer que um homem crescido como você acredita nesses Homens-Caranguejo? ... Xerife, vai me dizer que não mandou seus homens fazerem uma detalhada investigação no local? ... Xerife, por que seus homens não interrogam os operários e o pessoal da segurança da Ingalls? ...” E aquela outra pergunta insinuante e sarcástica que eles faziam sempre e sempre: “Xerife, há quanto tempo mesmo você disse que é xerife?”

O que os insetos não sabiam era que a intransigência do xerife fazia parte do jogo de Joe Colingo. Colingo já tivera alguns encontros com alguns daqueles invasores chatos e depois dito a Hickson e Parker: “Vocês não vão dizer coisa nenhuma pra nenhum desses p... porque nenhum deles quer pagar nada”. O que era verdade: Os p... dos repórteres queriam obter suas entrevistas exclusivas e voltar aos seus chefes e ganhar aumentos de salários e não dar um tostão por isso. Daí Joe Colingo, um democrata vivido e respeitado, que ajudara o xerife a ser eleito, disse ao xerife que queria que este entendesse que ele, Colingo, iria vender a história — para editoras de livros e talvez para Hollywood — e gostaria muito que o xerife tivesse isso na cabeça, sempre.

Havia muitos tostões para ganhar, isso era certo. Até o investigador Huntley tivera uma idéia-de-ficar-rico. Ele gravou uma comédia bufa, tirada da gravação do interrogatório de Hickson e Parker e disse que

ia vendê-la a uma gravadora. Huntley falou a respeito com Joe Colingo. Joe não opôs restrição e Huntley zanzou pela cidade com o seu gravador, testando seu humor com a turma do Citizens National Bank e no Café Luke — e por isso ganhando o apelido de Huntley Bip-Bip. Infelizmente, porém, a única pessoa a fazer dinheiro logo foi Murphy Givens, o reporter do Press-Register, que vendia suas reportagens a vários jornais de outras cidades a 25 dólares a peça.

Lutar contra os insetos invasores também não foi fácil, especialmente para Hickson e Parker, que tinham repórteres perguntando a todos os seus vizinhos quanto tempo eles tinham passado no sanatório de loucos, ou que, a meio caminho entre um escritório e outro, trombavam com aquelas enormes câmaras pretas atrás das quais vozes gritavam: “Vocês estavam bêbedos? ... Nunca tomaram Ele-Ass-Dee? ... Vocês vão passar pelo detector de mentiras?” Calvin Parker finalmente disse a um deles que ia quebrar-lhe o nariz depois de ouvir esta pergunta: “O que é que você vai fazer no natal, quando Papai Noel descer aqui no seu trenó?”

A NBC enviou uma equipe de filmagem de New York para fazer um “Documento” e quando a equipe telefonou ali do Holiday Inn para Joe Colingo e Joe descobriu que eles “não estavam autorizados a pagar nada”, ficou furibundo: “Que audácia! Retirem suas bundas desta cidade! Não quero nem ver vocês! Sumam de Mississippi!” A NBC também se excedeu em brilho aos seus competidores ao tentar obter uma cópia da gravação do interrogatório: Seus homens enrolaram os auxiliares do xerife e conseguiram reuni-los numa salinha do fórum, onde lhes mostraram um filme — o xerife percebeu que todos haviam sumido — em que uma tremenda louca cometia os mais bárbaros atos pornográficos. No final, os auxiliares agradeceram aos homens da NBC pelo espetáculo mas mesmo assim não lhes deram a gravação.

O grande momento dos auxiliares veio, contudo, quando eles foram forçados a conter à força um repórter de Biloxi. O repórter estava sentado do lado de fora de uma porta atrás da qual se encontravam Hickson e Parker, e repentinamente deu um salto e gritou a um policial — “Cês tem que me deixar entrar aí! É muito importante! Vou perder meu emprego! Cês vão ter que me matar pra me impedir!” e se atirou em direção à porta, batendo violentamente com a testa de encontro a uma travessa de madeira e sendo devolvido estatelado ao assoalho.

Os chutes saídos de Pascagoula corriam de costa a costa. Um cartunista do jornal Atlanta Constitution desenhou os Homens-Caranguejo como se fossem personagens de história em quadrinho, com antenas na cabeça e olhos arregalados. Numa edição noturna do jornal da NBC, o locutor disse: “Coisas estranhas continuam acontecendo no Mississippi à noite,” o que provocou uma tempestade de telegramas acusando a NBC de perseguir um Estado com a extinta imagem de enforcamentos noturnos de crioulos.

A verdade é que este maluco deste mundo estava de olho no Singing River — não interessava Watergate ou a guerra no Oriente Médio, isto aqui tinha significado intergaláctico! — e cabia ao xerife Diamond e a Joe Colingo aguentar as pon-

tas da coisa toda — “Espero nunca mais viver nada parecido,” iria dizer o xerife, “os homens da Comunicação são de matar”. Segurar as pontas era tão duro às vezes que fazia um homem interromper sua caminhada e engolir em seco.

Como na manhã em que Joe Colingo foi à sala do gerente do estaleiro Walker, Orville Bryant, com o bolo de insetos carregados de gravadores e câmaras do lado de fora da porta, e Joe viu Orville falando com alguém no telefone.

Ele ouviu Orville dizer: “Sim senhor, eu acho que esses Homens-Caranguejo eram robôs de Marte que vieram aqui, sa-comé, porque estamos trabalhando num punhado de coisas novas no estaleiro e eles queriam saber em Marte como construímos navios aqui na Walkers.”

“Isso mesmo” ele ouviu Orville dizer, “porque lá em Marte eles estão interessados em construção de navios. Claro, isso é uma opinião pessoal. Claro, claro, a qualquer hora, Senador.”

E Joe Colingo quase perdeu aquela última palavra até que sentiu que ela deixara um grilo em sua cabeça — *Senador!* — disse ele então — “Orville, quem era esse rapaz com quem você estava falando?”

E Orville Bryant encolheu os ombros e disse — “Oh, o Senador Harold Hughes, de Iowa, da Comissão de Serviços Armados.”

Quando o xerife Diamond ouviu falar dos helicópteros sobrevoando o vizinho município de George, não se surpreendeu nem um pouco — ele ouvira falar da corrida de Dia de Juízo Final em busca das carabinas modelo 250 de alavanca e dos rifles modelo 190 semi-automáticos na loja City Gun e na Pawn Shop, na rua Delmas. Nunca se comprou tanta arma desde 1962, quando aquele crioulo maluco, Meredith, protegido por tropas federais, se matriculou na Ole Miss.

Tanto que quando Fred Diamond ouviu a história de que o helicóptero da Força Aérea lá em George fôra alvejado por atiradores desconhecidos, ele balançou seu cabeção e disse a Huntley Bip-Bip: “Mais cedo ou mais tarde alguém vai derubar um deles e os Homens-Caranguejo vão parecer cocô de filhote de cachorro perto do que vai acontecer.”

Nos primeiros poucos dias após o suposto pouso no Singing River, o xerife disse que os seus cidadãos estavam “preocupados”. Depois ele disse que estavam “alarmados”. Depois finalmente teve que dizer a verdade e admitir que uma porção de gente estava “histérica”. Os Homens-Caranguejo, disse o xerife, haviam criado “uma calamidade pública”.

Parte porque a história de Hickson e Parker havia sido reforçada, quase legitimada: por um oficial de justiça (também pregador batista, nas horas vagas); por um ex-vereador da cidade; e por três policiais de Orleans Parish, na Louisiana, que haviam visto luzes e objetos aquela mesma noite. Assim, os camaradas que haviam dado risada dos dois capiras malucos/berrões foram forçados a engolir um pouco a risada quando ficaram sabendo o que o oficial de justiça, os vereadores e os três policiais estavam dizendo. E, depois de terem engolido as risadas, fizeram a coisa americana mais natural, patriótica e destemida. Carregaram de chumbo suas (anti-aéreas) armas.

Servindo também como prova da provável presença dos Homens-Caranguejo, havia uma peça de evidência concreta exi-

bida por Huntley Bip-Bip, uma gravação em fita que Bip-Bip tocava no volume máximo para seus amigos da cidade, supostamente o ruído natural do motor de um objeto do Espaço Extraterrestre — um objeto visto na vizinha Slidell, Louisiana, por três policiais na mesma noite do suposto pouso em Singing River. “Três policiais receberam telefonemas de um monte de gente em Orleans Parish,” disse Huntley, “que dizia estar vendo objetos no céu e que um deles chegou a ficar próximo do solo. Então esses três policiais foram até lá no lugar onde a coisa estava, conforme indicação do pessoal que tinha telefonado. E assim que chegaram no lugar, debaixo da coisa, de repente suas comunicações foram interrompidas. Eles não tinham mais comunicação com nenhum outro carro de polícia. Essa coisa ficou lá por uns quatro ou cinco minutos e eles parados ali embaixo.”

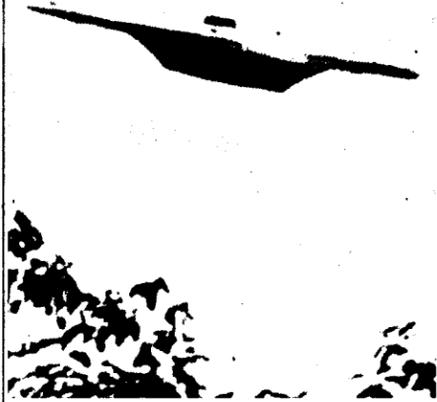
“Por acaso, um dos policiais tinha um gravadorzinho no carro e porque o gravadorzinho não foi interrompido também ninguém sabe. Mas ele pegou-o estendeu o braço pra fora do lado esquerdo do carro e gravou o som da coisa. Ele disse que a coisa estava mais ou menos a 150 metros de altura; estava girando; tinha luzes vermelhas, verdes e azuis. Estava parada ali e podia-se ouvir o motor e eu tenho a gravação do motor da espaçonave que o policial me deu. Dá até pra você dizer quando os seres deram partida no motor, ele faz uuuush! uuuush! uuuuush! Ele subiu reto um pouquinho e depois partiu e então aquele policial desceu do carro e saiu correndo pela estrada atrás da coisa, com o gravador na mão. Ela manteve a mesma velocidade, até que de repente os seres deram uma acelerada ou que diabo tenha sido e a coisa saiu na maior velocidade em linha reta pra cima e aí a gravação parou.”

O Golfo da Riviera, como é chamado pelos cartazes de estrada, era um “confusão diabólica dos infernos” (usando as palavras de Bip-Bip) com os insetos da imprensa provocando pressão alta e as lojas de armas faturando alto e o xerife Diamond falando em “calamidade pública”. Todo mundo parecia estar sofrendo severos faniquitos; os seres do espaço pareciam ter enfeitado as mentes do pessoal. Os auxiliares da Defesa Civil marcaram uma assembléia extraordinária, assim como os Veteranos das Guerras no Exterior (mas terrestres), e toda a polícia, todos os departamentos de polícia da região estavam recebendo desesperados chamados telefônicos.

“É verdade que todos os cidadãos foram prevenidos para não se aproximar da praia?” foi um desses chamados, conforme informação do patrulheiro Jeff Green, de Pascagoula. “E depois recebemos um telefonema de uma senhora que queria saber se era verdade que os seres estavam nos atacando e que tínhamos encontrado 38 pessoas mortas na praia. Eu disse a ela — “De jeito nenhum” e ela disse — “Uh-hum, é o que eu tinha imaginado. Os Homens-Caranguejo estão violentando e matando mulheres e homens e vocês estão cavando buracos e enterrando os cadáveres.”

“Quero uma investigação ordenada pelo Presidente,” disse o xerife Diamond, “o governo federal tem a obrigação de nos ajudar nesta histeria.” E assim aconteceu que um xerife do Mississippi pediu a ajuda federal.

# Agora, o piedoso rev. BILLY



Mas a Casa Branca e sua burocracia de milhões de dólares ignorou este pedido, ou exigência. Disseram ao xerife Diamond que a menos que "houvesse vidas em perigo" o governo não se envolveria. "A resposta mais direta que recebi foi uma resposta indireta passada a mim por alguns camaradas da Base Aérea de Kessler" disse o xerife. "Eles receberam um telegrama do Pentágono que dizia - "Que diabo está acontecendo por aí?"

"Bem, pode ser que eu tenha sido um pouco impertinente," disse o xerife, "Eu imaginei que com todos esses especialistas aeroespaciais por aí, eles bem que podiam mandar um pra cá." O xerife tinha uma opinião: Pascagoula está praticamente cercada por um cinturão de instalações de pesquisas espaciais e militares. Na fronteira do Mississippi são testados foguetes da NASA; a base aeronaval de Pensacola é a duas horas de carro; na verdade, o próprio Cabo Kennedy não é tão longe e alguns camaradas de Goula lembram quando ele ainda se chamava Estação Aeronaval do Rio Banana. E, claro, há a base de Kessler, em Biloxi, com seus milhares de especialistas em radar e eletrônica.

Mas a própria base de Kessler teve apenas, um envolvimento com a "história", numa reunião de duas horas na qual Hickson e Parker - em companhia de Huntley Bip-Bip - contaram sua história a uma sala cheia de oficiais, que agradeceram a ambos, apertaram-lhes as mãos, disseram que haviam gostado muito, e desejaram-lhes boa sorte. "Eu acho que aqueles rapazes só queriam ouvir falar a respeito da coisa," diria depois Bip-Bip. "Bem que parecia que eles estavam gostando de ouvir a história".

Hickson e Parker - e Joe Colingo - estavam mais que ansiosos para contar sua História Exclusiva para alguém... qualquer um... provavelmente oficial - "Eu imaginei que devíamos legitimar a história de alguma maneira, se fâmos fazer aquele milhão de dólares," diria Colingo. Felizmente, dois "cientistas" correram milhares de milhas para vê-los, vindo para Pascagoula da Califórnia e de Chicago: o grisalho e cara-de-coruja dr. James Harder, da Universidade da Califórnia, em Berkeley; e dr. Alen Hynek, de cavanhaque eirado, do Noroeste. ("Drs. Carter e Hymie", assim os chamaria Bip-Bip Huntley).

Os drs. Harder e Hynek eram OVNIlogistas, verdadeiros crentes da existência de fenômenos extra-terrenos - "Eu sabia que esses caras eram dedicados", diria Joe Colingo, "mas eles pareciam caninamente formais para o público". O dr. Harder, professor de engenharia hidráulica, campo que tem pouco a ver com a pesquisa espacial, era um investigador de horas vagas, amador, na Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos de Tucson, Arizona; o

dr. Hynek tinha sido chefe da Comissão de Inquerito dos OVNI, da Força Aérea, no Projeto Blue Book e disse que não havia Homens-Caranguejo viventes/morantes/zzzzzzingantes/bip-bipantes lá em cima.

"Hickson e Parker queriam contar sua história para aquilo que eles acreditavam ser oficial", diria mais tarde o dr. Harder, e eles o fizeram. E como! "Não só contaram, foram hipnotizados" - porque o dr. Harder é também hipnotizador amador. A sessão durou quatro horas e quando acabou, os drs. Harder e Hynek disseram - "Eles não são pessoas desequilibradas, não são pirados. Definitivamente, eles viram algo extra-terrestre", enquanto Hickson e Parker fugiam por uma porta dos fundos e, perseguidos pelos insetos, espalhavam folhetos mimeografados que diziam: "Nosso advogado é mr. Joe Colingo. Por favor não invadam nossa intimidade. Precisamos de descanso e também de trabalhar".

"Hickson e Parker haviam passado por uma experiência aterrorizante", disse o dr. Harder. O professor de engenharia e hipnotizador amador benevolmente comparou-os a "um aborígine da Austrália que repentinamente se depara com um jato Jumbo". Havia algum indício de que os Homens-Caranguejo eram hostis? "Se um cientista pega um rato de laboratório", reconheceu o dr. Harder, "o rato ficará aterrorizado, quer o cientista tenha ou não intenções nocivas". E enquanto compara Hickson e Parker a indígenas e depois a ratos, o dr. Harder não aprovava o tempo "Homens-Caranguejo".

Ele preferia chamá-los de "autômatos" com "pinças na ponta dos braços". Também os chamava de robôs avançados. "É natural, em tais circunstâncias, que eles projetassem características másculas". O dr. Harder concluiu: "Há vida em outros planetas. Acompanhamento os fatos e admito que 90 por cento deles sejam gerados por uma espécie de histeria de massa, mas há um punhado de casos que não se pode deixar de levar em conta."

Os dois doutores condenaram o governo federal por ter interrompido o projeto Blue Book. Disseram que com isso foram obrigados a voltar às suas aulas e não podiam se dar ao luxo de gastar nem um tostão a mais do que seus orçamentos permitiam, e deixaram a cidade. ("Eles eram legais," diria Joe Colingo. "É claro que provavelmente estavam procurando empregos do governo, e eu pessoalmente não entro muito nessa de hipnotizar pessoas, e especialmente não gostei do que fizeram com Charlie e Calvin, transformando-os em crioulos ou aborígenes, ou ratos ou o que quer que seja, mas de qualquer forma, eles disseram que os dois não são loucos")

Os drs. Harder e Hynek não eram os primeiros OVNIlogistas a chegar à cidade, e logo o xerife Diamond concluía que alguns destes cientistas e doutores e investigadores e seja lá o que for, eram tão esquisitos quanto os homens de Comunicação.

Mas o OVNIlogista que criou o maior caso e se tornou uma espécie de celebridade local - teve o seu retrato publicado tanto no Press-Register quanto no Biloxi Sun-Herald - era um quarentão barrigudo, careca e jovial que transou pela cidade com sua papada apoiada num livro de notas e uma Nikon dependurada no pescoço. Era Stephen Putnam, de Scituate, Massachusetts, membro do Grupo de Es-

tudos OVNI da Nova Inglaterra, em Quincy, um homem que passava seus fins de semana caçando OVNI's desde 1950. Putnam estava fazendo a instalação de uma lavanderia automática em Birmingham, quando ouviu falar dos Homens-Caranguejo e correu para a casa. Ele papou natural-e-humoradamente com policiais e com trabalhadores do estaleiro. Disse que estava feliz pelo fato de os Homens-Caranguejo se parecerem com Homens-Caranguejo, ao invés de, digamos, aranhas, porque "Eu não seria capaz de ser amistoso com uma aranha inteligente do espaço extraterrestre".

Stephen Putnam tornou-se uma celebridade local porque antes de fazer 24 horas que havia chegado, conheceu o rev. Billy Riddick, pastor da igreja Batista Ocean Springs, a quinta maior igreja em todo o Estado de Mississippi.

Ele conheceu o rev. Billy à meia noite, no exato lugar onde pousaram os Homens-Caranguejo, nas margens do rio cheio da música gorgolejante das centenas de índios suicidas. E nesse lugar histórico, o OVNIlogista dobrou os joelhos e descobriu Cristo e foi batizado e conduziu o rev. Billy para a verdade evangélica...

Hickson e Parker estavam possuídos por Satanás.

## VISITANTES DO ESPAÇO EXTRATERRESTRE O QUE DISSE O SENHOR?

Sermão pregado na igreja batista de Ocean Springs pelo rev. Billy Riddick no domingo, 14 de outubro de 1973. Prova conclusiva, a partir da Bíblia, de que NÃO existe vida física em outros planetas! Existe uma explicação bíblica para o aparecimento de criaturas estranhas na terra? SIM! E você precisa da resposta! Este sermão, em fitas cassete da melhor qualidade, duração de 90 minutos, por apenas dois dólares cada. Por favor, encomendas com ordem de pagamento.

*O anúncio apareceu nos jornais da costa do Golfo durante o mês de outubro. O cassete foi produzido em massa pelo filho adolescente do rev. Billy, Dale, e vendido também em lugares como a Sapataria Familiar do Eddin. O reverendo Billy é um gentleman de meia-idade e cara de lua. Sua voz é de altíssimo tenor Guinchante e ele fala num temerário estilo bateria anti-aérea.*

"Meus amigos, o que vamos examinar esta noite são as forças de Satanás! Demônios! Diabos! E eu creio que esse é o ângulo apropriado para tratarmos do caso dos Homens Caranguejo do Espaço Extraterrestre e O Que Diz o Senhor? Eu creio que dentro desta categoria nós encontraremos hoje aquilo em que teremos que refletir no futuro... muito bem! Antes de tudo em Mateus, cap. 25. Estamos falando a respeito de demônios neste momento! Estamos falando a respeito de diabos! Estamos falando a respeito daqueles que fazem a obra de Satanás! O PRÓPRIO DIABO!... Eu quero que vocês vejam alguma coisa a respeito do Diabo hoje à noite que talvez vocês não conheçam. Quero que vocês observem isso, em Efesios, cap. 2, o Diabo é conhecido como O Príncipe do Poder do Ar!

"Então vocês notaram como os programas de rádio que vêm através do ar, vocês observaram quantas coisas diabólicas há

naquilo? Os programas de televisão que vêm através do ar, vocês notaram isso? Vocês já tomaram um avião e uma vez no ar a primeira coisa que eles dizem é Aceita uma bebida? Gostaria de um pouco de uísque? Um pouco de Gim? Um pouco de rum? Vejam bem: é o Príncipe do Poder do Ar!

"Então também vemos em Mateus, cap. 7, que o Diabo possui uma inumerável quantidade de demônios. Estes demônios, estes espíritos sedutores, apoderam-se dos animais e dos homens!... Então a Bíblia nos diz que o inferno será aberto! E os maus espíritos sairão para fora sob formas locustas e terão o poder dos escorpiões e assim por diante. Então, considerando este fato OVNI que aconteceu aqui, vejam comigo o Apocalipse cap. 16 versículo 13. "E eu vi tres espíritos imundos como sapos saírem da boca do dragão! E saindo da boca da besta! E saindo da boca dos falsos profetas! Porque eles são os espíritos de demônios! Vocês entenderam? Porque eles são os espíritos dos demônios!"

"Então ontem à noite, esse homem Stephen R. Putnam, um pesquisador de OVNI's de Scituate, Massachusetts... então eu visitei o local, ontem à noite com o Irmão George Rayburn, onde esses homens Hickson e Parker estiveram, no cais, onde estes homens afirmam que o OVNI surgiu. E uma coisa estranha aconteceu! Quando estávamos lá, de repente, um homem - nós não tínhamos visto um carro ou coisa parecida - mas ali estava um homem andando na nossa direção. E ele se aproximou, cumprimentou-nos e se apresentou. Era Stephen R. Putnam e ele me contou algumas coisas sobre OVNI's e sobre seres e outras coisas. Então esse homem acreditava nessas coisas! Ele veio lá de longe até aqui porque acreditava nelas! Ele acreditava nelas, yes, ele acreditava!"

"Ele disse que esses seres, na maioria das vezes, usam como método de comunicação o pensamento e não o som ou o movimento. Ou seja, assim que a gente pensa, eles recebem a comunicação! Muito bem! Eu pensei por um momento. Eu pensei, aqui está um homem sozinho, à meia-noite, - se ele acredita nisso e se as pessoas que seguem este tipo de coisa também acreditam, me parece lógico que elas se plantassem ali e pelo processo-pensamento convidassem aqueles seres para virem até elas e levá-las a bordo e eles brindariam sua lealdade e recíproca comunicação! "Então na noite passada Stephen Putnam aceitou Cristo como seu Salvador! E eu escutei-o dizer esta manhã, depois de salvo e batizado: "Eu estava lá, ontem à noite, esperando o Diabo!" Então perguntei-lhe - "Os homens que acreditam nesses OVNI's vão a esses lugares e pelo processo-pensamento rezam para esses seres?" E ele respondeu: "Sim! "E vocês sabem o que isso significa? Isto, meus amigos, é estar possuído pelo demônio! E ele disse que estes seres, espíritos ou que seja, poderiam muito bem ser os espíritos de Satão que pegam as pessoas e as programam, ou mesmo reforçam-nas com poderes inaturais. Então estamos chegando ao estado inferior da astrologia e da bruxaria e OVNI's e seres do Espaço Extraterrestre. Tudo isso faz parte do saco do inferno! E tudo isso está num mesmo saco!"

"Então esse homem Putnam, disse que acreditava que esses seres espirituais convencem as pessoas das coisas e podem fazê-las lembrar ou não lembrar, de acordo

# A resposta deles? Bzzzzzzzz!



com o desejo deles. E disse ainda que em lugares onde as pessoas experimentaram esse tipo de contato com os espíritos ou seres ou o que forem, *aconteceram terríveis tragédias!* Então ele contou que esteve em Boston, no lugar onde aquela mulher morreu queimada recentemente. Vocês lembram da mulher que os meninos jogaram gasolina em cima e atearam fogo? Ele disse que naquela área esteve uma espaçonave OVNI em atividade pouco antes do caso e que houve um contato! Ele disse que visitou lugares onde alguns desses OVNI's colidiram com casas! E então aconteceram aquelas desgraças!

"Então ele disse também que nos seus 23 anos de experiência falando e entrevistando pessoas que fizeram contato com esses seres, ou espíritos, em suas palavras: "Eu concluo a partir de minhas pesquisas que existe uma certa destruição ou deterioração do caráter a partir da associação ou contato com esses seres!"

"Então estou dizendo esta noite que existem agora e vão existir no futuro, alguns seres espirituais tentando destruir o trabalho de Deus! Então o que vocês têm de fazer, meus amigos, é pôr à prova esses espíritos! Ponham-nos à prova! Testem-nos! Então vocês testam os espíritos para saber se são ou não de Deus. E a Bíblia diz — "Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo é o Senhor, seu Senhor é de Deus e um bom espírito!"

"Então meus amigos, esses seres que esses homens Hickson e Parker contataram, eles não disseram isso, disseram? Eles não disseram que Jesus Cristo é o Senhor. Não! Sabem o que eles disseram? Bzzzzzzzzzz!"

É a última semana de outubro e aqui estou eu no mais longinquo e escuro Sul, seguindo os rastros dos Homens-Carangejo do Espaço Extraterrestre. A cidade tem tons laranja e preto. Luminosos de neon piscam nas fachadas comerciais.

Há algo importante que prolonga minha estada. Este 30 de outubro é o 35º aniversário da Invasão dos Marcianos, o dia em que Orson Welles transmitiu pelo rádio a "Guerra dos Mundos".

O escritório de Joe Colingo fica em frente ao fórum de Jackson, e é guardado por três secretárias do tipo pêssego-com-chantilly. Nenhuma delas parece se impressionar muito quando entro com minha maleta de couro encrustada com metal dourado e dou a uma delas o meu cartão de visitas. Suas expressões me dizem que aquelas doçuras são espertas: elas viram muito pentelho chegar sorrindo através daquela porta para falar com o sr. Colingo. E elas viram todos eles saírem ofendidos ou irritados com o fato de Joe não ser suficientemente burro para dar a alguém alguma coisa em troca de nada.

O aperto de mão de Joe Colingo é do tipo Charles Atlas e seus olhos avaliam

meu preço. Perscrutam minha barba, meu casaco esporte e minha gravata (todos indescritíveis) e depois se reviram por causa de minha maleta, a belezinha Abercrombie & Fitch de 250 dólares.

Não há rodeios. "Eu não quero que a detalhada História Exclusiva deles se espalhe através do mundo de uma maneira irresponsável", diz Joe. "Eu quero orientá-la, vê-la, e colocá-la, e claro, pelo fato de as revelações deles terem interesse mundial, tem que haver um preço."

"Seja o que for, está certo," disse eu. "Não vejo nenhum problema. Só depende de quão boa seja a História Exclusiva deles."

Ele está vestindo um terno imaculadamente bem talhado, acinzentado, e o que me parece uma gravata Dior exclusiva.

Existe uma auréola de bom menino em volta dele. Noto que modula a pronúncia, a inflexão, o estilo, conforme a pessoa com quem esteja falando. Só deixa a voz escorregar pelo nariz, na clássica maneira sulista de falar, quando está se dirigindo a um empregado ou a Bip-Bip Huntley, ou a algum trabalhador do estaleiro envolvido em litígio com a Walker & Sons.

"Os jornalistas vinham aqui em bando," diz ele, "vinham e falavam comigo e achavam que iam me tapear como uma mula da roça. E então, depois de alguns minutos em que eu ficava olhando-os de cima, eles não sabiam mais o que falar. Então, oferecia-lhes uma xícara de café e suas mãos tremiam. Eu deixava claro que estava observando suas mãos tremirem."

Ele me traz uma xícara de café e olha enquanto bebo. Minhas mãos não tremem. Ele sorri.

"Hey," diz ele, "quanto você acha que dá pra levantar com a História Exclusiva dos dois?"

Eu não sei, respondo. Vai depender muito de como a história possa ser comprovada.

"Um milhão, você acha? Eu imagino que, se vendermos os direitos da história para revistas, livros e cinema, dá pra levantar um monte de dinheiro. Eu acharia jóia se a revista Life ainda estivesse no mercado."

Vai depender muito também, disse eu, da capacidade de Hickson e Parker em relatar o que lhes aconteceu.

"M...! Aqueles dois b...!" disse ele, "estou lhe dizendo, qualquer pessoa que comprar a história deles vai ter o meu assessoramento. Tudo o que eles sabem dizer é — "Eu vi! Eu vi!"

"E daí," resmungou ele, "não, fizemos dinheiro nenhum até agora. Pô, tive até que emprestar algum dinheiro pra eles, outro dia, pras contas do empório."

Todo mundo está fazendo dinheiro, menos Charlie Hickson e Calvin Parker e Joe Colingo."

O que, eu suponho, é verdade: o revelando Billy Ridick já assinou contrato com uma gravadora evangélica de Cincinnati para um disco intitulado *Visitantes do Espaço Extraterrestre o que Diz o Senhor?* Huntley Bip-Bip está ocupado gravando sua comédia. Murphy Givens está fazendo o dinheirinho da cerveja com seus free-lances. E o Press-Register imprimiu um livrinho chamado *OVNI's sobre o Mississippi — os 7 Dias de uma Odisséia no Espaço*. Está vendendo-o por um dólar e já vendeu mil exemplares.

"E minha mulher está realmente brigueada comigo," diz Joe, "Johnette diz

que nunca estou em casa, só andando por aí com esses dois caras o tempo todo, e o que vai me dar isso? Nada! E Johnette, man, aquela menina, mais do que qualquer coisa no mundo ama notas de \$ 100 e Cadillacs."

Ele está satisfeito porém, com certos encaminhamentos. Os produtores dos shows de TV de Dick Cavett e Merc Griffin continuam telefonando. Eles querem transformar Charlie e Calvin em astros de TV e, do jeito que Joe está imaginando a coisa, os poucos minutos de vídeo poderiam ser suficientes para atrair contratos de livros e filmes de cinema.

"Se, diz Joe, esses dois f... da p... estão mesmo dizendo a verdade!" de!"

Eu fico surpreso com essa última frase, espantado que o advogado/empresário/ agente/sócio ainda não esteja convencido.

"Bem, eu realmente não posso imaginar por que eles estariam mentindo," diz ele, "falei com os dois várias e várias vezes. O xerife também. Aqueles doutores hipnotizadores também. E todo mundo acha que eles estão dizendo a verdade. Eu acho que eles estão dizendo a verdade. Se estiverem mentindo, vamos explusar esses f... da p... do Mississippi e garantir que nunca mais eles arranjam emprego neste Estado."

"E o polígrafo?" eu pergunto. "Ouvi dizer que eles estão pra fazer um teste há semanas. O quê está impedindo?"

E Joe Colingo toma uma decisão imediata — é quase como se seus gestos tivessem sido coreografados. "Diabo, claro," diz ele. "Vamos fazer isso já, já!"

Telefona para um ex-colega de escola, da Ole Miss, Charles Pendleton, cujo irmão é presidente da Agência Pendleton de Detetives, em New Orleans.

"Hey, Charles," diz ele, "me faz um favor, boy. Me manda um dos rapazes de seu irmão aqui pra fazer com estes dois caipiras que dizem ter visto seres extraterrenos, um teste no detector de mentira. Você faria isso por mim, boy? E ouça aqui, seja lá qual for o resultado do teste, vai haver muita publicidade em torno. E imagino que com toda essa publicidade, a coisa até sai mais vantajosa pra vocês todos do que dinheiro." Pendleton diz que vai falar com o irmão e depois telefona para Joe de novo.

"Qual o sentido de contratar uma firma desconhecida para checar uma coisa de significado universal?" pergunto a ele. "Por que não contratar alguém inatacável, como por exemplo o sujeito que inventou o polígrafo, em Chicago?"

"Puts," ri Joe, "isso provavelmente ia me custar o olho da cara!"

Pendleton telefona como prometera. Negocio fechado. O teste será feito no dia seguinte. "Charles, boy," diz Joe, "você vai adorar a promoção nacional que vocês vão ter. Isso vale um milhão de dólares de relações-públicas." Ele telefona para o Estaleiro Walker e pergunta por Charles Hickson.

Hickson não está. "Bem, onde diabos ele está?" Charles Hickson está num hospital, em Laurel, Mississippi.

"Que diabo está ele fazendo lá?" Está visitando Calvin Parker.

"Que diabo está fazendo Calvin Parker lá?"

Calvin Parker é um paciente, lá. "O quê?"

Calvin Parker está sendo tratado de um

esgotamento nervoso que sofreu esta manhã.

"Oh, Deus meu!" diz Joe. Desliga o telefone, atordoado, e me diz — "Você, seu f... da p... você entra exatamente no meio disto tudo com essa m... dessa pasta cheia de ouro. Agora que p... que eu vou fazer? O show de Cavett quer os dois lá na sexta-feira e Griffin continua telefonando, e Deus! Um f... da p... dum p... de um esgotamento nervoso?"

Ele não diz nada por alguns momentos, depois me fixa atentamente. "O que você acha que o público vai achar do esgotamento nervoso?"

"Calvin Parker sabia que ia passar pelo detector de mentiras esta semana? pergunto.

"Esta semana ou a próxima, ele sabia disso."

"Algumas pessoas, digo eu, "são capazes de pensar que ele teve o esgotamento nervoso para não passar pelo detector."

"Yeah, mas podia ser de outra maneira. Eles poderiam pensar que ele teve o esgotamento nervoso por causa do choque."

"Poderiam." concordo eu.

"E ninguém fora de Pascagoula sabe que ele passaria pelo detector esta semana. Portanto, se Hickson for ao show de Cavett e disser que Parker teve um esgotamento nervoso por causa do que aconteceu aos dois, haverá toda aquela compaixão."

"Mas você não sabe, "rebato," se isso é verdade."

"Não," diz Joe, "mas pareceria isso."

Telefona para o produtor do show de Cavett e diz que Parker talvez não possa ir, mas que Hickson irá. O que há com Parker? perguntam.

"Oh, sabe como é," diz Joe, "ele pegou uma gripe e está fatigado etc."

"M...," diz ele, batendo o fone — "Vamos tomar um trago e pensar melhor nisso tudo". Tomamos cinco ou seis drinques no Longfellow House. "Espero que esses dois f... da p... estejam dizendo a verdade!" diz ele. Vamos de carro até sua casa de 75 mil dólares. O Cadillac está estacionado na garagem. Sua mulher está estacionada na cozinha. Ela diz que houve dois telefonemas importantes: para ele seu bookmaker e um médico de Charles Hickson.

Ele faz seus telefonemas enquanto a mulher e eu discutimos sobre um editor de Pascagoula que ganhou um Prêmio Pulitzer em 1962. Ira Harkey, que dirigia o Chronicle, na época o único jornal da cidade. Ele ganhou o Pulitzer por ter defendido a integração e o direito de James Meredith ser aceito como aluno da Ole Miss. Sua redação foi alvejada a tiros. Sua mulher foi ameaçada. Ele viveu certo tempo na Longfellow House, protegido por um corpo de soldados as 24 horas do dia. Uma comissão de vigilantes locais, liderada pelo xerife, organizou um boicote de anúncios contra seu jornal. Finalmente ele acabou deixando a cidade.

Johnette me passa um livro que Ira Harkey escreveu sobre Pascagoula, chamado *O Cheiro de Cruzes Queimadas*. "Uma porção de coisas do livro não são verdade," diz Johnette, "e de qualquer forma, as coisas já não são mais assim" Dou uma olhada no livro e noto que ela garantiu nas margens das páginas os nomes das pessoas da cidade que Harkey manti-

# Um altar ao Homem - Caranguejo

vera anônimas.

"Esse Hickson f... da p...!" diz Joe. "Parker tem seu esgotamento nervoso e vocês sabem o que faz Hickson? Hickson telefona para o médico e diz que quer seu filho, que está de serviço em Okinawa, de volta para casa porque ele está nervoso em razão do que lhe aconteceu. Essa é grande! Ele quer que o governo dos Estados Unidos traga seu filho de volta quando o governo não quer nem mesmo ouvir a desgraçada da sua história.

"Agora estou realmente preocupado," diz ele. "Eu não sei que diabo está acontecendo. Espero que os f... da p... estejam dizendo a verdade. Espero que não estraguem tudo. Não ligo a mínima pro que esses bundas-sujas viram, não acredito nesses p... desses Homens-Caranguejo, mas há um monte de dinheiro envolvido".

"Vamos tomar o penúltimo," diz ele, e deixamos Johnette Colingo em sua cozinha e o Cadillac na garagem e eu guio o meu castanhão Monte Carlo Hertz para lugares tais como o Dutch Inn, o La Font Inn, o Tiki e o Holiday Inn, enquanto Joe, encharcado de álcool, resmunga sobre seu milhão e sua mulher.

"Se fizermos o show de Cavett, então eu também tenho que ir. Deus, Johnette vai ficar uma vara comigo, mas eu preciso ir, pra garantir que ele não diga uma besteira pra algum f... da p... e estrague tudo. Posso até ver a coisa, uma tremenda manchete dizendo NOSSA HISTÓRIA EXCLUSIVA sem que nos dêem um tos-

tão por ela. Eu, de qualquer forma, não gosto de ir a essas cidades. Uma vez eu estava em Washington e ia saindo do Hotel Mayflower e um crioulo e sua garota crioula vieram na minha direção e o crioulo me apontou uma arma e eu estou ali pedindo pro crioulo não me matar. Os policiais chegam e dizem que a culpa é minha por estar andando à noite — onde diabos eu pensava que estava, em Pascagoula, Mississippi?"

No dia seguinte, Charlie Hickson faz o teste do detector da Agência de Detetives Pendleton e passa pelo teste, embora o homem que o examinasse não tenha dito exatamente que Kickson disse a verdade: "Estou convencido de que ele acredita que foi levado a um nave espacial por tres seres."

Vejo Joe Colingo no fim da tarde seguinte e pergunto a respeito de Parker. "Na verdade, Parker não teve um esgotamento nervoso," diz ele, "foi uma pequena crise e logo ele estará bem". Pergunto se ele sabe o motivo da pequena crise nervosa e Joe diz que não sabe, mas que imagina que foram os Homens-Caranguejo.

"Como você se sentiria se visse esses caras?" me pergunta Joe. Seu tom encerra lágrimas de crocodilo.

"Calvin Parker vai passar também pelo detector de mentiras?", pergunto.

"Não, pra quê? Pra mim Charlie já é suficiente."

"E Hickson, você vai fazê-lo passar por algum outro exame além do de Pendleton?"

"Diabo, aqueles rapazes fizeram um

trabalho bom, pra mim pelo menos. Eu não quero mais p... nenhuma atrapalhando a coisa."

"Você está dizendo que ainda não está convencido de que seja verdade?"

"M... boy," ri Joe. "Eu sempre fui positivo! E então, você quer comprar a História Exclusiva deles? Aperta um botão e pega o telefone.

É o produtor do show de Cavett; o de Griffin já está garantido.

Uma semana depois do dia de Halloween, os Sons of the Beach começaram a repor a sua labuta dentro de uma perspectiva terrestre e, após algum tempo, os Homens-Caranguejo e suas pegadas sumiram de vista.

A Costa do Golfo retornava a uma rotina menos febril: numa cidade não muito distante de Jackson, uma enfermeira negra visitou uma enfermeira branca três noites seguidas e na terceira noite a Ku Klux Klan queimou uma cruz no jardim de sua casa...

Joe Colingo trouxe Charles Hickson de volta do Dick Cavett Show e esperou pela oferta de um milhão de dólares para o livro e o filme de sua História Exclusiva. Ele esperou e esperou e esperou e esperou e esperou e ainda está esperando. "Não entendo," disse Joe Colingo, "a nossa História Exclusiva é maior que Watergate e ninguém quer comprá-la".

E Charles Hickson e Calvin Parker? Charlie voltou para o estaleiro e gasta as suas tardes de sexta-feira bebendo cerveja com os colegas, nunca menciona os Homens-Caranguejo, e nunca vai pescar no

Singing River. Calvin ainda evita uma porção de pessoas e se recusa a falar sobre os Homens-Caranguejo. Ele diz que não quer passar por detector de mentira nenhum e não quer ir a show de TV nenhum e não quer dar sua História Exclusiva para ninguém. Ele quer simplesmente que o deixo em paz.

E um homem de Pascagoula, chamado Bert Charpie, escreveu uma carta para a Câmara de Comércio e para o Press-Register: "Considero uma honra para a costa do Mississippi que os Homens-Caranguejo, com óbvias condições e capacidade de pesquisar qualquer outra parte de nosso planeta, tenham claramente escolhido nossa região como a ideal para sua pesquisa... Eu proponho que um campo de pouso e uma estação de boas-vindas sejam construídos em algum ponto apropriado, uma ilha por exemplo. Que o terreno seja limpo e aberta uma clareira, onde se faça um desenho em cores contrastantes, uma imagem de 150 metros de largura, de um Homem-Caranguejo, de modo a que a nave deles ao sobrevoar não falhe em ver e reconhecer o ponto. E colocar na estação de boas-vindas presentes que possam ser facilmente levados, como radinhos de pilha, máquinas fotográficas, aparelhos de TV, gravadores, relógios, lanternas etc. Com um cordão de isolamento na ilha, como se fosse um Altar dos Homens-Caranguejo. Eu aposto que os Homens-Caranguejo responderão com uma troca de souvenirs que eliminará qualquer possível histeria em relação a sua missão na terra."

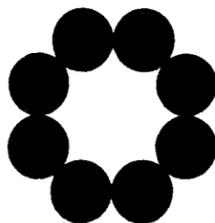
FIM

# BOLSAS EQUIPE

**...prá quem acorda cedo, pega condução,  
dá duro, tem uma hora de almoço, sai as seis e  
prove ser inteligente.**

**E também prá quem não faz nada disso e prove a mesma coisa.**

**inscrições abertas  
CESCEM-CESCEA-MAPOFEI**



**GRUPO  
EDUCACIONAL  
EQUIPE**

Rua Caio Prado, 232 - Tel. 257-2754 256-0425

# DAVID COOPER

"NO MEU MANIFESTO DO ORGASMO, MOSTRO O ERRO TOTAL DO CHAMADO CRITÉRIO DE ORGASMO DE WILHELM REICH"

O psiquiatra David Cooper - 41 anos, nascido na África do Sul mas que circula com passaporte inglês e vive na Argentina - fala de seu livro "A Gramática de Viver", destinado a ter uma repercussão tão grande quanto "Psiquiatria e Antipsiquiatria", livro que o fez famoso mundialmente.

Se no primeiro, Cooper questionou - a partir de experiências em comunidades psiquiátricas co-dirigidas por ele e pelos ingleses D.R. Laing e A. Esterson - o conceito corrente de "doença mental" e afirmou que toda mudança na psiquiatria será estéril sem o acompanhamento de mudança social, em "Gramática" Cooper volta a ampliar as ondas concêntricas de seu pensamento contestador. O papel da prática psiquiátrica na sociedade de hoje, os tabus sexuais, o sentido da vida e da morte, as relações entre o micro e o macro-político, o suicídio - são alguns dos temas que Cooper redefine, a partir de um universo mental e existencial cada vez mais abarçador. Aqui está a entrevista que David Cooper concedeu a Ricardo Halac, jornalista de Buenos Aires, sobre sua última obra.

**Pergunta** - Por que seu livro se chama "Gramática de Viver"?

**Cooper** - Porque não acredito que nenhum de nós tem a força para gerar estruturas de libertação, devido aos processos que, em escala micro-social, começam a ocorrer muito antes da gente nascer, e que acabamos arrastando ao longo de nossas vidas, e de nossas mortes. ... Escrevi um livro que não tem receitas de como viver, mas que aponta, dentro das principais áreas, aquelas onde me parece mais urgente que - através de um processo de desestruturação de todo o excremento intelectual, físico e quase-espiritual com que encheram nossas cabeças e nossos corpos - possamos criar novas estruturas autônomas, ou zonas libertadas do espírito. Ou seja, onde formemos a vivente gramática da vida.

**P** - Como se alcança esse objetivo?

**R** - Para conseguir isso devemos estabelecer focos ou comunidades onde possamos encontrar novas formas de viver nossas vidas numa sociedade pré-revolucionária. Mas no primeiro capítulo desse novo livro, tratei de esclarecer o que é político e de levá-lo além do ativismo macro-social, da política em escala de partidos, Estados nacionais ou geo-política. A noção estende-se ao micro-político, que se ocupa do que as pessoas fazem umas para as outras, nos grupos onde uns se encontram com outros cara a cara, como na família, na rede de amigos, entre companheiros no ambiente do trabalho.

Por isso, o "político" para mim pode estar fora do exercício do poder (e mesmo de seu estudo), e é mais encontrado em e entre entidades sociais.

**P** - E o que entende por entidade social?

**R** - Entendo a pessoa, ou partes de uma pessoa em relação a outras partes dela mesma; uma relação entre duas pessoas; a família; outros grupos que convivem diretamente e, por último, no macro-político, coletividades, partidos, igreja e outras instituições. Também devem-se incluir entidades nacionais e entidades geopolíticas, tais como países em guerra, relações imperialistas entre países e, por último, a cosmopolítica, que não dá para explicar aqui.

**P** - Você falava da extensão do conceito do que é político.

**R** - Convencionalmente, na sociedade burguesa, devido à astúcia animal de dirigentes desumanizados, se opera um processo de rachamento. A velha fórmula do "dividir para reinar". Devido a essa velha estratégia, na Universidade, por exemplo, os estudantes estão polarizados entre os que se preocupam em compreender sensitivamente o que se passa entre eles e o seu meio, de um lado, e de outro, os ativistas, que se orientam na busca de uma mudança social através da politização da classe trabalhadora, mas que, lamentavelmente, são cegos diante do que concretamente se passa entre indivíduos e os grupos menores. A menos que encontremos um traço comum entre essas duas posições opostas, a mudança de toda a sociedade fracassará. E tudo o que podemos fazer, então, é reconhecer a necessidade de contestar sempre.

**P** - Contestação permanente?

**R** - Contestação permanente - do francês "contestation" - é a progressiva desestruturação das formações hierárquicas, tais como a burocracia do poder político, e assim sucessivamente. A contestação permanente nos fará encontrar, no final, a síntese de todas as forças polarizadas numa sociedade que busca a mudança.

**P** - Existe afinal um tema central na "Gramática de Viver"?

**R** - Acho que seu tema mais importante é a necessidade de abolir as noções de "self" (si mesmo) e do inconsciente (eu consciente e eu inconsciente). Esses conceitos deram lugar a direções de experiência e de ação. Essas dire-

ções não são tempo-espaciais, e apontam para e vêm de lá - um nada específico que falsamente se materializa no "si mesmo" mas que, em realidade, é o que chamo de "si mesmo zero" ("Zero self").

**P** - Que é isso de "si mesmo zero"?

**R** - O "si mesmo zero" é um nada específico (juntamente com o conjunto de direções ele forma o indivíduo) que já não tem a falsa segurança de ser uma substância com uma parte interna e contornos ou limites do interior que a fazem parecer como separada do "mundo de fora".

O que se chama o "inconsciente", ou, digamos, "repressão" na psicanálise clássica, eu considero em termos de estruturas tais como ação sobre experiência, que desvia a experiência, como ações sobre as ações na experiência, e assim sucessivamente.

Devemos despojar-nos de noções tais como a de que "temos mente", que obedecem aos ditames da filosofia ocidental, em particular às formas de pensamento e às categorias de Kant. Ideias simplistas sobre o tempo e o espaço, por exemplo, devem ser substituídas no processo de abolição das "mentes kantianas" que - segundo nos ensinaram - se supõe que tenhamos. Além disso, tratei de despojar-me dos "mecanismos psicanalíticos" convencionais como "introjeção e projeção", que dependem de uma dicotomia conceitualmente ilusória do "interno e do externo".

**P** - Há no seu livro, então, um novo ataque à psicanálise, tal como é formalmente exercida?

**R** - Num capítulo intitulado "A quem o analista paga? Uma olhada na "gavilla" da fraude" - tratei de desmistificar, do ponto de vista da "praxis", o contexto da sessão psicanalítica convencional, expressando ao mesmo tempo meu respeito pelo bom trabalho realizado por analistas individuais que se "abriram caminho" no sentido de permitir uma progressiva humanização da situação onde a reciprocidade e o encontro analista-paciente sejam possíveis. O obstáculo principal para o encontro é essa área técnica chamada "interpretação": na interpretação, o intercâmbio de experiência que flui livremente, é distorcida por um sistema conceitual imediato que tem sua origem na teoria antes que no encontro mesmo.

Estou particularmente impressionado pelo trabalho na Argentina de alguns psicanalistas excepcionais que, em vez de inocular sutilmente nos seus pacientes o conformismo, são capazes de deixar que uma pessoa continue com sua própria experiência e com uma clara visão das realidades políticas que existem fora das sessões oficiais. Quando é boa (o que é raro), a psicanálise não é uma questão de tres ou cinco anos de trabalho, senão uma situação experimental em que entramos, da qual saímos, e à qual entraremos de novo durante todas nossas vidas. Ninguém é tão lúcido ou sábio na cultura burguesa para que não o beneficie uma autêntica terapia nesse sentido. Parte do trabalho futuro deve ser a extensão do potencial terapêutico de todas as relações de modo que afinal, quando alcançarmos uma sociedade não alienada, a terapia já não será um artigo de comércio se não uma propriedade comum a todos.

Uma das principais formas do não-encontro analítico que descrevo no livro, ilustrada com histórias de gente que fala de suas sessões, é produto da resistência do analista em considerar a incidência na vida de um sujeito de pais "externos" reais, e a redução da comunicação do sujeito a pais "internos", pedaços de pais e de outros, e a projeção dessas ficções internas. Eu substituiria esses conceitos pela noção de "direções": direções não tempo-espaciais, que apontam para - e desde - um "eu mesmo" não materializado: o "eu mesmo zero".

Na minha opinião, aqui nos encontramos diante de um barato golpe defensivo de origem burguesa, destinado a bloquear na vítima (o paciente) a visão sobre a verdadeira direção que existe entre ele (ou ela) e o resto do mundo humano e natural. Devido a isso, um dos capítulos de meu novo livro se chama "O interior e o exterior". Outros conceitos psicanalíticos devem ser transformados com o mesmo espírito radical. Conceitos tais como "regressão" se convertem assim numa força potencialmente progressiva, que chamo, em outro capítulo, de "vida revivida". Também examino, no livro, o ponto de vista mórfico e reducionista dos psicanalistas sobre a inveja e o ciúme, e faço especulações sobre a

política da inveja e do ciúme. Em outro capítulo, chamado "Sobre como terminam as relações", questiono ironicamente os debates intermináveis e absurdos das revistas especializadas sobre os critérios da alta em psicanálise.

**P** - Pode explicar um pouco o seu conceito de ciúmes e inveja?

**R** - Aqui meu raciocínio é complexo; mas há alguns exemplos óbvios sobre a manipulação da inveja. Há certos grupos minoritários não-conformistas na sociedade burguesa que os dirigentes dessa mesma sociedade e seus sequazes invejam secretamente. Isso dá origem à perseguição desses grupos - mulheres, os "racialmente inferiores", os "sexualmente desviados", os "visionários", as crianças e os que ideológica e religiosamente são diferentes. E, como sempre, a classe dirigente se auto-justifica com mitos de perfeição de sua sociedade "limpa" ... A realidade da inveja foi convenientemente perdida de vista: inveja como ódio da mesma fonte do próprio ser.

**P** - E quanto ao problema do fim das relações?

**R** - Tentei definir a natureza peculiar da não-relação psicanalítica, tanto como a das relações em geral. O casamento, entre outras. O matrimônio sagrado, na minha opinião, devia ser mais total e menos sagrado, ainda que haja uma verdadeira santidade nas relações que abrem um caminho através da selva de mistificações que as pessoas se criam reciprocamente. Creio, assim, na possibilidade de um matrimônio sacramental entre uma pessoa e outra que exclui a violência do contrato legal, e é uma renovada e perpétua eleição em liberdade.

**P** - Consideram-se outros temas na "Gramática de Viver"?

**R** - No capítulo 119, chamado "Aprendendo onde estamos parados", analiso a insegurança ontológica das pessoas. Isso leva a uma reconsideração da natureza do suicídio, que pode ser - para gente que não chega a encontrar alternativa; gente que existe na realidade - um ato terapêutico estático supremo, que nunca deveria ser castigado com a sutil ou surda violência da interferência psiquiátrica.

Num capítulo anterior, relacionado com esse ("Os paradoxos da normalidade"), exploro a incerteza da assim chamada "existência normal" - existência que representa nada menos que o aborto da experiência - como oposta à perigosa passagem na direção - e através de - de uma loucura verdadeiramente libertadora. Também examino as diferentes modalidades do que se chama loucura. Primeiro, a loucura como estigma social, a conspiração de pequenos grupos de pessoas, como a família, contra uma vítima eleita, e revejo as estratégias - algumas das quais são bem conhecidas - usadas para fazer uma pessoa "louca" a fim de aliviar o grupo de sua própria e não reconhecida loucura. Em segundo lugar está a loucura autonomamente escolhida, baseada numa escolha original destinada a transcender o mundo ilusório da normalidade social. Essa é, por exemplo, a loucura de Antonin Artaud, Gérard de Nerval, Holderlin, William Blake e muitos outros gênios tranquilos, que ninguém conhece publicamente.

**P** - Ouvi que você mantém em Buenos Aires um grupo de meditação, é fato?

**R** - Com efeito. Nesse grupo se procura suprimir gradualmente a mente e encontrar uma "mente renovada". O propósito é adquirir uma disciplina de movimento fora de - e de volta à - a própria mente, ao lado de uma paulatina desestruturação do conceito burguês de tempo e da formidanda equação tempo/dinheiro. Em essência, através da progressiva superação da dor e do medo da morte e da loucura, adquirimos mais liberdade para atuar no mundo.

A propósito, posso mencionar também que o livro inclui dois capítulos desmistificadores: "A Reinvenção do Amor" e "Experiência para a Guilhotina".

**P** - Experiência para a guilhotina?

**R** - Essa experiência se refere às diferentes maneiras com que a sociedade e seus agentes abortam, ansiosa e compulsivamente, a possibilidade de uma consciência libertada e visionária, que já não tem a paciência de submeter-se à inibição do ato espontâneo de assumir tudo o que é, assim como é.

No fim, "Gramática de Viver" tem um capítulo chamado "Curriculum mortis" que, entre outras coisas, trata da maneira como podemos morrer nossas próprias mortes ao invés de morrer mortes anônimas que nos foram oferecidas

pelo hipócrita sistema burguês: inclusive nossas próprias mortes.

**P** - Volta a falar das drogas?

**R** - Falo dos viciados, analisando a variedade de falsos conceitos que existem a seu respeito. Em Buenos Aires me impressiona muito favoravelmente o trabalho que o dr. Alberto Fontana e sua equipe realizam neste momento. O que fazem é oferecer ao viciado um contexto humano permanente, tanto de dia como de noite, onde a droga está ao seu alcance até que chegue ao ponto que se enfastia dela e então prefere relacionar-se com outras pessoas sem necessidade de drogar-se. Finalmente, escolhe voluntariamente não procurar mais o narcótico. Aceita o doloroso passo que significa abster-se do estimulante, rodeado de outras pessoas com as quais agora estabelece relações duráveis. Em clínicas convencionais, especialmente as "progressistas" comunidades terapêuticas, a abstinência forçada da droga leva à inevitável reincidência porque ninguém sabe como lidar com o paciente fora do quadro clínico e médico. Cito o tratamento correto, por exemplo usado pelos muçulmanos negros, nos EUA, para a cura dos viciados em heroína. Escrevi também sobre a experiência psicodélica, que é uma experiência autônoma, que nada tem a ver com a psiquiatria formal ou com a interpretação analítica.

Num círculo humano apropriado e num ambiente familiar (jamais numa clínica), a experiência permite a uma pessoa aprender sobre o conhecimento dialético que existe fora e dentro da mente, assim como descobrir uma disciplina que enterra problemas ilusórios (os assim chamados neuróticos) permitindo tomar uma distância infinita na superação por exemplo dos bloqueios sexuais de todo tipo.

**P** - O livro analisa também o problema de sexualidade?

**R** - Na "Gramática de Viver" incluo, e isto é de importância fundamental, um "Manifesto do Orgasmo". Procuo demonstrar o erro total do assim chamado critério de orgasmo de Wilhelm Reich. Ele afirma, primeiro, que o orgasmo deve ser heterossexual, enquanto que, em realidade, o orgasmo homossexual é para muitos uma experiência essencial. Quando falo de homossexualidade gostaria de eliminar do termo qualquer componente psicopatológico pseudo-científico. A homossexualidade não é uma doença nem tampouco um problema; só a falta de uma adequada experiência homossexual é que pode ser um problema.

Reich afirma, depois, que não deve haver fantasias irrelevantes durante o ato sexual. Em realidade, elas podem ser necessárias e até enriquecedoras tornando-se um tema de conversa futura com o parceiro (parceira). Reich estabelece ainda que o orgasmo deve ser de uma "duração apropriada", quando na verdade pode durar um segundo ou - com ou sem substâncias psicodélicas - infinitos de tempo. Por último, afirma Reich que o orgasmo deve concluir-se numa "completa descarga da libido bloqueada", o que é uma absurda e irrelevante redução da experiência a termos métricos, "econômicos", violentando a natureza puramente qualitativa do momento.

O orgasmo feminino é um sucesso raro mas, contra todas as falsas concepções, o orgasmo masculino é mais raro ainda. Examinei esses temas a partir de recentes investigações sobre os mecanismos neuromusculares do orgasmo.

Para chegar ao amor orgásmico, devemos cortar nossas cabeças de modo que possamos penetrar de pleno em nossos corpos: uma auto-decapitação que nos levará para trás, em busca de uma vida perdida.

**P** - E sobre seus planos?

**R** - Entre outros, meus objetivos na Argentina são formar comunidades onde pessoas possam curtir sua loucura fora do enquadramento médico, e assim contribuir para a formação de um Centro Internacional de Ensino, onde gente do "Primeiro Mundo" deverá comparecer, não para ensinar, mas para aprender, num processo inverso de dominação cultural.

Por último, gostaria de esclarecer um mal entendido que já está ficando chato. Sempre me nomeiam como o teórico da "anti-psiquiatria" e da "nova comunidade terapêutica". Ainda que tenha mesmo criado o primeiro termo, não quero ver meu nome associado às "experiências" que se fazem em nome dessa palavra sem que seu sentido original seja compreendido.

Não sou o fundador dessas coisas. Eu apenas sou.

# ABAIXO REICH!

A Quén le Paga El Analista? Una ojeada a la gavilla del fraude. Por David Cooper

"El lector puede asociar libremente fraude (fraud, em inglês) con Freud, si así lo desea" (D. Cooper)

Tratemos de entender o verdadeiro sentido dos atos terapêuticos básicos individuais e sociais. Um exame do ato de "interpretação" é fundamental neste projeto. As interpretações psicanalistas convencionais encontram seu fundamento na teoria psicanalítica. Essa teoria não permite nem sequer o menor espaço à liberdade, entre seus interstícios; esse ato incondicional de assumir livremente o próprio destino de tal maneira que se possa evitar, com um tranquilo êxtase, o que teria sido o próprio destino. Os pressupostos dessa teoria são - ao menos idealmente - que todos os atos humanos são infinitamente inteligíveis em termos de coisas que aconteceram antes a uma pessoa e que a modificação se processa quando o sujeito enfrenta, tanto intelectual como emocionalmente, o sistema de afloramento que se produz no trabalho analítico.

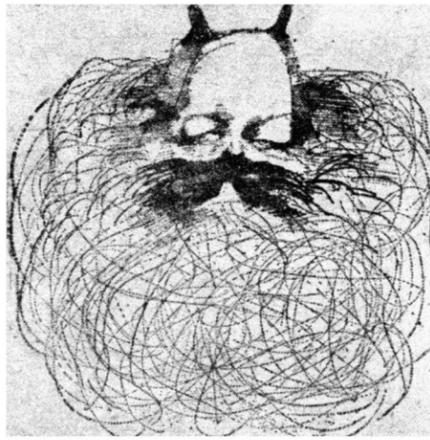
Essa "inteligibilização" da vida de uma pessoa evita o reconhecimento da liberdade que caracteriza um movimento dialético original dessa mesma vida, a dialética segundo "nós nos fazemos do que somos feitos". E estamos "feitos" ("passividade") por uma multidão de fatores condicionantes: nossa biografia; nossa formação familiar; pela cultura que está além da família, e assim sucessivamente (positividades); e por uma "atividade de negação" (escolhas) que nos definem como somos, ainda que possamos liberar-nos desse processo que poderia chegar a moldar-nos, e esse ato liberador, essa escolha original de ser, no final não pode ser restrita a nenhum sistema inteligível, ainda que a extensão de áreas inteligíveis no campo de nosso conhecimento possa facilitar, em uma forma secundária, nosso movimento autônomo de libertação e aqui, por certo, é onde a psicanálise pode ajudar - mas não ajuda. Não ajuda porque não pode - devido aos termos de sua teoria - tocar o núcleo não-analisável e irreduzível de nosso ser, essa espécie de nada-liberdade, intangível e inteligível, que cada um de nós "é".

A pergunta é esta: por que, quando alcançamos a máxima clareza com relação às estruturas inteligíveis de nossas vidas, alguns de nós escolhem negar certos sistemas condicionadores básicos (e, portanto, mudá-los), e outros não? Somos, alguns de nós, como os "übermensen" nietzcheanos, mais livres que outros, por nossa posse de algum tipo de opaca vontade? Ou, para dizer de outro modo, só podemos atuar em liberdade quando podemos conceber a liberdade? Mas, então, por que alguns de nós concebem a liberdade e outros não?

Creio que a concepção da liberdade e sua subsequente inserção no mundo só pode ocorrer através de uma ação que compreenda "assumir valorosamente o risco". Digamos, por exemplo, que estamos jogando vários tipos de roleta russa: nós "apertamos o gatilho" (...) e depois nos encontramos livres; se a bala saiu, perdemos nossa liberdade junto com tudo o mais, e perdemos a partida. Mas, se não correremos o risco, também perdemos a liberdade.

Voltando à natureza do ato de interpretação, vemos que a corrente bi-direcional de experiência que se produz entre o analisado e o analista, se vê interrompida por esse ato. O analista interrompe um sistema mediador, derivado de sua teoria, com o propósito de compreender e desse modo facilitar a substituição por outro, usando a interpretação como veículo. Esse sistema mediador bloqueia a continuidade do intercâmbio de experiência e o bloqueia com resultados desastrosos quando o analista se vê obrigado a usar essa mediação para evitar, como defesa, o livre intercâmbio que sente como uma ameaça a suas próprias "estruturas do ego". Essa não reconhecida ação defensiva, realizada pelo analista, pode traduzir-se em forma de comentários segundo os quais o analisado está oferecendo "resistência". Essa resistência pode em realidade ser uma estratégia necessária, que necessita confirmar-se como tal, se o analisado procura manter sua capacidade de manejar realidades sociais fora da situação analítica, se é que se dispõe a manter uma vida autônoma fora da relação analítica em vez de uma inválida dependência central com relação a ela.

"Resposta", e não "interpretação" - é o termo que prefiro aplicar ao intercâmbio terapêutico



essencial. Resposta de um a outro, que pode ocorrer com igual significação no "terapeuta" e no "paciente". Pode ou não incluir palavras. De qualquer maneira, a maior parte da resposta estará além das palavras. Na situação de resposta, as duas pessoas (ou o grupo) são entidades separadas, ainda que estejam relacionadas a ponto de uma assimilar as mudanças da outra, e os efeitos de cada mudança provocam outras mudanças e repercutem de novo em cada uma. Passando de uma metáfora auditiva a uma visual, poder-se-ia dizer que o "ato terapêutico básico" é um ato pelo qual uma pessoa (a que se pode referir como o analisado) acende uma luz no outro (o analista) e quando este se sente iluminado, a primeira pessoa é capaz de ver a luz que acendeu. Dizendo de outro modo: o analisado sabe que se fez conhecer pelo analista, e internaliza o ser como ser-conhecido pelo analista de modo que o converte em conhecer-se a si mesmo. O que importa é a qualidade ontológica de conhecer e ser-conhecido em relação à qual o conteúdo de saber verbalizado ou verbalizável é absolutamente secundário.

Ilustrando graficamente pode-se dizer que, numa relação de resposta, a pessoa A influencia a pessoa B que influencia a pessoa A.

A ↔ B

Também a pessoa A assiste à pessoa B influenciando-se a si mesma (B) e também vê a pessoa B impressionando-a a ela (pessoa A).

A → (B → B) + (B → A)

O desenvolvimento de um esquema assim é infinito.

Na situação analítica interpretativa, o gráfico básico é deste modo: a pessoa A impressiona a pessoa B através de seu sistema de medição (M<sub>A</sub>), e a pessoa B influencia a pessoa A através do sistema alienado de medição da pessoa A

A → M<sub>A</sub> → B → M<sub>A</sub> → P<sub>A</sub>

O ato terapêutico básico compreende também a dialética de presença e ausência de cada um em relação ao outro. Neste ponto, gostaria simplesmente de sublinhar como a experiência de presença ou de ausência do outro pode ser uma ilusão enganosa; muito mais do que uma ilusão de colisão.

A posição comum é: seu pensamento está dentro de você.

Mas: você pode entrar dentro do seu pensamento.

Então: você não está aqui porque você está dentro do seu pensamento.

Você está em qualquer parte menos aqui

Mas seu pensamento está aqui

Portanto você está aqui.

Quando duas pessoas se "relacionaram significativamente" de forma recíproca, a única base possível para a experiência de ausência é a presença em relação à ilusão de ausência. A geografia não tem importância.

A dialética de presença e ausência é importante com respeito ao ato terapêutico básico, precisamente nos termos do tipo de ilusão descrito e da necessidade de desmitificá-la. Por certo que a retirada acontece e essa retirada de uma pessoa pode ser sentida como absoluta e provocar intensa dor no outro, e ainda pode ser sentida mais ou menos intensamente pela pessoa que se retira. A retirada que gera a experiência de ausência é, não obstante, o resultado de um duro trabalho sobre as presenças, trabalho que se realiza durante o período de "ausência". Desse modo, ausência é atividade; inclusive o "estar aborrecido" é atividade presente; estar

aborrecido é ou bem estar aborrecido por uma atividade do outro ou (ativamente) aborrecer-se a si mesmo. De uma maneira similar, abandonar-se a algo privado de reflexão, que não parece relevante para a relação, é uma maneira muito presente de ausentar-se. O comentário "você está pensando no quê?", feito pelo analista ao analisado, é um modo de tentar romper uma ausência presente. Pode tratar-se de uma sensação no analista de que ela (ou ele) não está trabalhando com suficiente energia e/ou a intenção de ajudar ao silencioso analisado para tirá-lo de um estado de bloqueio. Pode ser uma pergunta criativa só quando as condições estabelecidas na relação são de tal ordem que o analisado possa fazer ao analista a mesma pergunta. Ainda que aqui eu esteja falando das relações entre analista e analisado, muito do que digo pode generalizar-se para qualquer relação. É absurdo considerar a experiência terapêutica como área exclusiva de profissionais. Qualquer relação que se explora profundamente, em forma suficiente, pode ser o solo fértil onde o ato terapêutico básico floresça.

Ademais, com respeito ao entre-jogo entre a presença e a ausência na relação terapêutica, há uma situação em que duas pessoas se encontram cada uma ausente de si mesma e entram no mesmo espaço que é um espaço entre elas. Depois de um tempo indefinido em que convivem no mesmo útero - que é uma produção de ambos - cada uma emerge da experiência para encontrar-se presente perante si mesmo e presente ao outro, com um novo estado de separação alcançado. Esse estado de separação procede da ausência de cada pessoa de si mesma, ausências que geram uma co-presença que era a presença de nenhum, mas de ambos.

Por último, eu sublinharia a idéia de uma expansão da relação terapêutica além do campo humanamente sufocante e ideologicamente pervertido do profissionalismo. Eu poderia sustentar, com termos mais ou menos sofisticados, que - por exemplo - um treinamento psicanalítico oficial elimina ou ajuda a eliminar equívocos, no relacionamento, que bloqueiam a "cura" ou "prejudicam" o paciente. Presumivelmente a "cura" implica algum tipo de libertação do paciente de alguma desordem com que se o haja batizado. Bem, talvez, a libertação é uma verdade estabelecida para conformar com os valores burgueses da sociedade, que se refletem nos estilos de vida da maioria dos analistas. Estilos de vida excessivamente dominados pelo consumismo e que colocam um obstáculo intransponível entre o analista e o analisado ideologicamente progressista. O analista ideologicamente progressista que superou toda a culpa acerca de aceitar dinheiro do analisado e toda a culpa sobre a restrição de tempo que tem para cada um, só pode funcionar autenticamente se limitar seus gastos ao mínimo e se também trabalhar, fora do consultório, para a mudança.

As entidades psicanalíticas tendem a excluir gente não-conformista, inovadora e criativa, assim como certos clubes de golfe excluem pessoas cuja raça ou religião sejam "erradas", tais como judeus ou, mais especialmente, os pretos. Em ambos os casos é simplesmente uma mistificação trabalhar a favor da integração, coisa que se torna uma espécie de mendicância. Essas instituições devem fechar.

No curso da luta pela mudança em nós mesmos e no mundo, a terapia há de ser uma propriedade comum a todos e deixar de ser um artigo no supermercado dos profissionais. Alguns dos que possuem a presença terapêutica maior são aqueles que viveram totalmente sua loucura perigosa; em realidade, são as vítimas da psiquiatria; o aspirante a terapeuta não pode fazer muito mais do que sentar-se durante horas intermináveis, vivendo com gente oficialmente rotulada de "psicótica", escutando e sentindo gradualmente seu caminho na sutil espera de uma verdadeira resposta. É até demais dizer que esse tipo de atividade não tem lugar no programa de treinamento dos psiquiatras e dos psicanalistas. A outra presença terapêutica é a dos visionários que, tentando compreender os acontecimentos de massa, ajudam a transformar o mundo através do impacto liberador nos outros de sua formosa, pessoal e louca poesia da ação.

A loucura é negra. Assim também é a verdadeira anti-psiquiatria. A psiquiatria negra vencerá finalmente a branca psiquiatria.



## Lennon rides again

Se os Beatles vão voltar a funcionar juntos, ninguém ainda sabe, mas que eles - ou pelo menos três deles (a exceção é George Harrison) - estão aparecendo demais ultimamente, estão. Só de Lennon, neste começo de ano, os jornais americanos e europeus já falam um punhado de vezes. Aqui estão quatro dessas notícias sobre o ex-líder dos Beatles.

1ª - Como não manter em segredo uma aventura secreta: mês passado, na Vila Sevilla, sul de Sunset Boulevard, Los Angeles, ouviram-se gritos e ruídos de coisas sendo quebradas num apartamento. A polícia foi chamada e chegou armada. Bateu na porta; as luzes se apagaram. Bateu de novo, e finalmente uma famosa cabeça apareceu - "Alô, sou John Lennon, lembram dos Beatles?". Os policiais riram e disseram, "Prazer em conhecê-lo, John". E se mandaram.

O apartamento estava ocupado por uma garota oriental (não Yoko) que o sublocou de alguém que o sublocara de alguém. De acordo com um dos moradores do apartamento, "Tenho dó de quem o sublocou; pelo barulho da briga, não deve ter sobrado nada lá de dentro".

2ª - John Lennon foi assistir ao show de Ann Peebles, e na ocasião usava um Kotex na cabeça. Havia umas onze pessoas na sua mesa; ele não deixou gorjeta para a garçonete e em resposta ao chiado desta ele disse, "Sabe quem eu sou?", disse ela. "Você é algum bunda-suja com um Kotex na cabeça".

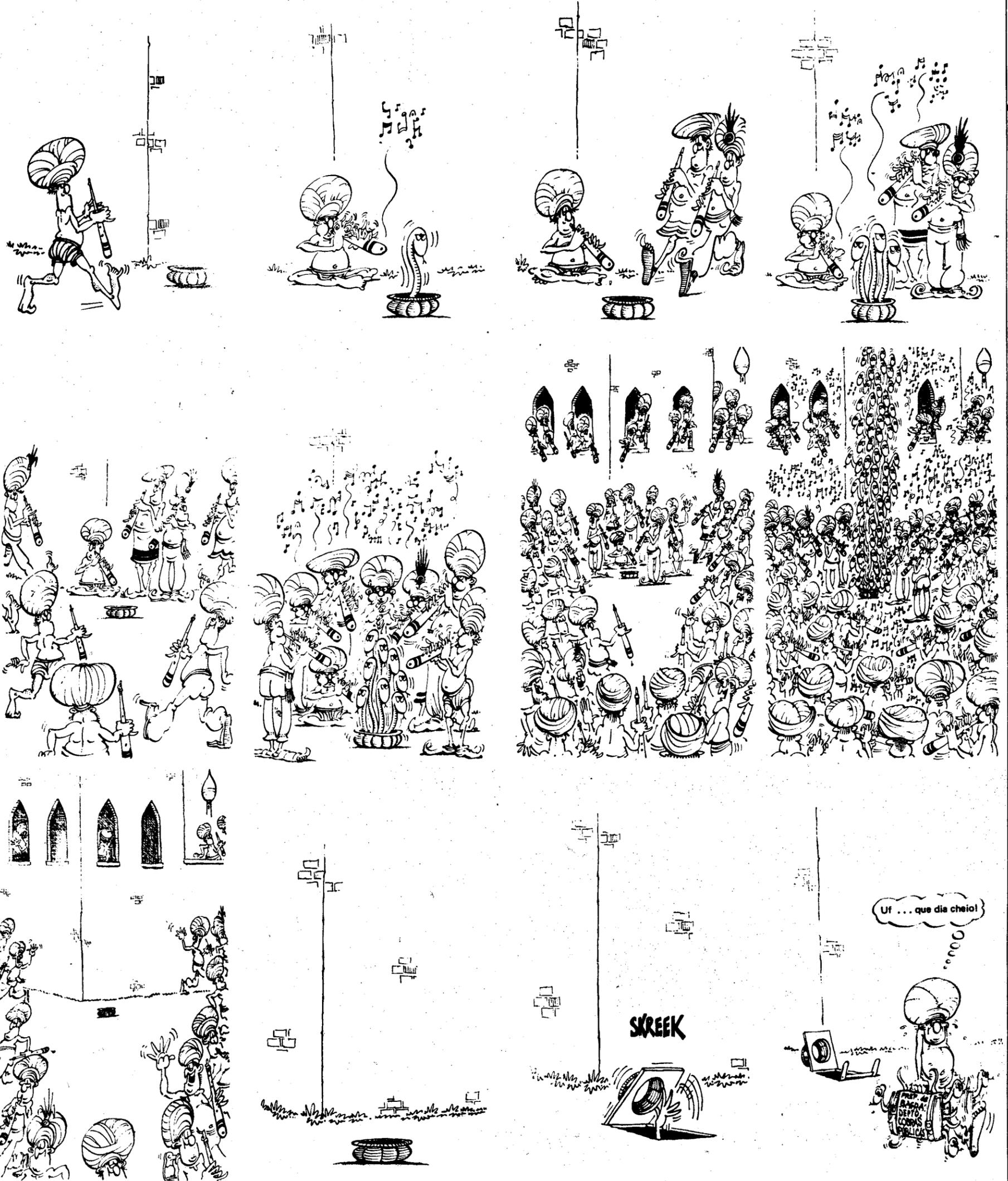
3ª - Um jornalista bem informado de New York jura que Yoko Ono está grávida, não de John mas John quer Yoko de volta de qualquer jeito. Enquanto isso, Yoko consulta um astrólogo quase diariamente.

4ª - Lennon está pondo em leilão, este mês, o plano no qual foram compostas muitas das músicas dos Beatles. Motivo: levantar mais dinheiro para garantir a defesa de seu amigo Michael Abdul Malik, líder Pantera Negra de Londres que foi condenado à morte em Trinidad, acusado de assassinato.

# ★COMICUS★

## Um dia em BAGDÁ

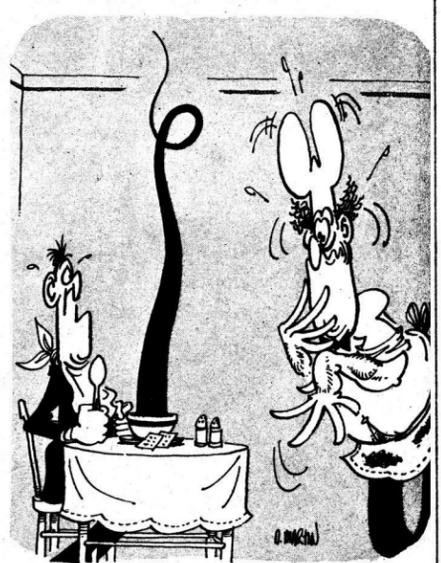
## DON MARTIN



# Os amigos penosos



# Uma noite num restaurante



# Caçando ostras em NEW JERSEY

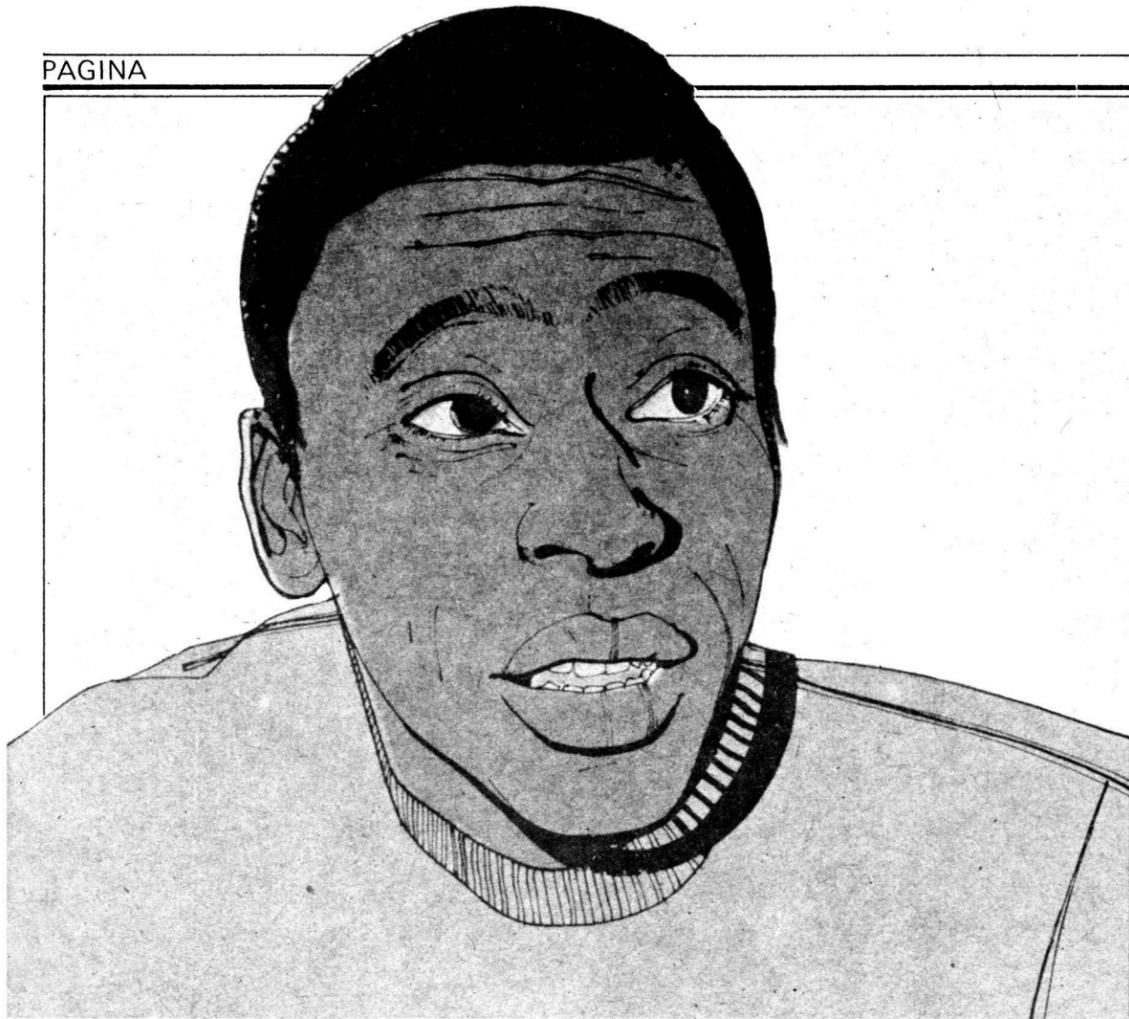



**jeans store**  
**Levi's**

Loja 1  
Rua Iguatemi, 455 (com estacionamento).  
Loja 2  
Rick Store - Av. Faria Lima.

**ex-**

Editores: Sergio de Souza, Narciso Kalili, Hamilton de Souza, Dacio Nitri, Sumiko Arimori, Palmério Dória Vasconcelos, Hamilton de Almeida Filho, Ricardo Alves, Marcos Faerman, Armino Machado, Carlos Alberto Caetano, Antonio Mancini. Ex- é publicado por Ex-Editora, rua Santo Antonio, 1043, Bela Vista, São Paulo. Circulação mensal, distribuição própria. Composto na Compenser, rua Rêgo Freitas 498, SP. Impresso na Edital, rua Agostinho Gomes 1277, SP. Nenhum direito reservado.



**JORNAL DE TEXTO,  
HISTÓRIA EM QUADRINHO,  
FOTOS E DISCOS VOADORES**

**ANO I · Nº 4 · FEVEREIRO · 74**

# EX-

# THE PELE STORY



BRAZIL HAD QUALIFIED FOR THE 1970 WORLD CUP SERIES IN MEXICO WITH CONTEMPTUOUS EASE. THE OTHER TWO SIDES IN THEIR QUALIFYING GROUP WERE ENGLAND, AND THE HIGHLY FANCIED CZECHOSLOVAKIAN

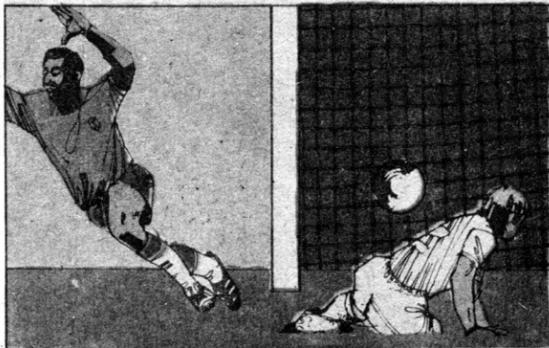
SIDE. PELE SHATTERED THE CZECHS WITH A BRILLIANT EFFORT, A HIGH BALL, CAUGHT AT SPEED ON HIS CHEST, AND THEN VOLLEYED FAST THE CZECH KEEPER VICTOR. AFTER THIS GREAT 4-1 VICTORY, THE BRAZILIANS LINED UP AGAINST ENGLAND.



BETWEEN ALL HIS FOOTBALLING COMMITMENTS, PELE FOUND TIME TO MARRY A BEAUTIFUL GIRL, ROSEMARY, AND BECAME A FAMILY MAN.



WITH NONE OF THE PRESSURES OF PLAYING TO WIN, PELE COULD ENJOY HIMSELF DURING TRAINING, AND OFTEN PLAYED IN GOAL. HE SUBSTITUTED FOR THE GOAL KEEPER AT SANTOS, BUT THE FANS DISLIKED THIS AS IT MEANT THAT PELE WOULDN'T BE SCORING ANY GOLDEN GOALS!



BRAZIL BEAT ENGLAND BY A SINGLE GOAL. BOBBY MOORE (ABOVE LEFT AND RIGHT) PLAYED PELE OUT OF THE GAME. MOORE IS PELE'S FAVOURITE PLAYER, AND THEY ALWAYS EXCHANGE SHIRTS AFTER A MATCH. THE FINAL, AGAINST ITALY, WAS A FITTING OCCASION FOR PELE TO SCORE HIS 100th GOAL IN WORLD CUP FOOTBALL, A HEADER FROM A CROSS BY RIVELINO. PELE HAD HELPED BRAZIL TO THEIR THIRD WORLD CUP VICTORY. JUBILANT SUPPORTERS CARRIED HIM AROUND THE STADIUM.

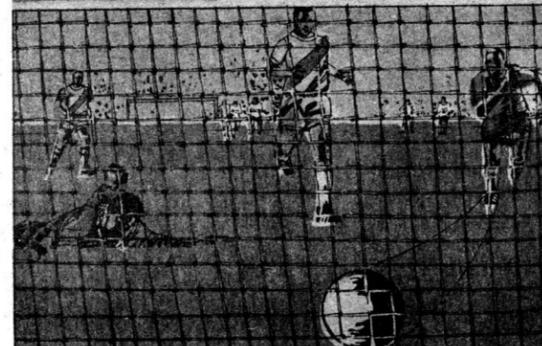


PELE WAS A MARKED MAN FOR EVERY FULL BACK DURING THE 1966 WORLD CUP, HELD IN ENGLAND. EVERY TIME HE GAINED POSSESSION HE WAS BRUTALLY HACKED DOWN. A HALF-FIT PELE TOOK THE FIELD AGAINST PORTUGAL, BUT WAS SOON BACK ON THE TOUCHLINE, HIS FACE TWISTED WITH AGONY. BRAZIL AND PELE WERE LITERALLY KICKED OUT OF THE COMPETITION BY VICIOUS TACTICS.



PELE HAS WON JUST ABOUT EVERY AWARD THAT FOOTBALL CAN OFFER. SANTOS HAD A SOLID GOLD FOOTBALL WEIGHING 4½ LB. CAST FOR HIM. A PLAQUE TO COMMEMORATE HIS 1000 GOALS CAN BE FOUND IN SANTOS SOCCER STADIUM. ALTHOUGH RETIRED FROM INTERNATIONAL FOOTBALL, PELE PLAYS 'FRIENDLIES' ALL OVER THE WORLD. HERE HE PLAYFULLY PULLS THE HAIR OF BIRMINGHAM'S SENSATIONAL TEENAGER, TREVOR FRANCIS, BEFORE A GREAT MATCH. FOOTBALL WILL NEVER FORGET PELE... YOU CAN BE SURE OF THAT!

THE END.



FORTUNATELY, CLUB FOOTBALL HAD ITS COMPENSATIONS! SANTOS WERE NOW PAYING PELE £60,000 A YEAR. HE WAS AWARDED THE RIO BRANCO ORDER, THE HIGHEST BRAZILIAN DECORATION AND DECLARED AN OFFICIAL ASSET BY BRAZIL. FIGHTING HIS WAY THROUGH CROWDED DEFENCES, THE 1000 GOAL TARGET EDGED NEARER. FINALLY, OVER 75,000 JUBILANT FANS MOBBED PELE AFTER HE HAD NETTED A PENALTY AGAINST VASCO DA GAMA. BRAZIL EXPLODED WITH REJOICING. PELE, WEARING A SHIRT WITH 1,000 ON IT, WAS CHEERED OFF THE FIELD.

ACTION... THRILLS... FACTS...  
FEATURES AND FICTION ALL

PRICE 70

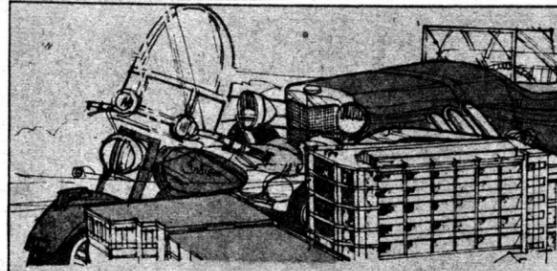
No 3



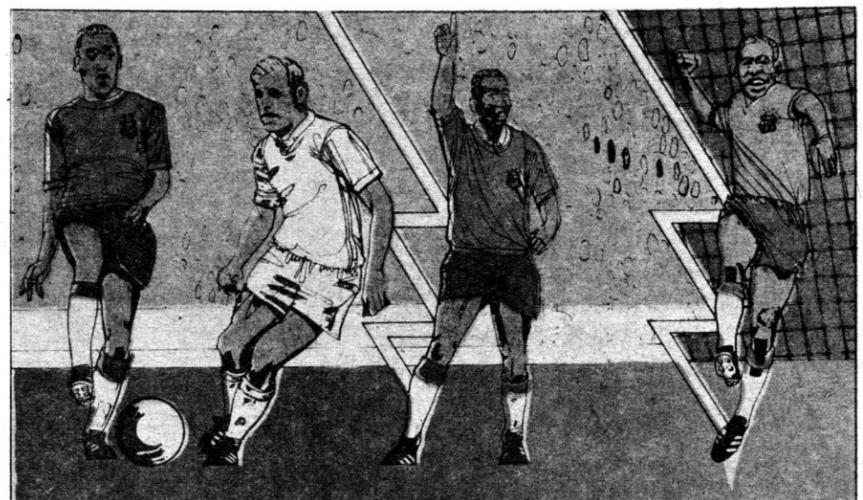
...The King  
of football's  
...story  
...in colour

PELE, OR TO USE HIS FULL NAME, EDSON ARANTES DO NASCIMENTO, WAS BROUGHT UP, LIKE SO MANY BRAZILIAN CHILDREN, WITH LITTLE ELSE TO DO BUT KICK A FOOTBALL AROUND THE STREETS. HE HAD THE HELP OF A FATHER WHO HAD PLAYED PROFESSIONAL FOOTBALL, TO TEACH HIM THE BASIC SKILLS CORRECTLY. PELE FIRST SPRANG TO PROMINENCE AT THE TENDER AGE OF 13. PLAYING FOR A LOCAL SIDE, NOROESTE, HE RAN RINGS AROUND OPPOSING DEFENCES. IN ONE YOUTH MATCH, HE SCORED 9 GOALS! HIS FATHER WROTE TO SANTOS SUGGESTING THAT THEY SEND A SCOUT TO WATCH HIS SON. AS LOCAL LEGEND GOES, THE SCOUT WAS SO AMAZED AT THIS YOUNG BRAZILIAN'S SKILLS THAT HE RAN ONTO THE FIELD IN THE MIDDLE OF THE GAME, DETERMINED TO SIGN HIM THERE AND THEN!

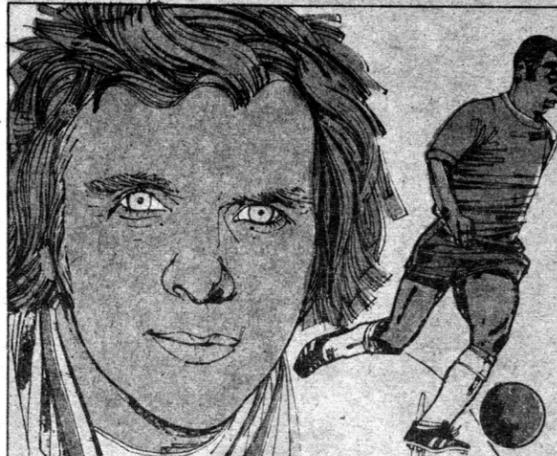
# THE PELE STORY



THOUSANDS OF GRATEFUL FANS GAVE PELE EXPENSIVE GIFTS - LIMOUSINES, YACHTS, MOTORCYCLES, HOUSES. ... SANTOS WERE PAYING HIM £500 A WEEK. HE BEGAN MANY BUSINESSES WHICH MADE HIM EVEN WEALTHIER, SO IT COMES AS NO SURPRISE THAT PELE AND SANTOS TURNED DOWN THE VAST OFFERS THAT MANAGERS SUCH AS HELENIO HERRERA OF INTER MILAN (RIGHT) MADE FOR HIS TALENTS.



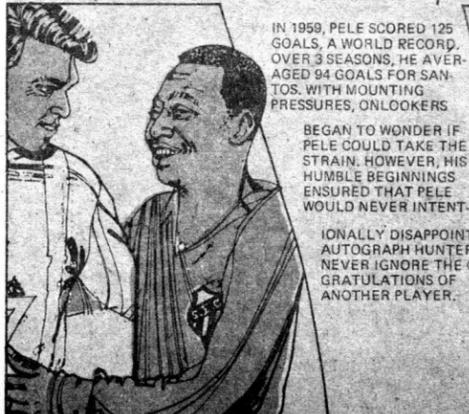
BY THE AGE OF 19, THE CROWDS OF SANTOS' STADIUM WERE BEING LED APLAUS OF PELE'S MAGIC. EACH TIME HE TOUCHED THE BALL, HIS CHEERFUL GESTURES, TOGETHER WITH HIS PEASANT BOY BECAME PELE THE NATIONAL HERO!



ON MAY 30th 1964, BRAZIL DEMORALISED ENGLAND IN THE "LITTLE WORLD CUP", SMASHING 5 GOALS PAST BOBBY MOORE'S DEFENCE. AFTER THE GAME, BOBBY REMARKED: "TAKE PELE AWAY FROM THE BRAZILIANS AND WE ARE JUST AS GOOD, BUT HE IS SUPERNATURAL." TAKE THAT GOAL HE SCORED - HE PICKED THE BALL UP OUTSIDE THE PENALTY AREA, THEN BEAT A DEFENDER - WHAT WOULD HE DO NEXT? THERE WERE AT LEAST FIVE MEN BETWEEN PELE AND THE GOAL, ALL CORRECTLY POSITIONED, BUT PELE FOUND A GAP AND CRASHED THE BALL INTO THE NET. THAT IS WHY PEOPLE CALL HIM 'THE GREATEST FOOTBALLER IN THE WORLD'!



HONOUR FOLLOWED. PICKED TO PLAY FOR HIS COUNTRY AT THE AGE OF 16, PELE HAD JUST 2 YEARS TO WAIT FOR THE 1958 WORLD CUP, HELD IN SWEDEN. VINCENTE FEOLA, BRAZIL'S TEAM MANAGER, CHOSE TO REST PELE DURING THE EARLY QUALIFYING GAMES, BUT AFTER BEING HELD TO A GOALLESS DRAW BY ENGLAND, MAINLY THROUGH A GREAT DISPLAY BY THE GOAL KEEPER, COLIN MACDONALD, (FAR LEFT) PELE WAS RECALLED TO PLAY AGAINST WALES, AND IT WAS PELE WHO POPPED UP TO SCORE THE VITAL AND ONLY GOAL.



IN 1959, PELE SCORED 125 GOALS, A WORLD RECORD. OVER 3 SEASONS, HE AVERAGED 94 GOALS FOR SANTOS. WITH MOUNTING PRESSURES, ONLOOKERS

BEGAN TO WONDER IF PELE COULD TAKE THE STRAIN. HOWEVER, HIS HUMBLE BEGINNINGS ENSURED THAT PELE WOULD NEVER INTENT-

IONALLY DISAPPOINT AN AUTOGRAPH HUNTER, NEVER IGNORE THE CONGRATULATIONS OF ANOTHER PLAYER.

PELE FOLLOWED UP THE MATCH AGAINST WALES BY CRASHING PAST FRANCE IN THE SEMI-FINALS. A NATURALLY PRO-SWEDISH CROWD ECSTATICALLY GREETED THE TWO FINALISTS. FOR THEIR OWN SIDE HAD FOUGHT THEIR WAY THROUGH TO THE FINALS. AFTER ONLY FOUR MINUTES, SWEDEN UNBELIEVABLY LEAD, THROUGH A GOAL BY THEIR CAPTAIN, LIEDHOLM. BUT BRAZIL TURNED ON ALL OF THEIR MAGIC TO RUN OUT THE VICTORS, BY 5-2. PELE HAD NOTCHED 2 GOALS, HIS FIRST, A TYPICAL GLM, PICKING THE BALL UP IN THE CROWDED GOALMOUTH, HE FLICKED IT FROM HIS RIGHT THIGH TO HIS LEFT, ONTO HIS HEAD, A DELICATE BACKHEADER AND THEN A 180° TURN TO SMASH A VOLEY PAST THE AMUSED SVENSSON. THIS WAS PELE'S WORLD CUP!

